

“NARRATIVIDADES REFLEXIVAS DE BRASILEIROS EMIGRADOS DE PERFIL (NEO)CONSERVADOR: sujeitos, contextos e perspectivas sociopolíticas”

Patrícia Gouveia¹

UMA APRESENTAÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto “*Um Pedaco do Brasil na Espanha: perfis diferenciados e representações sociopolíticas apartadas entre dois grupos de brasileiros emigrados*”. No qual, em perspectiva comparativa, qualifico dois coletivos de brasileiras e brasileiros emigrados que se definem e são definidos como politicamente contrários (G1 e G2)².

O projeto está sob coordenação da Regional 1 (R1-CDS). Junto aos objetivos do Programa CDS, representaria um pontapé inicial à pretendida criação de um Grupo de Trabalho (posteriormente uma Linha de Pesquisa, talvez) que agregue novos projetos, voltados à compreensão e interpretação de um Brasil dentro e fora de suas fronteiras físicas.

Essa proposta inaugural teve início na discussão e elaboração final do plano de trabalho (Fase 1 - F1), seguido pela execução de pesquisa empírica (F2) e pela sistematização e análise de dados (F3). Atualmente está na última fase de produção de textos e relatórios (F4).

Neste texto, reflito sobre pontos de vista sociopolíticos notificados de conterrâneos que vivem na Espanha - **simpatizantes, apoiadores e/ou eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro** -, que conformam o **Grupo 1 (G1)** do referido projeto. Apesar de semelhanças, **seus componentes não conformam um corpo uniforme**. Junto a diferenças extra grupo, em relação ao segundo coletivo (G2) apresentam discontinuidades internas.

Em termos gerais, foram agrupados segundo traços sociodemográficos semelhantes, pertencimento a mesma rede de sociabilidade e, finalmente, perfis políticos diferenciados - maior ou menor manifestação de ‘antipetismo’ e escala de adesão à retórica e à pauta neopopulistas que circulam nas redes sociais (principalmente as virtuais), com que todos afirmaram lidar corriqueira e diariamente -.

Como marcadores diferenciais internos, foram salientados o tempo de migração (que indicou diferenças nas formas de inserção na vida prática, mas também na maneira como dimensionam a própria experiência ‘migrante’), o padrão social na Espanha (distintas condições materiais e acesso a serviços e bens) e a forma como avaliam gestões governamentais passadas e a situação política atual - notadamente, o nível de anuência aos discursos e à agenda que controlou o Estado, a Política e parte da Sociedade no Brasil, no período de 2018 a 2022 (com ênfase nas críticas político-partidária anunciadas) -.

A tarefa de sistematização dos dados construídos levou à acomodação desse primeiro grupo (**G1**) em dois **subgrupos**: os **‘convictos’**, que se mostram mais vulneráveis às matérias e conteúdos colocados em circulação nas redes digitais que frequentam, bem como deveras ‘enviesados’ por forte sentimento ‘antipetista’ (**G1.1**); e os **‘comedidos’**, que demonstram ser menos propensos a absorver acriticamente certos conteúdos, veiculados nesse ambiente, e nada radicalizados em termos político-partidários (**G1.2**).

Em três seções específicas, exploro dimensões identificadas em enunciados e posicionamentos simbólicos dos sujeitos de ambos os subgrupos, dispostas em quatro eixos interpretativos. Embora imbricadas, uma

¹ Coordenadora da Regional 1 (R1) do Centro de Estudos do Discurso - CDS/Barcelona e Pesquisadora em Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB, sob supervisão dos professores Viviane de Melo Resende e Teun van Dijk.

² “*Um Pedaco de Brasil na Espanha*” faz parte do Programa de Investigação do Centro de Estudos do Discurso, em parceria com o Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília - UnB e com duas universidades do Chile e Colômbia, que coordenam quatro regionais específicas: R1 (Brasil no Exterior), R2 (Brasil), R3 (Chile) e R4 (Colômbia). Ver https://es.discoursestudies.org/_files/ugd/1c2d30_b89cedd223f34f21bb003d335a2d4573.pdf

delas tende a ser englobante (**narratividade reflexiva**) e três outras são mais circunscritas (**discriminação subjetiva, seletividade crítica e juízos políticos**).

Na primeira parte, exibo **um retrato panorâmico dos sujeitos abordados diretamente**, destacando indicadores representativos do G1. De forma estratégica, o mote à interação para construir esses dados básicos foi o preenchimento da Ficha-cadastral (FC), que promoveu um ambiente comunicativo fundamental à materialidade e continuidade da pesquisa empírica (**'conversas-dirigidas'**).

Na segunda, apresento **um perfil abreviado** daqueles do G1 que foram entrevistados (**'informantes-chave'**)³, contextualizando seus enunciados em situações interacionais ampliadas, eivadas de distanciamentos, proximidades, relativizações e 'revelações', próprias à dinâmica etnográfica (**'conversas-estendidas'**). As entrevistas constituíram as peças discursivas centrais à reflexão proposta.

Finalmente, na terceira seção, examino **fragmentos discursivos dessas 'conversas aprofundadas' que recaem sobre 'razões identitárias'**, apreendidas em distintas situações interacionais e atravessadas por interpelações referentes a seus itinerários de vida.

Maior ou menor adesão aos discursos e à agenda 'bolsonarista' e os julgamentos político-partidários enunciados confirmam o posicionamento simbólico deles como de tendência (neo)conservadora. Digo simbólico, sobretudo, porque situacional e fortemente remetido à dimensão afetivo-moral.

Ao longo de nossas interações não foi possível apreender elementos mais operativos e funcionais nas declarações sociopolíticas observadas (que confirmassem representações externas sobre eles, como 'rebanho', 'robô-de-Bolsonaro', 'militante-extremista', 'patriota'); tampouco, identificá-los como 'protótipos ultradireitistas'.

Aos meus olhos, parecem nada mais que pessoas comuns, com formação e visão de mundo de características conservadoras (como a maioria no Brasil), que foram sendo 'arreatadas' (como tantos) pelo radicalismo de direita que irrompeu no cenário brasileiro recente, ressignificando temporalmente um autoritarismo atávico, constitutivo da história política e social de nosso país.

De forma breve, remeto-me ao trabalho de campo e o processo de construção de dados (F2 e F3). O exercício etnográfico foi realizado de novembro de 2022 a julho de 2023. Foram oito meses contínuos de interação direta, imprescindíveis à revisão de pressupostos iniciais e à materialidade da investigação proposta.

A geração de indicadores centrais (dos dados básicos aos fragmentos textuais) ocorreu em momentos interacionais distintos (as trocas de mensagens e encontros estabelecidos, o preenchimento e revisão da ficha-cadastro, a entrevista e contextualização dos sujeitos, os grupos de discussão e a revisão de notas de campo). Essa pesquisa empírica produziu reordenamentos e peças discursivas complementares que reconfiguraram objetos de análise⁴.

Nos contornos dos universos empíricos pesquisados e dos contextos de interlocução, ao apreciar questões 'dirigidas' (sem formato aberto, diretamente colocadas) foram observados modos de enunciação singular e 'extensivo', presentes em todos os entrevistados. A maioria contava histórias (pessoais e conjunturais) que atravessavam indagações objetivas.

Em geral, as 'perguntas' e as 'respostas' eram conduzidas mais além da inquirição estruturada na ficha-cadastral (FC), nos roteiros de entrevista (EA) e dos grupos-de-discussão (GF e GD) e, sobretudo, no *'making off'* dos depoimentos.

³ Reconheço a necessária preocupação com a forma que se denomina (sendo política e, aqui, academicamente, 'correta'), mas não considero que sujeitos pesquisados sejam em nível absoluto 'participantes' de uma investigação, embora sejam em termos epistemológicos (decisivos e centrais no processo de construção de conhecimento). Por isso, espero que o uso do termo 'informante' não ganhe conotações negativas (bem como outros passíveis disso). Como sabemos, a categoria 'informante-chave' possui tradição na pesquisa etnográfica e faço uso dela dentro desses marcos. Como uma 'técnica' de inserção e abordagem em campo, busco descrever, interpretar e compreender determinada realidade sociocultural através de pessoas representativas dela. Mais ainda, sujeitos que forneçam informações relevantes e *insights* sobre tópicos e questões complexas pertinentes à pesquisa.

⁴ Aqui, nunca é demais sublinhar que todo trabalho de campo incrementa e calibra o projeto original, num cotejo entre a dinâmica de construção de dados e o processo de produção de conhecimento (Gouveia, 2023).

As narrativas retomavam temas, premissas e ideias presentes nas redes virtuais que freneticamente 'consumiam', confirmando a suspeita de que, embora apreendidas 'em campo', muitas argumentações foram geradas e potencializadas em outros ambientes, notadamente, nos nichos interacionais de seus participantes, dos físicos aos virtuais. Todavia, estavam presentes e informavam nosso contexto comunicacional, revelando aspectos identitários e biográficos desses sujeitos.

Como já sabíamos, os 'meios' de comunicação virtuais é ambiente interativo prioritário à ação desses sujeitos. Um ecossistema comunicacional que encarna alcances e efeitos infinitos e escalona motivações iniciais dos envolvidos na dinâmica comunicativa - tanto dos produtores e mediadores das opiniões veiculadas, quanto dos interesses imediatos de seus usuários -.

Nesse universo empírico, particularmente, é um dispositivo de muitas funções e articulações que se mostra crucial à socialização e à 'atualização' política deles. Nas bolhas eletrônicas (um circuito de informações fechadas, voltado para os conteúdos produzidos em seu próprio interior) eles trocam informações e significados e formam opiniões sobre pessoas, fatos e eventos políticos e sociais que ocorrem no Brasil (principalmente), em tempo imediato e simultâneo. Contudo, continua sendo surpreendente seu grau de adesão às mensagens controversas em circulação.

Isso indica haver outras 'razões' para além do incontestável poder de captação e cooptação das redes virtuais. Como observado 'em campo', questões relacionadas ao complexo domínio das afeições embasam os pontos de vista evocados, ficando patente uma emocionalidade promovida, reproduzida e mediada por esses meios de sociabilidade digital.

Penso que a intensiva e excessiva utilização da malha digital tem relação, também, com o fato de estarem mais ou menos separados de suas redes de sociabilidade originais. Dito melhor, dada 'condição migrante' pode incrementar o uso intensivo de tecnologias e ambientes virtuais. Em especial, os permite estar mais 'presentes' na 'terra natal' (para além dos circuitos pessoais, virtualmente transportava esses brasileiros 'ao calor' das conjunturas, circunstâncias e disputas no seio de nossa sociedade), bem como possibilita-lhes realizar diferentes trocas, materiais e simbólicas.

Nas conversas estabelecidas, apesar dos assuntos girarem em torno de acontecimentos políticos nacionais, o debate de fundo extrapolava fronteiras e fazia aflorar razões de naturezas moral e afetiva. Igualmente, as mensagens que circulavam iam ganhando velocidade e extensão ao percorrem quase todos os domínios da vida cotidiana, da casa à rua (família, trabalho, amigos e ócio), entranhando-se por essas esferas e entrelaçando temas de ordens diferenciadas (doméstica e pública).

Com base na qualificação desse ecossistema comunicacional - ambiente potencialmente performativo, onde seus usuários revelam 'vontade-de-falar', bem como constroem formas de se apresentar -, outro destaque reporta-se ao 'modo' de enunciação observado (cerne da discussão deste texto), qual seja, **a singularidade do fluxo narrativo das enunciações acompanhadas.**

Pude apreender uma '**narratividade reflexiva**' em certas recorrências: nas muitas 'histórias pessoais' contadas, nas referências a temas e discussões nas redes digitais (mais além da política) e na preeminência do campo afetivo-moral nas avaliações e posicionamentos políticos enunciados.

Por conseguinte, tais características atualizaram os pressupostos preliminares e foram tomadas como domínios privilegiados, embasando minha reflexão sobre **distinções subjetivas, avaliações político-partidárias, rebaixamentos críticos e divisões dogmáticas.**

Grande parte dessas dimensões interpretadas manifestam-se mais acentuada e claramente naqueles que foram identificados e caracterizados como '**convictos**' (G1.1), em comparação àqueles de perfil mais '**comedido**' (G1.2).

Para concluir, aproveito essas linhas introdutórias para agradecer a participação de todos os integrantes do Grupo 1 (G1), dos cadastrados aos entrevistados. Em especial, destaco a disponibilidade e a confiança em mim depositadas, por parte do conjunto de informantes-chave.

Nesses entrevistados, sou grata pela forma cuidadosa e respeitosa com que me trataram; uma pessoa desconhecida para eles e, mais ainda, que sabidamente tinha opiniões e posições sociopolíticas bem distintas das suas.

Mobilizar o precioso tempo de cada um/a e conquistar sua confiança representou um desafio e uma dádiva. Graças à mistura de prestatividade, confiabilidade e generosidade foi possível realizar a pesquisa, desde organizar indicadores fundamentais à caracterização de perfis à posterior discussão analítica.

Independente de nossas distintas trajetórias, adesões e posicionamentos políticos; uma vez 'juntos', fruímos do momento de aproximações, apresentações, enunciações e 'confissões'. Por isso, deixo aqui registrado meu sincero agradecimento e compromisso de tratar respeitosamente as informações que me brindaram.

Pontuados os aspectos constitutivos da discussão proposta neste texto, cabe arrematar sublinhando que em razão do fluxo narrativo - pois o discurso corre seu próprio curso - apresentaram-se outras 'histórias a contar' e 'questões a pensar' que reconduziram a pesquisa. Todavia, por razões objetivas e por limites reflexivos, muitas delas não puderam ser tratadas; porém, foram armazenadas para futuros desdobramentos analíticos⁵.

1 UM QUADRO DE INDICADORES: construindo dados básicos

As referências teórico-metodológicas do projeto (CDS-R1) foram discutidas propriamente, em texto anterior (Gouveia, 2023)⁶. Contudo, delimito concisamente sua pesquisa empírica (F2) e como foi elaborada e executada a geração e sistematização de indicadores básicos (F3).

Em abordagem multidisciplinar e interseccional - alicerçada na interação complementar entre prática etnográfica e estudos do discurso e na ênfase à justaposição de marcadores sociais da diferença - um 'Brasil-no-exterior' foi definido como 'o' campo empírico e analítico da **Regional 1 (R1)**. Um domínio investigativo captado em experiências e narrativas de brasileiras e brasileiros emigrados - em seus locais de destino -.

Em aproximação com os estudos de linguagem, em especial, os estudos críticos do discurso, a pesquisa produziu e examinou dados à luz da tradição socioantropológica. Dito melhor, priorizou a dimensão interativa e relacional entre os sujeitos envolvidos ('pesquisadora' e 'pesquisados'), os contextos e situações comunicacionais, a apreensão e interpretação de pontos de vista locais e suas interfaces culturais (marcadores sociais da diferença, identidades, moralidades e afetividades, por exemplo).

Em relação à pesquisa empírica, ao longo de oito meses de trabalho muitos momentos produziram situações comunicativas: o contato inicial, a observação direta em locais próprios, o preenchimento do cadastro e a interlocução decorrente da realização das entrevistas individuais e em grupo. Contextos particulares onde foram travadas conversas diferentes, conforme receptividade e intensidade da interação estabelecida (dos 'acercamentos' e mensagens trocadas aos encontros diretos), produziram indicadores e dados imprescindíveis à investigação.

A interface entre exercício etnográfico e análise crítica do discurso permitiu construir uma categorização própria para lidar com o estatuto diferenciado das conversações estabelecidas. Para efeito de especificação e análise, as conversações decorrentes foram caracterizadas em dois tipos: '**conversas-dirigidas**' e '**conversas-estendidas**'.

Uma série de aspectos teórico-metodológicos concorreram à definição dessas modalidades de conversação (nível de aproximação, técnicas de interação, tempo de duração, grau de confiança, presença de terceiros, uso de gravação, dentre outros).

A primeira delas ('**conversa-dirigida**') foi erigida em dois contextos específicos. No momento de aproximação e elucidação do projeto aos potenciais participantes, seus objetivos, justificativas e públicos-alvo, e nas investidas diretas, via aplicação de pré-teste e do grupo focal.

⁵ Em especial, agradeço aos meus supervisores - Viviane M. Resende e Teun van Dijk - pelas leituras cuidadosas, pelos materiais de referência enviados e pelas precisas sugestões teóricas, metodológicas e estilísticas. É desnecessário dizer, mas o fato de não ter podido cumpri-las integralmente é de minha única e total responsabilidade. Todavia, significaram verdadeiros aprendizados. "Gratidão".

⁶Ver https://es.discoursestudies.org/_files/ugd/1c2d30_b89cedd223f34f21bb003d335a2d4573.pdf

Uma interlocução objetiva, ocorrida principalmente na situação de preenchimento do cadastro básico (Ficha Cadastral - FC), no qual o protocolo de apresentação e o 'questionário-meio' dirigiram precisamente o estado da conversação estabelecida.

Já as '**conversas-estendidas**' decorreram em circunstâncias posteriores, face ao prosseguimento de nosso contato através de contínua troca de mensagens, junto à realização de entrevistas-aprofundadas (EA) e do grupo-de-discussão (GD).

Um diálogo intersubjetivo, orientado por tênue e flexível conjunto de questões (roteiros de entrevista e da discussão em grupo) que serviram de mote à abordagem e à amplificação da narrativa daqueles que se tornaram 'informantes-chave'.

Nesta primeira seção, apresento o quadro de processamentos construído na modalidade inicial de interação (**conversas-dirigidas**), demarcando dados de dois contextos distintos: variáveis sociodemográficas gerais e indicadores específicos do primeiro grupo pesquisado (**G1**).

1.1 APROXIMAÇÃO EMPÍRICA E VARIÁVEIS: ficha-cadastro e dados gerais

A ideia e elaboração do projeto "*Um pedaço do Brasil na Espanha*" ocorreram em razão de intenso contato com distintas redes de brasileiros que vivem na Espanha, fruto de meu engajamento e participação na última Campanha Presidencial brasileira (**Fase 1 - F1**), em âmbito local.

Imediatamente após o evento, foi executada sua pesquisa empírica (**Fase 2 - F2**), durante o período de novembro de 2022 a julho de 2023. A dinâmica e questões do exercício etnográfico realizado foram apresentadas em outro escrito, mas retomo aqui alguns aspectos.

O trabalho de campo foi se constituindo em movimentos próprios, de forma contínua e articulada. Um momento inicial de inserção e contato com o público-alvo da investigação, diretamente em seus espaços de circulação. Em seguida, a execução de '**conversas-dirigidas**' com brasileiros/as que demonstraram interesse na pesquisa ao participarem do Grupo Focal (GF) e ao responderem a Ficha-cadastro (FC).

Ambas as ocasiões permitiram delinear características gerais deles (reunindo dados sociodemográficos básicos), selecionar pessoas para posterior '**conversas-estendidas**' - inspiradas nos modelos de 'Entrevista-aprofundada' (EA) e do Grupo-de-discussão (GD), organizado posteriormente às entrevistas - e imprimir maior proximidade.

Concluída essa etapa inicial⁷, foram reunidos dois universos empíricos específicos, relacionados intensamente à conjuntura eleitoral à época: o **Grupo 1 (G1)**, composto por seis eleitores de J. Bolsonaro e o **Grupo 2 (G2)**, formado por seis votantes em 'Lula da Silva'.

Acerca desse recorte numérico, a determinação de quantos seriam esteve inteiramente atrelada às possibilidades de interlocução com representantes do Grupo 1. Ou seja, embora tivesse um quantitativo significativamente maior de pessoas do G2 interessadas e disponíveis à pesquisa, o Grupo foi reduzido por razões de simetria em relação ao G1.

De forma sinóptica, exibo a classificação básica de ambos os universos empíricos observados (**G1 e G2**), sublinhando indicadores basilares para mapear características sociodemográficas dos sujeitos cadastrados: **33 pessoas**, diretamente abordadas, que se mostraram interessadas no projeto e disponíveis a interagir e participar da catalogação de dados iniciais à pesquisa empírica. Igualmente, no mesmo quadro, apresento o conjunto de indicadores específicos de indicadores gerais de brasileiras e brasileiros que compõem esse primeiro universo empírico pesquisado (**13 fichas-cadastrais e 6 'informantes-chave'**).

INDICADOR	CADASTRO GERAL	CADASTROS DO G1
-----------	----------------	-----------------

⁷ Junto à inserção em ambientes e grupos específicos, foram contactadas cerca de 90 pessoas emigradas e acessadas diretamente 70, a maioria delas vivem em Barcelona. Um primeiro resultado do contato face-à-face foi a execução de 1 Grupo Focal (GF) e a aplicação de 32 conversas-dirigidas, através de preenchimento da Ficha-cadastral (FC) de quem se mostrou disponível: 13 pessoas de alinhamento neoconservador e 20 de perfil progressista. 12 brasileiras e brasileiros concederam conversas-estendidas (EA), presenciais ou virtuais.

GÊNERO	Ficha-cadastro (FC): Predominância de mulheres (26) e homens (6) . As razões disso não foram analisadas: maior presença demográfica, flexibilidade no uso do tempo, curiosidade e abertura à proposta etc. (?).	Ficha-cadastro (FC): 9M e 3H. Informante-chave (EA): 4 mulheres e 2 homens.
FAIXA ETÁRIA	Ficha-cadastro (FC): Predominância de pessoas em fase produtiva e reprodutiva = 24 : na faixa de 21 a 30 anos (1); entre 31 e 60 anos (28): de 31 a 40 anos (9); de 41 a 50 anos (7); de 51 a 60 anos (7). Fora da faixa produtiva-reprodutiva = 8 : maduras (7), situadas entre 61 e 70 anos (6) e de 71 a 80 anos (1).	FC: 4 (61-70), 1 (73), 4 (31-40), 1 (55), 1 (42), 1 (26). EA: 1 de 31 a 40 anos; 4 de 61 a 70 anos; 1 (73).
LOCAL DE ORIGEM	Ficha-cadastro (FC): Predominância de pessoas oriundas das regiões Sudeste e Sul = 26 : 20 do Sudeste = 20: SP = 6, RJ = 7, MG = 7 e Sul = 6: RS = 2, SC = 2, PR = 2 = 6. De outras = 6 : Norte = 2. Nordeste = 3 e Centro-Oeste = 1.	FC: 4 RJ (2 capital, 2 cidade periférica), 1 PE (cidade periférica), 2 SP (cidade periférica/interior), 1 BA (capital), 1 TO (interior), 1 PA (capital), 1 PR (periféria). EA: SP (capital) = 1, RJ = 3 (1 capital, 2 cidade periférica), TO = 1 (interior/periféria), BA = 1.
ESCOLARIDADE	Ficha-cadastro (FC): Predominância de pessoas com mais tempo de estudo = 30 : 3º. grau incompleto (6), 3º. grau completo (17), com pós-graduação (10) e 2º. grau completo (7). Com baixa escolarização = 2 : 1º. grau incompleto (1); 2º. grau incompleto (1).	FC: 3º. grau completo (4), 3º. grau incompleto (2), 2º. grau completo (2), 2º. grau incompleto (2), 1º. grau (2). EA: 3º. grau completo (2), 2º. grau completo (2), 1º. grau completo (2).
ESTADO CIVIL	Ficha-cadastro (FC): Predominância de celibatários = 22 : 14 solteiros e 8 não indicados. Com experiência conjugal = 10 : 5 casados, 2 uniões estáveis, 3 separados/divorciados.	FC: 4 casado, 1 viúvo, 2 divorciado, 5 solteiros. EA: todos declararam ligação com a família no Brasil e aqui. Mas, 3 deles vivem afastados do núcleo familiar: 1 viúvo, 2 divorciados, 3 solteiros.
RELIGIÃO	Ficha-cadastro (FC): Predominância de pancristãos = 25 : 13 católicos [7 praticantes]; 6 evangélicos/pentecostais [praticantes]; 4 kardecistas [2 praticantes]; 2 umbandistas [praticantes]. Declarados sem religião = 7 .	FC: maioria de 'pancristãos' (11): 6 católicos (2 praticantes), 4 evangélicos (2 não-praticante), 1 kardecista, 1 sem religião. EA: todos 'pancristãos': 4 católicos (2 praticantes), 2 evangélicos (1 praticante).
VÍNCULO COM BRASIL	Ficha-cadastro (FC): Todos têm contato regular com família e amigos próximos no Brasil = 32; 6 enviam sistematicamente dinheiro a familiares. Participação nas eleições brasileiras: em 2018 = 16 e em 2022 = 23.	FC: todos mantêm contato regular com família, 5 enviam dinheiro aos familiares no Brasil; EA: todos mantêm contato regular com família e amigos próximos (6); deste, 2 enviam sistematicamente dinheiro e 1 esporadicamente aos familiares no Brasil. FC: 4 em 2018, 4 em 2022 (1 em ambas). EA: 2 em 2018, 4 em 2022 (1 em ambas).
SITUAÇÃO NA ESPANHA	Ficha-cadastro (FC): Local de moradia: Barcelona = 16, Arredores de Barcelona = 6, Povoados = 10. Tipo de Moradia: compartilhada com não-familiares = 5; compartilhada com família e não familiares = 7, sozinha = 5, casal e filhos = 8, casal = 5, mãe e filho = 2. Tempo de emigração: tempo longo ou médio de residência no exterior = 26: +21 anos = 6, de 10 a 20 anos = 11, de 9 a 5 anos = 9; e 6 pessoas com menos de 5 anos. Documentação estrangeira: com cidadania = 9, residência permanente = 2, direito de residência = 20, indocumentado = 1. Participação nas eleições em Espanha: 2015 = 3; 2019 = 5, não participação = 24. Padrão de consumo: gastos regulares: despesas comuns (moradia, serviços, alimentação etc.) = 32. Envio de dinheiro à família no Brasil = 6 ; provisão (poupar para futuros) = 9. Donativos a terceiros (pessoas, instituições) = 5. Lazer: viagem = 10; restaurante/bar = 7; cinema/música/teatro/dança/exposição = 9; esporte = 2; livros/cursos = 2; praia = 2; infantil = 2.	Tipo de Moradia: FC: 10 em BCN (6 compartilhando casa), 2 arredores. EA: 5 em Barcelona (todos compartilhando casa), 1 arredores Tempo de emigração: FC: 1 + 30 anos, 2 + 20 anos, 2 quase anos, 7 menos 10 anos. EA: 1 + 30 anos, 1 + 20 anos, 2 quase anos, 2 menos 10 anos. Documentação estrangeira: FC: todos documentados (3 cidadanias, 9 direitos de residência). EA: todos documentados (2 cidadanias, 4 direito de residência). Participação nas eleições em Espanha: FC: 2 em 2019, 10 não participaram; EA: 2 em 2019, 4 não participaram. Padrão de consumo: gastos regulares: FC: 12 contas casa, 2 envio dinheiro à família no Brasil, 2 poupança à provisão de despesas futuras e 7 lazer; EA: 6 contas casa, 2 envio dinheiro à família no Brasil, 2 poupança à provisão e 5 lazer.

	<p>Dados laborais: com estabilidade relativa = 27: com trabalho: 18 empregados; 9 freelancers/autônomos; com contrato de trabalho e funções: 1 servidor público, 1 jornalista, 4 pensionistas/aposentados, 3 professores e acadêmicos, 3 camareiros, 7 vendedores, autônomos/freelancers com acumulação de várias atividades.</p> <p>Com instabilidade declarada e/ou desempregados = 5: 5 em serviços domésticos, 2 esteticistas, 2 artistas.</p>	<p>Dados laborais: FC: 10 empregados com contrato de trabalho (3 com aposentadoria/pensão espanhola), 1 desempregado, 1 freelancer.</p> <p>EA: 4 empregados com contrato (3 com aposentadoria/pensão espanhola), 2 desempregado/freelance.</p>
MEIO DE INFORMAÇÃO	<p>Ficha-cadastro (FC): Meios de informação: uso para contatos com redes primárias (família e amigos), trabalho e informação: TV aberta = 11; Jornais = 11; Livros/Revistas = 8; Radio/Podcasts = 8; Internet = 32, Redes sociais = 18; WhatsApp/Telegram etc. = 32</p>	<p>FC: 11 apenas na internet (plataformas e redes sociais), uso para contatos com redes primárias (família e amigos), trabalho, entretenimento e informação; 1 internet + TV e revistas.</p> <p>EA: 5 apenas na internet (plataformas e redes sociais), uso para contatos com redes primárias (família e amigos), trabalho, entretenimento e informação, 1 internet + TV e revistas.</p>
ASSOCIATIVISMO	<p>Ficha-cadastro (FC): Atividade associativa: participa = 18 [5 fazem donativos].</p> <p>Não-participa = 14.</p>	<p>Atividade associativa: FC: 9 não possui, 3 possui (rede assistencial-religiosa).</p> <p>EA: 5 não possui, 1 possui (rede assistencial-religiosa).</p>
AUTORRE-PRESENTAÇÃO	<p>Atributos positivos: honestidade = 23; empatia = 20; lealdade = 13; sinceridade = 14; respeito = 11; companheirismo = 7; outros [alegria, inteligência, boa-aparência, saúde etc.].</p> <p>Atributos Negativos: 23 desonestidade, 14 falsidade e/ou deslealdade, 11 desrespeito, 8 falta de empatia e/ou companheirismo.</p>	<p>FC: 7 honesto, 4 sincero, 2 leal/amigo, 1 senso de justiça, 2 responsável, 1 respeitoso, 2 bondoso/amoroso, 3 higiene/boa-aparência, 2 espírito de equipe, transparência.</p> <p>EA: 3 honestidade, 2 responsável, 2 sinceridade, 2 respeitoso, 2 bondoso/amoroso, 2 higiene/boa-aparência, 1 espírito de equipe, 1 transparência.</p>

Enfim, embora os participantes da pesquisa estejam agrupados em dois conjuntos de emigrados na Espanha (G1 e G2), o primeiro grupo (**G1**) é o foco principal da pesquisa. Este coletivo, examinado neste texto, estabeleceu as bases de comparação ao exame posterior do segundo grupo (G2).

1.2 GRUPO DE PARTIDÁRIOS DE J. BOLSONARO: universo empírico principal

Face aos objetivos do projeto e às dificuldades encontradas em abordar simpatizantes, apoiadores e/ou eleitores do ex-presidente brasileiro, no processo de inserção e interação em campo recorri à técnica 'bola-de-neve', em busca de testemunhos no âmbito das redes de sociabilidade dos próprios contactados do G1 - tanto pelo fato de facilitar o acesso quanto pelo interesse de que, preferencialmente, compartilhassem dos mesmos ambientes digitais -.

No universo de 70 pessoas diretamente abordadas, **37** pertenciam a esse primeiro grupo. Dessas 37 (G1), **12 se recusaram e 25 aceitaram** completar as fichas cadastrais (**FC**), das quais **13 foram preenchidas** (1 foi invalidada por não dispor de informações completas) e **12 declararam-se dispostas à posterior 'conversa-estendida' (EA)**. Apesar do empenho, ao final, não foi possível entrevistar todas declaradas, logrando dialogar mais detidamente com **6 pessoas** e, inclusive, posteriormente, retomar o contato direto com **4 delas**.

A classificação geral e a seleção de '**informantes-chave**' do G1 foram construídas com base nos contextos empíricos citados, dando especial atenção ao tempo de migração e à situação social na Espanha e, notadamente, ao nível da crítica político-partidária e seu assentimento em relação à gestão governamental de Bolsonaro.

Junto à troca de mensagens, foram realizadas 3 conversas e 1 visita na casa de **uma entrevistada e 1 grupo-de-discussão (GD)**⁸, com **três outros** da mesma rede de relações, garantindo, assim, a retomada de minha interlocução com alguns.

Permutando notas e opiniões, via WhatsApp, portanto, entre fevereiro e maio de 2024 mantive contato com parte deles, através de contínuas trocas de mensagens.

As fichas-cadastrais possibilitaram melhor caracterizar a feição dos integrantes do G1 - dos cadastrados aos posteriormente entrevistados -, mapeando dados gerais, formas de sociabilidade e autorrepresentação, formação de opinião e atual qualidade de vida, com vistas a explorar indícios em torno da representatividade social (e sociológica) dos sujeitos observados.

E, finalmente, localizar aqueles cujos depoimentos registrados (as entrevistas-aprofundadas - EA) foram chaves de acesso às reflexões propostas na pesquisa - em torno do mapeamento e qualificação de práticas discursivas alinhadas a um posicionamento sociopolítico (simbólico) de filiação (neo)conservadora - (F4).

Os conjuntos de indicadores gerais sistematizados (dados sociodemográficos, participação social e autorrepresentação, canais de comunicação e condições de vida) permitiram dimensionar proximidades e dessemelhanças entre pessoas e perfis internos ao G1 que, genérica e simplificada, em algumas 'exorrepresentações' tendem a ser classificados como um só corpo.

Em se tratando de admiradores do ex-presidente Bolsonaro, diversas abordagens e categorizações têm se mostrado restritas, parte delas, sem contribuir efetivamente a sua compreensão.

No senso comum, terminam representados de forma bastante imprecisa e negativa ('tio-do-churrasco', 'gado', 'bolsominion', 'patriota', 'bolsonarista'). E, mais ainda, entre alguns políticos e analistas, propendem a ser alvo de ironias, gracejos.

Em certa medida, uma perspectiva jocosa que revela tanto simplificação desses partidários quanto relativa indisposição de parte dos comentaristas (técnicos, políticos e acadêmicos), em captar quem são e o que dizem ou querem esses sujeitos.

Uma mirada panorâmica sobre o universo empírico pesquisado deixa cair por terra parte dessas imagens corriqueiras. Muitos brasileiros emigrados tendem a ser apreendidos de forma genérica e representados aprioristicamente como 'migrantes irregulares', 'vulneráveis em busca de trabalho e de soldo em moeda estrangeira', 'pessoas desgarradas', 'mão de obra desqualificada e/ou precarizada'.

No caso daqueles partidários de Bolsonaro, especialmente, muitas vezes são vistos como tendo pouca escolarização e, mesmo, como 'fiéis terrivelmente evangélicos'. Ao contrário, todos os entrevistados do G1 estão regularmente empregados e devidamente documentados na Espanha e mantêm vínculos sociais e afetivos aqui e no Brasil. A maioria deles possui escolaridade média, com ensino fundamental, tem formação técnico-profissional, e se declara religiosa, porém, sem traços de fundamentalismos.

Ao fugirem desses e outros estereótipos, eles complicam as representações construídas e desafiam nossa 'sensibilidade compreensiva' a buscar interpretá-los. Contudo, para muitos 'comentaristas' ainda tendem a ser catalogados como 'sujeitos' e 'objetos' de reflexão (epistêmicos) 'indesejados' ou 'evitados'.

Pensando hoje, retrospectivamente, talvez preterimentos e displicências tenham contribuído tanto à enorme surpresa (deles e de muitos de nós), diante dos correntes fatos e acontecimentos nacionais, quanto ao nosso desconhecimento sobre como pensam e o que desejam esses brasileiros (que, como outros, "não nos representam").

⁸ No início deste ano, retomei o contato todos os informantes-chave do G1, entrevistados em 2023. Iniciei com uma nota geral: - "Bom dia, tudo bem? Saúde, trabalho, família, amigos? Quería antes contactar você, mas estava no Brasil e desde que cheguei só correria. Se não te incomodar, estou completando os dados dos entrevistados do ano passado (Lembra?). Por isso, poderia te fazer 2 perguntas, para concluir seu cadastro-anônimo? Pode responder por aqui, por e-mail, msg de voz, ou mesmo nos encontramos. Como preferir, ok? **P1:** Para você, 2024 será um ano positivo ou negativo? Por quê? **P2:** E o ano passado? Você considerou um ano bom ou ruim? Por quê? No mais, muito trabalho, planos e expectativas. Obrigada e um grande abraço". **ROTEIRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO - GD: 1. Agradecimento e Informes sobre a Pesquisa em Curso:** i. Informações sobre Objetivos da Pesquisa e Indicadores Gerais: dados construídos, a centralidade das redes de sociabilidades, os meios de informação utilizados e a situação de vida na Espanha; ii. Questões para Refletir: as formas de contar histórias, o discurso mais além da política, os sentimentos e emoções como ação avaliativa; **2. Perguntas Complementares:** i. 2024: expectativas; 2023: avaliações; ii. "Ser emigrado": experiência positiva e/ou negativa; iii. "Identidade de Grupo (Classe)": - Se tivesse "poder-de-fazer", o que faria para melhorar sua vida e a vida de outros? iv. "Afetos e Desafetos": - O que lhe provoca: alegria, admiração, compaixão, tristeza e raiva?

Mais ainda, penso que a gravidade das questões que suscita sua presença na cena pública (como a falência do totalitarismo neoliberal⁹, o tensionamento da democracia representativa, a reemergência de governos autoritários neopopulistas, a banalização e rebaixamento da política, a 'bandeira reversa' de negação e violação de direitos, as contínuas ameaças às regras democráticas, dentre outras), não permite que eles tenham sua relevância ocultada.

No limite, lá, cá, ou em qualquer lugar, mesmo considerados 'indigestos', 'eles se impõem' à sociedade e à reflexão (uma 'autocrítica civilizatória', face à nossa 'barbárie').

A meu modo e possibilidades, uma forma conveniente de 'encará-los' e 'desconstruí-los' foi tanto reconhecer o 'lugar' de meu desconforto para com eles quanto identificar certas dessemelhanças internas.

Os dados básicos e considerações construídos foram determinantes para apreender dois perfis dentro desse primeiro grupo de brasileiras e brasileiros alinhados em alguma medida com prerrogativas políticas e sociais de caráter (neo)conservador (**G1**).

Há um subconjunto de pessoas tomadas por forte sentimento antipetista e mais exacerbadas e 'convictas', em seus argumentos e opiniões políticas, e, aparentemente, mais suscetíveis a serem cooptados pela agenda e pautas próprias à 'retórica neopopulista'¹⁰, dentro e fora das fronteiras nacionais (**G1.1**).

Outro subgrupo reúne sujeitos 'comedidos' que ao longo de nossa interação se mostraram mais prudentes em suas avaliações político-partidárias e menos passíveis de serem aliciados pela referida 'retórica'. Embora frequentando as mesmas redes digitais, em suas considerações mostraram-se mais cautelosos, acerca dos conteúdos circulados, e relativamente mais harmonizados com situações, dificuldades e desafios presentes em suas experiências subjetivas. Na interação, mostram-se menos mal-humorados, ressentidos, inseguros, ameaçados, amedrontados, angustiados, frustrados, indignados etc. com suas situações pessoais e as "*coisas-do-mundo*" (**G1.2**).

Passado o momento inicial de indisposições e recusas de participar da pesquisa, todos do G1, ao longo de nosso processo de interação, manifestaram muita 'vontade de falar' e 'demanda por serem ouvidos' (especialmente, quando estavam em 'off' e em tom de 'confissão'), contrastando com àqueles (24) que já de início se negaram à interlocução.

Em narrativas singulares, trouxeram à tona questões intrigantes, desde as tentativas de distinção subjetiva e divisões político-partidárias às avaliações críticas assimétricas.

Ao apresentar sumariamente contextos e situações comunicativas nos quais nossas conversas se aprofundaram, a seguir, espero traduzir parte das nitidezes e ambiguidades desse primeiro grupo de conterrâneos que, assim como outros, se encontram 'longe-de-casa', mas ávidos por se 'comunicar' com o Brasil.

2 'CONVERSAS-ESTENDIDAS' COM 'INFORMANTES-CHAVE': sujeitos, contextos e discussões

O diálogo travado com os entrevistados do Grupo 1 (G1) forneceram o material básico (as peças discursivas) que aqui será apresentado. Todavia, ressalto que a interpretação das 'falas' é resultado de nossa interlocução mais densa, fruto de um conjunto de interpelações (observação direta de contextos, interação e atitudes, bem como mensagens, imagens, ideias e assuntos intercambiados).

Uma apreciação geral sobre eles - simpatizantes, apoiadores e/ou eleitores de J. Bolsonaro - é que compartilham diferenciadamente de uma cesta de ideários tradicionais, hierárquicos e, majoritariamente, antirrepublicanos.

⁹ Demarcado aqui como o modelo característico do/no Brasil, cujos atributos são privatização do público, destituição da fala e anulação da política (Francisco Oliveira, *apud* Cohn, 2023).

¹⁰ Castro Rocha (2023) - autor imprescindível à discussão sobre neopopulismo brasileiro e suas estratégias discursivas, que examina o deslocamento do bolsonarismo como 'guerra cultural' (GC) a modo de vida, alicerçado em 'retórica do ódio' -, problematiza as práticas comunicativas da ultradireita brasileira, pontuando que o 'bolsonarismo', sua maior expressão, vive, sobrevive e se expressa através de linguagem própria: a 'retórica do ódio' que circula nas redes virtuais.

Portanto, é possível afirmar que, em seus posicionamentos políticos, alinham-se às prerrogativas do pensamento (neo)conservador¹¹.

Essa observação 'localizada' me levou a agrupar os sujeitos entrevistados do G1 nos dois subconjuntos (G1.1 e G1.2), com base em distintas circunstâncias empíricas observadas, como já explicitado.

Nessa subdivisão, tracei como 'linha de corte' quatro elementos: a crítica político-partidária individual deles, o grau de participação na *mídiosfera digital* (MD)¹², a adesão declarada a ideias e valores tradicionais e, mesmo, antidemocráticos e a recorrência do discurso antipetista¹³.

Essa segmentação binária tornou-se central e levou ao reordenamento de questões e encaminhamentos que reposicionaram não só esses seis brasileiros (vistos de forma não monolítica), mas também a mim (considerados menos distantes e 'exóticos' e compreendidos de forma mais plástica e matizada).

Portanto, movimentos que promoveram fluxos e dinâmicas cruciais à condução de novas chaves-de-entrada analíticas sobre os modos e meios discursivos por eles anunciados, em determinados contextos e situações comunicativas, conforme será apresentado a seguir.

G1.1/EA1: críspação, impulsividade e extremismo

A primeira 'conversa-estendida' ocorreu no domicílio da entrevistada e durou cerca de 2h.30' (1 hora gravada e 1h.30' intensa, sem gravação, em tom frenético e repetitivo em certos tópicos e questões que, curiosamente, foram retomados de forma mais 'controlada' durante a gravação).

Suas considerações fluíam mais e melhor quando não estava sendo gravada, ocasião em que gesticulava muito, usava 'palavradas', elevava o tom e falava aceleradamente (parecia precisar e quere 'falar').

Afora seu temperamento, que conhecia, me surpreendeu essa 'vontade-de-falar' e a maneira aberta, "sem-censura", com que falava sobre 'qualquer coisa', sem polidez nem constrangimentos, mesmo sabendo que muito do que dizia poderia soar ofensivo, em razão de nossas posições e posicionamentos tão díspares. Majoritariamente, os temas, conteúdos e argumentos utilizados eram os mesmos que eu havia encontrado nas redes virtuais extremistas.

Em nosso jogo interacional, apreendi seu perfil 'convicto' como alguém aderida à retórica extremista que circulava nas redes radicais, que abertamente frequentava. Em muitas situações, assemelhava-se àquelas 'personagens' de charges ao manifestar intensa e descomedidamente exaltado sentimento antipetista

¹¹ Em termos de doutrina, o *neoconservadorismo* é "uma corrente da filosofia política que surgiu nos Estados Unidos a partir da rejeição do liberalismo social, pacifismo, relativismo moral, social-democracia e da contracultura da Nova Esquerda dos anos 1960 ... Os neoconservadores normalmente defendem a promoção da democracia e do intervencionismo nos assuntos internacionais, incluindo a paz pela força, e são conhecidos por defender o desdém pelo comunismo e pelo radicalismo político ... Os críticos do neoconservadorismo usaram o termo para descrever a política externa e os falções de guerra que apoiam o militarismo agressivo ou o neoimperialismo. Historicamente falando, o termo neoconservador se refere àqueles que fizeram a jornada ideológica da esquerda antistalinista para o campo do conservadorismo americano durante as décadas de 1960 e 1970 ... Eles se manifestaram contra a Nova Esquerda e assim ajudaram a definir o movimento" (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Neoconservadorismo>). No âmbito econômico, o vocábulo aproxima-se de outro, o *neoliberalismo*, devido às afinidades entre suas prerrogativas: a defesa da propriedade privada e da livre-concorrência, a falácia da autonomia frente ao Estado e autodeterminação do indivíduo, a hiperbólica ideia de liberdade irrestrita (sobretudo do mercado), a negação e recusa da função pública do Estado/Governo, a ênfase na competitividade como via de êxito (pessoal) e no 'empreendedorismo de si' e a conseqüente despolitização do sujeito e da sociedade, via manipulação e controle sociais. No amplo e irredutível domínio do senso-comum, que absorve referidas descrições e prescrições dos pensamentos político e econômico, indivíduos e grupos reprocessam (traduzem) essas referências e conformam 'seu' modo de pensar e atuar subjetiva e objetivamente. Em geral, configuram ideários e práticas de perfil conservador, convencional, retrógrado, autoritário, estratificado e antirrepublicano. E, assim, contrapõem-se tanto à máxima de igualdade, inerente à toda experiência democrática, quanto à defesa da 'coisa pública', própria à constitucionalidade republicana. Todavia, os 'arranjos' decorrentes não são absolutos e fixos, mas situacionais e flexíveis.

¹² C. Rocha caracteriza o ecossistema virtual 'bolsonarista' como uma 'mídiosfera digital' (MD): "um sistema informacional dotado de intensidade interna, imune à verificação e críticas externas, baseado em elementos e estratégias de horizontalização e verticalização, de acessibilidade ampla, mas restrita produção de conteúdo. Um ambiente composto por: i. correntes de WhatsApp; ii. circuito integrado de canais do YouTube; iii. redes sociais; iv. aplicativos, como TV Bolsonaro; e v. 'mídia amiga', tipo *Jovem Pan* (pp. 33-4)" (apud Gouveia, 2024, p. 9). Segundo ele, um meio imperativo, extremista e hegemônico para disseminar conteúdos sociais e políticos, apelando a narrativas polarizadoras; um dispositivo sustentado por *fake news* e teorias conspiratórias que serve de combustível à emergência e consolidação de uma linguagem própria (*idem*, p. 89).

¹³ Sabrina Fernandes (2019) caracterizou esse antipetismo demarcando três aspectos: o falso argumento do PT encarnar uma "comunidade comunista"; a inverídica acusação do PT ser "o inventor da corrupção no Brasil"; o desagravo e sanção às suas políticas sociais inclusivas e redistributivas. Acrescento aqui que o antipetismo serviu de bode expiatório à instrumentalização da política, embasada em *guerra cultural* e retórica neopopulista (Gouveia, 2024).

(muitas vezes, provocativo). Todavia, as impactantes falas e imagens a que recorria indicavam mais um posicionamento simbólico do que um engajamento operativo nessa *midiosfera digital*.

Ao narrar sua experiência de migração (**bloco 1 do roteiro de entrevista**), fez muitas digressões ao contar 'casos' pessoais e familiares. Contou que a vinda para cá ocorreu anos após seus familiares próximos terem vindo, pontuando que não queria mais tantas mudanças e nem voltaria a viver na terra natal.

Antes de morar na Espanha, havia mudado de estado e cidade muitas vezes no Brasil, alegando razões objetivas ("*busca de trabalho*") e existenciais ("*meu espírito nômade*"), sublinhando que depois de tantas 'idas-e-vindas' (no Brasil) decidiu morar na Espanha, num tom 'blasé' que encobria outros motivos para "*migrar de vez*".

Seguindo a regra da 'lógica de redes', como muitos, pôde vir "*graças*" aos vínculos familiares. Previamente, sem dificuldades, obteve a cidadania espanhola (descendente de espanhóis) e, em seguida, organizou sua vinda. As facilidades decorrentes da rede de parentes na Espanha, a regularidade de sua condição (cidadã espanhola) e a "*desesperança de melhorar de vida e ter apoio no Brasil*" determinaram sua decisão (todavia, poucas vezes explicitadas).

Desde que chegou cuida do apartamento de um familiar (que não mora com ela), em troca de moradia acessível¹⁴, pontuando que até 2020 trabalhou regularmente com limpeza de residências e instituições, alegando não conseguir viver de seu trabalho como "*artesã*" (supostamente, como podia no Brasil).

Desde a epidemia da COVID-19 não encontrou ocupação; mas obteve um subsídio social continuado, no valor de um benefício-básico do estado espanhol. Vivía desse recurso, mas, sublinhou, passava por muitas privações ("*mal dá para pagar as contas e comer*").

Declarou estar tentando regularizar a documentação do filho, contudo tem enfrentado muitas dificuldades, enfatizando não ter outros sonhos e projetos de curto e médio prazo, apenas o desejo de resolver as pendências do filho com a "*extranjeria*" para acessar outros 'serviços sociais' na Espanha.

Por diversas vezes, fez referência ao fato de poder contar com o Estado do Bem-estar espanhol (o que contrastava com sua 'dura' desaprovação às políticas inclusivas no Brasil que "*sustentava bandido e vagabundo*").

A respeito dos meios de informações (**bloco 2 do roteiro de entrevista**), disse usar diária e intensivamente as redes digitais e que suas fontes de informação são *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*. Sem aludir a nenhum outro meio de informação, declarou-se completamente "*viciada*" nas redes e que permanecia entre 7 e 9 horas diárias¹⁵, regularmente, em busca de matérias e notícias brasileiras, principalmente sobre os acontecimentos políticos nacionais e as repercussões na internet (aparentemente 'orgulhosa' porque sabia "*tudo que passa no Brasil*").

Embora estivesse frequentemente conectada e recebesse muitas matérias oriundas desse ecossistema informacional, sublinhou que não gostava de comentar *online*, mas postava muito sobre "*política no Brasil*". Segundo ela, "*participava desse jeito*" já que mandava "*torpedos*" para todo mundo, principalmente, para sua família "*esquerdista*".

A meu ver, parecia uma atitude mais simbólica do que efetivamente militante. Digo melhor, uma maneira mais diacrítica e reativa às infindáveis querelas familiares do que um engajamento deliberado na 'batalha' das redes (cujos significantes 'torpedos' e 'esquerdistas' me pareciam exemplares).

Todo o tempo demonstrou deliberadamente radical incômodo e extremada desaprovação com nossos governos de Centro-esquerda, destacando que, até se mudar para a Espanha, morou no Brasil durante todas as gestões federais, estaduais e municipais do Partido dos Trabalhadores - PT.

¹⁴ À época da entrevista, revelou pagar por dois quartos o equivalente a 1/3 de seus ganhos. Em troca, administrava dois outros alugados "*para terceiros e estranhos*" e era responsável pela manutenção e limpeza de todo o espaço.

¹⁵ Confirmando a média de 86,6% da população brasileira (<https://www.negociossc.com.br/blog/o-uso-da-internet-redes-sociais-e-midia-no-brasil-em-2024/>).

Ao contrário da maioria dos entrevistados do G1 - que por estarem mais tempo aqui não residiam lá, à época -, ter vivido diretamente esse período imprimia certo 'diferencial' à sua fala (para ela, certa 'autoridade' - "*eu sei, tava lá, eu vi*").

Em relação às representações sociopolíticas (**bloco 3 do roteiro de entrevista**), sem ser perguntada, afirmou enfaticamente ser de direita e que tinha orgulho de ser e 'assumir' isso "*porque no fundo sempre [foi] de direita*".

Antes não "*confessava*" por causa da família, manifestando necessidade 'ontológica' de se diferenciar da 'forma de estar no mundo' de sua rede familiar. "*Um bando de esquerdistas*", frequentemente alvo de suas queixas e desaprovações.

Negativa e exaltadamente maldisse a esquerda brasileira, apreendida de maneira 'monolítica e dicotômica', pontuando suposta desqualificação técnica e moral de Lula e da Esquerda, em geral.

Para ela, metonimicamente, o atual presidente encarnava em sua pessoa não só 'a' esquerda e todos os males do Brasil, como sobre ele recaía a suposta falta de preparo (escolaridade) e outros atributos depreciativos: "*mentiroso ... cachaceiro ... diabo ... mitômano*".

Continuou falando frenética e passionalmente sobre a esquerda brasileira e assuntos decorrentes, num tom direto, coloquial (e nada polido, tipo "sem filtro").

Ao observar que se repetia nos argumentos, encaminhei para encerrar a entrevista. Mesmo com o gravador em *off*, foi difícil concluir porque continuava falando e repetindo as mesmas premissas acusatórias que caracterizavam sua posição política, dizendo que tinha "*muita gana de falar*".

Considerando desdobramentos futuros, perguntei se indicaria alguém à pesquisa (novamente, enfatizou que não tinha amigos, nem conhecidos na Espanha) e se poderia retomar o contato, posteriormente, para nova rodada de conversa.

Inicialmente, mostrou-se resistente, mas depois bem disponível e disposta. Por razões pessoais, sugeri nos vermos em final de 2023, o que não foi possível porque eu estava em viagem, mas nos reencontramos em 2024.

No início deste ano nos falamos longamente por três vezes (online e em sua residência), fora o envio constante de mensagens e demanda para nos reencontrarmos. Embora manifestasse as mesmas 'posições' políticas, me pareceu relativamente mais animada e menos ansiosa com as ditas "*desgraceiras do Brasil*". Contou ter planos de voltar a estudar para se qualificar melhor para o trabalho e solicitou minha ajuda para obter informações a respeito.

G1.1/EA2: isolamento, antissistema e descomedimento

O segundo entrevistado foi indicado por conhecidas interessadas na pesquisa e, em particular, mobilizadas em "*ajudar a encontrar bolsonaristas*".

Foi bem difícil conseguir sua participação e, finalmente, entrevistá-lo¹⁶. Ao contrário da maioria das conversas-estendidas (realizadas na própria casa do informante ou na minha residência), a sua ocorreu numa cafeteria reservada, durando 2h.30', cerca de 1h.30' sem gravação. Por um erro técnico, a maior parte do áudio foi perdido. Como de hábito, recorri às mensagens e aos apontamentos que dispunha para reconstruir parte substancial de nossa conversação.

De aparência plástica e elegante, olhar sagaz, mas distanciado, voz segura, discurso pausado e entonação declinante, tinha fala de timbre agradável, sendo aparentemente reservado e de atitude desconfiada e pouco empática, com ar desinteressado, alheio e velado, do tipo 'lobo-solitário'.

¹⁶ Como todos os integrantes do G1, manifestou mais fluência e liberdade em momentos que conversávamos sem gravação. Mas, ao contrário do 'discurso-sem-censura' da primeira entrevista, mostrou-se muito reticente e desconfiado ao emitir suas opiniões. Todavia, em 2024, revelou-se bastante cordial e disponível tanto de participar do grupo de discussão, quanto de agendarmos outros encontros (insistindo nisso).

Em muitas situações, manifestou desconfiança, algumas vezes forneceu respostas evasivas, cheia de pausas e silêncios; um comportamento oblíquo, tangencial, indireto¹⁷.

Sua postura, a forma e o conteúdo da conversa dificultaram uma proximidade inicial, tão valiosa no trabalho de campo. Todavia, ambigüamente, era muito atento e obsequioso sempre que contactado.

Assim como a entrevista anterior, a celeridade e intensidade das muitas mensagens que me enviava sinalizavam uma intenção e vontade de falar e de manifestar seus pontos de vista, mas, aparentemente, sempre na retaguarda.

Embora, os enredos traçados parecessem privativos, os assuntos, temas, conteúdos e personagens, igualmente, eram oriundos de discussões prévias, ocorridas nas redes digitais que frequentava.

Em encontro posterior, no Grupo de Discussão, em março de 2024, surpreendentemente, se mostrou cálido, próximo e brincalhão, parecendo ser mais 'ermiteiro' do que 'lobo-solitário' (embora, nas entrelinhas, se revelasse mais 'convicto' em suas posições e maquinações políticas antissistemas e 'neodireitistas').

Por diversas vezes, retomou o contato de forma imediata, via WhatsApp, insistindo muito em nos revermos para "*falar de política*". No limite, indicava querer e carecer de interlocução.

Em relação à experiência de migrante (**bloco 1**), deixou o Brasil em quatro ocasiões (morou em dois países latino-americanos, no sul da Espanha e, finalmente, na Catalunha), alegando que queria "*viajar, conhecer o mundo*". Não se referiu muito à vida que tinha antes, as poucas vezes pareceram 'idealizadas'. Talvez, pelo tempo que vive fora, falava de um Brasil que há muito não era como descrevia - "*idílico, cheio de amigos-de-verdade, povo alegre e cordial, um bom lugar para envelhecer*" -.

Como resultado desse longo e contínuo período vivendo no exterior (sem ter morado no país nas gestões do PT), parecia enxergar o país através da Espanha. Era como se não estivesse vinculado a um 'Brasil-real', mas sim a um Brasil cuja medida era sempre a Espanha (embora afirmasse tanto, e em diversas ocasiões, seu desejo de voltar e envelhecer na cidade onde nasceu).

Em diversas situações comunicativas relacionei esse 'Brasil-atemporal' evocado a um 'Brasil-paralelo', que igualmente tanto aludia (especialmente nas mensagens que reproduzia via WhatsApp). No limite, aos meus olhos, ambas imagens se remetiam a um 'Brasil-quimérico'.

Depois de falar genericamente da vontade de "*conhecer o mundo*", apontando seu desejo de viajar e a violência e segurança pública do país como principais motivos para migrar ("*nunca ouvi um tiro na Espanha*"), disse ter deixado o Brasil em busca de "*melhores alternativas de trabalho*".

Afirmou que durante muito tempo, pôde viver de seu ofício na Espanha, viajou muito e conheceu toda a Europa. Todavia, hoje não era mais assim. Antes conseguia trabalhar e se equilibrar no circuito artístico-cultural alternativo espanhol, mas nos últimos anos enfrentava instabilidade e precariedade materiais, aparentando insegurança, vulnerabilidade e desconforto com essa condição. Inicialmente, sublinhou, seu "*trabalho bombou*" porque "*era um brasileiro, uma novidade*". Embora tenha alegado "*dias de glória*", lá e aqui não conseguiu estabilidade e segurança; o que pesava, sobretudo, agora em seu processo de envelhecimento.

Destacou que durante a pandemia conseguiu viver graças a benefícios estatais e devido à aposentadoria espanhola, recém obtida à época, enfatizando que sem ela não sobreviveria, pois o mercado de trabalho para ele, e muitos, "*se fechou completamente*".

Hoje disse viver quase integralmente dessa pensão, calculando que estaria melhor no Brasil ("*uma aposentadoria pequena aqui que valia mais lá*") devido à diferença cambial¹⁸. Isso em função da atual condição material (sem garantias de poder "*prover suas necessidades*"), pois parece muito adaptado à vida na Espanha.

¹⁷ No momento de clarificação de seu cadastro, muitos dados estavam em aberto. Quando lhe pedi clarificações à atualização de indicadores, notei certo constrangimento e retraimento de sua parte.

¹⁸ Cotizou para a seguridade social espanhola por dezoito anos. Sem ter contribuído no Brasil, buscava formas de acessar uma aposentadoria brasileira, em complementariedade à da Espanha. Uma mesma demanda por acesso ao EBS, junto à expectativa de obter 'vantagem' em relação ao Estado brasileiro. Uma versão abrandada da 'Lei do Gerson'?

Projetava morar lá e visitar aqui regularmente (“*com a idade se muda de valores*”), alegando querer voltar para “*curtir os amigos, andar de bicicleta e bater um violão*” ... *A Espanha não era mais a mesma*”. Amigos, bicicleta e violão, esse era o Brasil sonhado. O que aparentemente já não fazia aqui.

Curioso é que, apesar de reiterar o tempo todo esse ‘desejo-de-voltar’, imediatamente apresentava inúmeras razões para duvidar se isso seria possível. O que me fazia pensar nas nuances dessa demarcada disposição.

Em especial, sua necessidade de declarar tantas vezes a decisão, sem apresentar argumentos efetivos da forma como isso se daria, e mais afirmar para ele mesmo e para mim do que expor planos e viabilidades, bem como a extensa lista de dificuldades implicadas, junto ao aparente fantasma de não poder prover/sustentar suas necessidades face ao processo de envelhecimento.

A respeito dos meios de conhecimento e informações (**bloco 2**) declarou que a internet era seu “mundo”, algo talvez relacionado ao fato de que hoje parecia não ter “*amigos de verdade*”, interagindo quase “*integralmente nas redes virtuais*” e aparentando se sentir “*solitário*”.

Embora não explicitasse, parecia bastante ‘persuadido’ em relação às matérias e aos conteúdos extremistas, em circulação nos ambientes digitais que intensa e cotidianamente frequentava (considerando o tipo e volume das mensagens que me enviava e seu frequente pedido de ‘desculpas’ face à minha distinta posição política) -. Isso me levou a caracterizá-lo como ‘convicto-sectário’, tanto pelas elocubrações apocalípticas, quanto por seu discurso antipetista indireto, porém bastante afiado -.

Estimou permanecer “*mais de 8h diárias, todos os dias*”, e que, inclusive, “*trabalh[a] ‘plugado/conectado’, discutindo e postando muito*”, sempre por “*vias alternativas*”, procurando informação profissional sobre o cenário artístico contemporâneo. Por “*segurança*”, disse, utilizava exclusivamente *Telegram, Signal, Oyes, Rambo, Facebook, Youtube* etc.

Para ele, os meios de comunicação tradicionais e as ‘big-techs’ buscavam “*controlar e divulgar a informação que querem que o povo receba*” (implicitamente, via a mídia corporativa como parte do ‘regime’ que queria “*escapar*”), declarando que “*o sistema joga contra você*” e, por isso, buscava “*redes alternativas porque a maioria das antigas, como Yahoo, foram tomadas pelo sistema*”.

Em geral, sinalizava adesão a discursos de maquinação e conspiração em tudo que entendia como ‘sistema’. Em forma ‘generativa’, associava ao dito sistema uma ‘elite’ controladora, as mídias tradicionais e as megacorporações que tentam dominar o ‘povo’.

Afirmou que acompanhar informações e o debate político era o que mais o mobilizava. Antes, sublinhou, “*não se interessava, tampouco pelas coisas do Brasil, ignorava e não tinha nenhum interesse*”. Porém, há cerca de dez anos “*est[á] muito interessado na política e situação do Brasil*”, e muito “*atento nas redes*” para se inteirar dos acontecimentos através de “*meios realmente confiáveis*”.

À parte seu trabalho artístico, pareceu ser esta sua forma principal de ‘participação’ e interação com o ‘entorno’; e, também, de conexão com a terra natal.

Antes e após a entrevista, enviava algumas matérias de natureza ‘política’ que ‘vorazmente consumia’. Acerca desse material, pontuo duas observações. Primeiro, mediante o volume e a frequência das postagens, quiçá gastasse na ‘função’ mais que o tempo alegado/percebido. Segundo, tendo em vista o ‘tipo’ e ‘qualidade’ do que postava, parecia muito difícil, quase improvável, legitimar suas fontes e os conteúdos como fiáveis.

Sempre que enviava algo ‘estapafúrdio’ agregava uma mesma observação: “*Não sei se é verdade, mas ...*” Talvez, uma forma de mitigar efeitos desagradáveis das mensagens e de ocultar, também, suas intenções em divulgar os conteúdos.

Em termos de ‘opinião política’ (**bloco 3**), sublinhou que para sua geração “*ser de esquerda era moda*”. Mas, “*agora não é mais assim*”, manifestando o mesmo orgulho observado em outras entrevistas, em relação ao atual crescimento da direita; embora sem afirmar-se explicitamente como alguém de tal tendência política.

Segundo ele, a direita é “*diferente porque defende valores e acha a família algo principal*” (pontuando aqui ser preciso “*respeito aos pais*” e “*ter moral e caráter*”).

Em contraponto, considerava a esquerda “o pior do mundo porque as pessoas de esquerda são arrogantes, fechadas em suas certezas” ... não têm respeito, nem valores”.

Ao notar que se repetia e que já tinha dito coisas relevantes à pesquisa, encerrei nossa conversa. Ao final, perguntei se poderia contactá-lo alguns meses à frente e se tinha alguém para sugerir à pesquisa. Todavia, concluiu que não tinha “ninguém para indicar”. Posteriormente, na ocasião do GD, mostrou-se bastante disponível e interessado, insistindo, inclusive, que tivéssemos outras conversações e me enviando infinitos WhatsApp, com ou sem conteúdo político.

G1.2/EA3: devoção, dignidade e inclusão

A terceira entrevista ocorreu na residência do depoente e durou 2h.15’ (com o gravador desligado, 1h.30’). Lamentavelmente, mais uma vez, por problemas operacionais, o equipamento gravou apenas 20 minutos da conversa. Mas, com o auxílio do caderninho de notas, pude recompor o bloco perdido pois, felizmente, ‘parte substancial’ de nossa interação estava em ‘off’ e nas mensagens anteriormente trocadas.

Desde o primeiro encontro mostrou-se receptivo e interessado na pesquisa, pedindo informações sobre os objetivos e a finalidade da investigação e parecendo apreciar a iniciativa.

Tive a impressão de se sentir ‘valorizado’ ao participar, uma postura que indicava algo central em sua personalidade: a busca por reconhecimento, legitimidade e distinção. Isso concorreu para identificá-lo como um perfil mais ‘comedido’, em comparação aos outros eleitores de Bolsonaro contactados.

Característica que se confirmou tanto no tom de sua crítica político-partidária e em sua aderência ao ambiente virtual, quanto na forma esperançosa, positiva, segura e consciente com que se referia às situações difíceis que havia experienciado na vida, especialmente ao migrar à Espanha. Também por suas colocações sobre assuntos gerais (expectativas de classe na relação governo e população, alusão à trajetória de luta, demanda por dignidade, centralidade do grupo familiar, acesso a bens e direitos, dentre outros).

Moral religiosa e fé inabalável foram referências constantes em sua fala, segundo ele, elementos responsáveis pelo sucesso atribuído à sua trajetória. Todavia, pontuou hoje não ter mais religião (a família quase toda é ‘Testemunha de Jeová’), embora fosse “um eterno estudante da Bíblia” (a base da prática religiosa de seus seguidores).

Aparente e paradoxalmente, misturava uma narrativa ‘mágico-religiosa’ com uma autorrepresentação de ‘agenciador de si’ que parecia mitigar seus imprevistos e contingências de classe. Em várias situações, sublinhou que considerava “ser um vencedor”, enfatizando ser sempre positivo, assertivo, batalhador, “predestinado”, e que sua vida estava cada vez melhor.

A respeito da comparação Brasil e Espanha (**bloco 1**), considerava os brasileiros alegres, amáveis, bonitos e nossa comida deliciosa. Mas, enfatizou que infelizmente o país era “muito perigoso e inseguro”. Disse que decidiu migrar em busca de segurança, tranquilidade e oportunidades.

A meu ver, algo relacionado a sua orientação sexual, sobretudo, por viver numa região periférica.

Ao contrário do Brasil, sublinhou que na Espanha podia frequentar ambientes ‘queers’ “sem medo de ser agredido, importunado” (“praias, boates, bares”). Valorizava muito o fato de aqui, na Espanha, ter “acessos e condições” que antes não tinha.

Destacou muitas dificuldades para se sustentar e manter o trabalho como ‘empreendedor-autônomo’ no Brasil (dono de uma pequena loja de flores e plantas) que o levaram a encerrar o negócio e deixar o país.

Em comparação à sua posição atual na Espanha, pontuou, não se tratava de “ter ou não status”, mas o que importava é “ter como pagar as contas”, aludindo a seu dilema (segundo ele, superado) de “ser empresário no Brasil e ser mero florista aqui”¹⁹.

¹⁹ Sua narrativa demonstrava empenho, expectativa e perspectiva de ascensão laboral, embora exercesse um trabalho tão modesto (algo típico na experiência das classes populares). Valorizava desde as pequenas às grandes realizações, elencando seus sonhos e conquistas. A maior delas, disse, foi a decisão e seu empenho de migrar, mostrando-se decidido a fazer concursos internos, almejando um futuro e promissor posto de chefia que lhe garantisse mais oportunidades e melhor qualidade de vida.

Aos meus ouvidos, uma forma de abrandar a experiência e a sensação de vulnerabilidade que marcavam seu itinerário de vida (especialmente, antes de sua vinda para Espanha).

Junto à demanda material de se sustentar e “*enviar dinheiro para a família [no Brasil]*”, penso que o acesso a serviços sociais e culturais, bem como a bens de consumo, era central em seu exaltado ‘bem-estar’ (declaradamente, falar uma língua estrangeira, possuir passaporte europeu, ter expectativa e estratégia de carreira laboral, dispor de relativo poder de consumo, conhecer novos lugares e viajar, trazer a família para cá e poder viver bem com um salário básico).

Um ingresso que concorria para apagar memórias ‘infelizes’ de sua experiência migratória.

Junto ao declarado ‘encantamento’ com as possibilidades de lazer, entretenimento e acesso a bens e serviços, ao enfatizar esses ‘ganhos’ parecia minimizar as marcas negativas de sua condição inicial de migrante pobre e indocumentado. Ocasão em que alegou ter sofrido acoso e ter sido ‘explorado’ por alguém muito próximo e por outros com os quais “*encontrou pelo caminho*”.

Talvez, por ser gay tenha vivido experiências difíceis em suas redes de socialização primária (marcada por forte fundamentalismo moral-religioso). De forma implícita, indicou ter tido problemas e decepções com a conduta e o decoro religioso de pessoas de sua família e de amigos.

Apesar desses “*percalços*”, mostrou-se feliz e realizado porque, em grande parte, considerava estar cumprindo os objetivos que estabeleceu para si e, também, por ter superado muitas dificuldades: fez amigos espanhóis, contou com alguns brasileiros migrados que o ajudaram²⁰, regularizou sua documentação, conseguiu trabalho fixo, passou nas provas à obtenção de cidadania, realizou viagens e pode se permitir realizar regularmente atividades de lazer e entretenimento.

Em relação aos meios de comunicação (**bloco 2**), disse que hoje buscava informações relacionadas ao trabalho e lazer (filmes, biografias de celebridades, cursos de formação *online*, casa e decoração). Além disso, recorria à internet, sobretudo, para contactar sua família e fazer coisas pontuais, operacionais.

Através desse meio, falava todos os dias com a mãe, mais de uma vez pela diferença de fuso, lia e se atualizava (livros de autoajuda e sobre a vida de famosos), considerando-se “*bem-informado*”.

No mundo das redes digitais utilizava principalmente o *Instagram*, no máximo 1h diária. Atualmente, pontuou, só se informava e não debatia nem “*tuitava nada*”.

Contudo, sublinhou, antes (cerca de 10 meses antes do momento da entrevista) postava muito e participava de várias redes virtuais, em busca de contatos, conhecimentos e, sobretudo, notícias do Brasil.

Agora não mais, preocupava-se com sua privacidade e evitava polêmicas, sobretudo as político-ideológicas - seja com familiares e amigos ‘reais’, seja com conhecidos virtuais. Todavia, sua narrativa reincidia sobre ideias, tópicos e matérias recorrentes nesses circuitos que alegava não mais frequentar (ao menos de forma ‘ativa’).

Acerca das representações políticas (**bloco 3**), disse estar completamente “*desiludido*” e que não se interessava pela política²¹, pontuando a “*neutralidade*” como a definição de seu posicionamento político. Ao ser perguntado sobre os acontecimentos correntes no Brasil, enfatizou estar bastante desapontado.

Afirmou que “*direita e esquerda é tudo igual*”, como também considerava igual Espanha e Catalunha (colocando em mesmo patamar essas distintas questões políticas). Porém, a título de elucidação, mencionava eventos e argumentos recorrentes nas redes virtuais ‘extremistas’.

Sob minhas lentes, parecia ambígua sua frequência nesses ambientes politicamente ‘carregados’ que tanto criticava, em termos de exposição pessoal (mas frequentava).

O que indicava limites ao seu enunciado posicionamento, bem como revelava suas muitas hesitações em torno da alegada, e enfatizada, ‘neutralidade’.

²⁰ Neste momento, indicou alguns deles para participar da pesquisa (contactei três deles, mas não obtive retorno).

²¹ Como outra depoente, viveu no Brasil nos períodos de gestão executiva do Partido dos Trabalhadores. Talvez, por isso, demonstrasse tamanho desapontamento de como um “*pequeno-empresário*” não ter conseguido viver de seu trabalho, nem ter tido acesso a serviços e bens sociais (decepcionado com os governos que não “*realizaram o que haviam prometido*”).

No limite, sua postura tanto aproximava-o de certo 'lugar cultural', sinalizando uma inibida recondução de classe, quanto indicava liminaridade na forma como compreendia e agia.

Alegou querer trazer a mãe e a irmã para viverem com ele, na Espanha, enfatizando que só havia migrado pela mãe, "*para dar a ela uma vida melhor*", com mais "*qualidade e tranquilidade*".

Com voz embargada e olhos marejados (se emocionou muito e, em diversos momentos, me confidenciou parte das dificuldades que havia vivido), disse que tudo tinha um preço alto. Concluiu sublinhando que a vida "*na Europa não era só flores*".

Posteriormente, em fevereiro passado, tentei retomar o contato com ele; todavia, até o momento que escrevo estas linhas, não obtive nenhum indicativo que acessou minhas mensagens.

G1.1/EA4: ressentimento, reconhecimento e nostalgia

A quarta entrevista ocorreu em minha residência, durando 2h.35', 1h.03' gravada (fora quase 2 horas de preparação e desfrute de nosso *teatime*).

Graças à aproximação anterior, fora do contexto específico de pesquisa, mostrou-se sempre muito cativante, agradável e sociável. Por isso, seguimos trocando diversas mensagens que indicavam que parecia nutrir interesse e confiança em mim, manifestando certo reconhecimento do saber que eu 'encarnava' (fazia muitas menções sobre seus amigos "*intelectuais e acadêmicos*", sublinhando que devia conhecê-los).

Após sete meses de contínua interlocução tivemos uma 'conversa-combo', do preenchimento da ficha cadastral à gravação de seu depoimento. Uma 'resistência' inicial que associei ao seu perfil 'conservador', aparentando desconfiar de tudo que parecesse ser "*coisa-da-esquerda*", numa indireta hostilidade ao Partido dos Trabalhadores.

Na sequência, disse estar incomodada com "*os rumos do mundo*", manifestando sentir constante nostalgia de um passado no qual as pessoas "*viviam bem*" (considerando sua afinidade anunciada com governos ditatoriais e militaristas, me perguntava que tempo era esse e que formas de 'bem-viver' ela tanto se referia).

Em relação à decisão de migrar (**bloco 1**), afirmou sua experiência com o racismo no Brasil como motivo principal para deixar o país. Em momentos distintos deixou o Brasil, aos 22 anos, pontuando que pela primeira vez se "*[sentiu] livre e não menor do que ninguém*", e aos 51 anos, com filhas, netos, genros e estável circuito de trabalho e amigos.

Em nossa conversa, a 'marca-da-cor' foi referência constante, sobretudo 'em *off*'. Por isso, considerava a sociedade espanhola melhor e que não mais conseguiria viver, "*se enquadrar*", na terra natal, declarando que na Espanha pôde "*viver como queria*", adotando vida mais tranquila e estável. Em alusão a isso, pontuou que, ao contrário do Brasil, aqui "*não é a aparência o que conta*", explicitando a presença decisiva do recorte racial em sua experiência de vida, bem como uma demanda subjetiva por dignidade e reconhecimento social que não tinha experienciado no Brasil²².

Sua fala me fez aludir ao peso de nossa herança escravista. Dito melhor, me reportou àquilo que vem à tona e que "arrastamos conosco e marca a cadência e a direção de nossos passos" (Cohn, 2023). E, também, me remeteu à dimensão de nosso 'racismo epidérmico', onde a visibilidade objetiva da marca racial, do tom da pele à roupa, relaciona cor e status na regulação das relações sociais (Sodré, 2023).

A respeito dos meios de informação (**bloco 2**), disse utilizar a internet cerca de 4 a 5 horas, todos os dias, exceto no fim de semana (pontuando que antes usava mais tempo). Buscava se informar sobre música - "*não poderia viver sem ela*" -, procurando desde concertos, acervo clássico, à MPB. E, interessava-se também por cultura, gastronomia e política, em particular, pelas questões políticas do Brasil.

²² Sublinhou "*detestar*" a prepotência dos brasileiros, achando que "*você é melhor do que eu*", mesmo a maioria dos que viviam na Espanha (diferenciando-se desse "*tipo de brasileiro daqui*").

Disse que com as notícias nacionais gastava “*aproximadamente 2 horas por semana, não mais*”, pontuando que antes era muito ativa nas redes (o dobro de horas/dia), em relação ao tema (esse indexador temporal, ‘antes’, referia-se ao último ano de governo Bolsonaro, em campanha para se reeleger).

Em função de seu grupo de amigos e da quantidade e conteúdo das mensagens que me enviava, penso que a conjuntura e cenário político brasileiro ainda têm ocupado muito de seu tempo ‘livre’. Pelo que pude observar, continuava gastando muitas horas/dia, mais do que o alegado/percebido, em discussões com amigos próximos, sobre a situação sociopolítica nacional; embora postasse pouco fora desse circuito (enviar tais mensagens para mim era uma exceção e, aos meus olhos, mais uma declaração de confiança).

Em relação às posições e opiniões políticas (**bloco 3**), disse hoje ter mudado de voto e de posicionamento, pois quando jovem “*era comunista*”, como sua família; mas hoje, com sua idade e conhecimento, “*não mais*”. Distinguindo o passado ‘comunista’ da família, associava a esquerda, em geral, a tudo que era “*desordem*”, sublinhando que na atualidade “*a evolução da política ficou dividida no meio*”. Implicitamente, referia-se ao crescimento atual da direita, bem como sua conversão política.

Para mim, pareceu bastante ‘convicta’ de sua atual “*opção*”, embora sem declarar seu posicionamento político. Segundo ela, a direita pregava “*uma sociedade tranquila, que valoriza a família, casa, comida e trabalho*”. Em sua perspectiva, isso era “*viver bem*”, deixando transparecer sua identificação com valores tradicionais. Suas prerrogativas e expectativas de “*viver bem*” estavam alinhadas como um modo de vida hierárquico, conservador e antirrepublicano²³. Para ela, no campo da esquerda era impossível garantir tal estilo de vida.

A respeito da política brasileira recente, embora estivesse há muitos anos fora do Brasil, disse ter ciência do que ocorria porque “*se interessava muito*”. Enfatizou que, desde 2010, vem tendo conversas frequentes sobre o tema e pontuou que “*as pessoas perderam muito*” à época dos “*governos petistas*”²⁴. Seus amigos brasileiros (e os daqui) declararam-se bastante insatisfeitos com as gestões do PT, em tudo - “*educação, segurança, dinheiro mandados para Cuba e Venezuela; o país estancou*”.

Finalmente, declarou que considerava Bolsonaro “*o melhor para o Brasil*” e para “*todos*”, recorrendo ao relato de familiares e amigos para validar sua declaração. Em sua narrativa, por trás desses ‘testemunhos’, estava evidente o debate travado nas redes digitais de sua frequênciação.

Concluiu declarando já ter votado no PT quando “*era um pouco comunista*” e porque o Lula possuía identificação com o povo. Por isso, esperava que ele realmente governasse para os mais pobres; mas, “*isso mudou*”. De forma muito prestativa, indicou cinco amigas próximas para entrevistas (das quais duas logrei entrevistar).

Além do contexto da entrevista, voltamos a nos encontrar presencialmente quando participou do Grupo de Discussão. Um novo encontro, embora idealizado e sugerido por mim, no qual ela teve papel central tanto por garantir a vinda dos amigos, quanto pela forma agradável como transcorreu. Nesta ocasião, observei que fazia questão de se expressar, interrompendo muito os outros participantes como se quisesse confirmar a ‘legitimidade’ de suas opiniões - talvez, também, se colocando em defesa diante do grupo.

No fim das contas, seus comentários e conversas confirmavam que politicamente mantinha-se no lugar de antes (inclusive, aparentando maior convicção sobre os rumos atuais da política e sociedade brasileiras que durante a entrevista individual).

G1.2/EA5: empatia social, assertividade e reconversão

A quinta depoente foi indicada pela anterior, com quem tem estreita amizade e comparte a mesma rede de sociabilidade. A entrevista foi em seu domicílio, durando pouco mais de 1h.10': 40' de bate-papo informal, sem gravar, e 30' de conversa gravada.

²³ Como exemplo, aludiu que na Espanha de Franco, à época, “*as pessoas estavam satisfeitas*”.

²⁴ Igualmente a outros, não viveu no Brasil nos períodos das gestões do PT, tendo sua opinião formada em função das redes sociais que participava (familiares, amigos e mídia digital), apoiando-se nos argumentos dessas redes como forma de ‘autoridade’.

Apesar de ser muito modesta, uma ‘pessoa-comum’ - “*não sou importante ... “não sai as palavras”*” -, transmitiu segurança ao se pronunciar sobre várias questões, possuindo uma clareza genuína, sempre de forma ponderada e com presteza e objetividade quando interpelada e com incrível poder de síntese²⁵.

Com moralidade profundamente religiosa, os sinais estavam visíveis por toda parte, notadamente em sua narrativa e nos objetos decorativos da casa. Todavia, seu perfil foge do protótipo associado a uma neopentecostal praticante e tampouco se encaixava nos estereótipos relacionados aos eleitores de Bolsonaro.

Seu diferencial em relação aos outros do G1, se confirmaria quando revelou ter mudado de voto. Assim como outro entrevistado, apresentava uma postura bastante equilibrada, contrastando com o ‘antipetismo’ corrente e com as matérias e conteúdo que circulavam em suas redes sociais (família, trabalho, amigos e grupos digitais).

Essas características, junto às suas opiniões gerais, indicavam ser uma pessoa criteriosa, prudente e ponderada. Além de mostrar-se firme, assertiva, ciente e competente na resolução dos problemas e desafios (seus e de outros) e na avaliação sobre fatos e acontecimentos atuais.

Essa mesma clareza e perspicácia foi observada na ocasião de nosso encontro no Grupo de Discussão (fala direta e objetiva sobre as questões apresentadas, narrativa menos centrada em sua experiência pessoal, voltada para questões sociais efetivas, forte empatia social, dentre outras).

Um dado valioso foi que, no momento de nosso primeiro encontro presencial, revelou que “*no final das contas*” tinha votado em Lula (ao que tudo indica, no 2º. turno). Fiquei surpresa porque sua amiga tinha afirmado que “*ela também era do Bolsonaro*” - e, também, pelo tom religioso das mensagens que trocamos. Pontuou que seu grupo da Igreja e da parentela “*votaram em Bolsonaro, lá e aqui*” (no Brasil e os que moravam na Espanha). Por isso, iria indicá-los à pesquisa para ‘compensar’ não ter me dito antes seu (re)posicionamento eleitoral (entrei em contato com três pessoas, mas sem retorno).

De forma perspicaz, numa crítica implícita, mas sem ‘macular’ a imagem do ex-presidente, sublinhou que se Bolsonaro tivesse feito realmente um bom governo seria reconhecido pelo povo e, portanto, reeleito. Afinal, “*ele tinha tudo para ganhar; tinha a faca e o queijo na mão e não ganhou*”.

Agradei a confiança de me indicar parentes e me contar sua decisão de mudar de voto, ansiosa em explorar esse precioso ‘achado etnográfico’.

Em relação à mudança à Espanha (**bloco 1**), vive aqui há 19 anos declarando de forma objetiva (a única do G1) ter vindo por razões materiais (“*financeiras*”). Explicitamente, “*para fugir da pobreza*” (a única que fez essa alusão direta), em busca de uma vida melhor, já na maturidade (tinha 41 anos). Cabe pontuar, que ela migrou no final da primeira gestão do PT (‘Lula 1’) e aparentava trazer na memória o significado social desse governo.

Considerava a vida na Espanha melhor em tudo: no lazer e na cultura, nas oportunidades de trabalho, no acesso a bens de consumo e serviços básicos, sobretudo alimentação e segurança pública. Possui extenso circuito familiar aqui, morando com duas irmãs, sobrinho e cunhado, próxima a outros parentes. Graças a essa rede ela e outros membros da família vieram. Pontuou estar muito bem e totalmente integrada à vida espanhola, pois tem família, rede religiosa, trabalho e amizades²⁶.

Em contraposição, disse, o Brasil era mais alegre e o povo mais contente e essa alegria era a característica que mais admirava na terra natal. Contudo, desgostava muito de nossas desigualdades, sintetizadas por ela como “*a fome e a pobreza*” (imagens icônicas de sua ‘história-de-classe’). Por isso, jamais voltaria a viver lá, “*voltar ao Brasil só a passeio*”.

Em sua perspectiva, ambas eram causadas pela “*má administração dos governos*”, sublinhando ser uma situação comum “*em toda América Latina*” e destacando que “*todas [as] riquezas estão no Brasil*”.

²⁵ Profundamente religiosa (pentecostal de uma denominação pouco conhecida), se autodefiniu como alguém generosa, sincera, prestativa e compassiva.

²⁶ De início, considerava uma sociedade fechada, mas ao longo dos anos junto aos familiares, construiu uma rede de amigos e conhecidos (muitos emigrados, graças à família e ao trabalho). Ao longo do tempo, ajudou a trazer outros parentes e tem tido condições de auxiliar os que estão no Brasil, consolidando ampla “*rede de confiança*”.

A respeito dos meios de informação (**bloco 2**), mostrou-se muito bem-informada, acima da média de todos os do G1 que contactei (embora tivesse 2º. grau completo, pontuou que teve formação escolar numa região bastante periférica e numa escola pública de baixa qualidade).

Além das redes sociais, lia e ouvia diariamente o noticiário da TV espanhola (um canal progressista). Das redes digitais usava principalmente *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*²⁷; todo o dia, toda hora, disse, enquanto soavam as notificações de mensagem que não paravam de chegar (o que pude observar ao longo de toda nossa conversa).

Apesar de declarar conhecer matérias e conteúdos polêmicos que circulavam nas referidas redes, disse que “*se ocupava de outras coisas*” (numa crítica implícita aos mesmos). Para ela, a internet é uma “*benção*” porque um lugar de ganhos e oportunidades, em muitas dimensões. Graças a ela pôde contatar e reunir pessoas do mundo inteiro, através do que caracterizava como “*bazar e turismo*” (associando ao ofício uma representação virtual do antigo ‘caixeiro-viajante’).

Nesse meio criava grupos, se relacionava e trabalhava, principalmente com os brasileiros que viviam na Europa. Com os conterrâneos daqui (Europa) buscava “*conhecer, ajudar e informar sobre onde é melhor para viver*”, em especial com aqueles que partilhava a rotina do dia a dia, além de outros vínculos afetivos. Com os de lá (Brasil), trocava informações com familiares e mantinha contatos comerciais e amigos.

Acerca das representações e posições políticas (**bloco 3**), as distinções entre esquerda e direita, pela primeira vez fiz a pergunta *a priori* (todos entrevistados anteriores se anteciparam, colocando a questão por conta própria, retomada várias vezes e mais diretamente no terceiro módulo do roteiro de entrevista). De forma surpreendente, disse que, em geral, a diferença estava na maneira de gerir politicamente “*a administração pública*”, fazendo, aqui, outra divisão, entre ricos e pobres (políticas voltadas para esses segmentos sociais). Como exemplo, comparou a política na Espanha: o Partido Socialista Espanhol/PSOE e o Partido Popular/PP. Num estilo ‘modesto’, alegou não saber se era de direita ou de esquerda, “*muito desligada de política ... sou o que é o Sanchez*”.

Declarou que antes votava no PT (como seus familiares) e desde 2018 tinha mudado. Mas, há pouco, ao ler a biografia de Lula ficou (bem) impressionada com a história de vida dele, implicitamente identificada porque desde o início era “*um trabalhador, um lutador*”. Quando perguntei sobre o momento atual brasileiro, com expressão de dúvida, alegou “*no Brasil, não sei o que está acontecendo agora*”.

Enfim, sem ser consciente disso, penso que sua aparente hesitação encarnava as divisões e incertezas do país e as suas próprias (que, inclusive, a fizeram mudar de voto), concluindo que “*os bolsonaristas diz que está fatal; os ‘lulentos’, de Lula, diz que está ótimo*”.

G1.1/EA6: desconfiança, comedimento e dissimulação

A última entrevista ocorreu em minha residência, indicada por outra informante. Desde o primeiro contato virtual, preocupou-se em saber “*quais seriam os objetivos dessa pesquisa*”, declarando querer ter sua vida particular protegida.

Criou vários ‘senões’ para participar - marcou e desmarcou cinco vezes, disse preferir ir à minha casa, deu dois números de telefone, custava a dar retorno às mensagens, dentro outros subterfúgios -.

Além disso, declarou que somente após responder o questionário decidiria sobre gravar ou não nossa conversa, pontuando ter muita pouca disponibilidade e que “*preservava a privacidade*”²⁸.

Apesar da aparência bem simpática, não demonstrou confiança nem abertura ao diálogo: se colocava na defensiva, ponderava as palavras e tinha uma ‘postura’ polida. Em geral, transmitia suspeição e receio de

²⁷ Majoritariamente, suas interações e discussões ocorriam no contexto de trabalho, fonte de acesso e troca de informações frequentes, através de eventos como o grupo de leitura (encontros mensais regulares para discutir livros diferentes e lugar de conhecimento, interação e, sobretudo, ‘valorização-de-si’). Igualmente, nos contatos online à procura de oportunidades de negócios e melhor qualificação, buscando tanto crescimento pessoal, quanto desempenho profissional.

²⁸ No dia ‘marcado e remarcado’ à entrevista, retomou questionamentos e ‘declarações de princípio’, reticente, sem confirmar se aceitaria a gravação. De todos do G1, foi quem demonstrou maior preocupação com anonimato, manifestou suspeita e receio de falar, demonstrando baixa confiança naqueles fora de suas redes de sociabilidade.

expor suas opiniões, num desconforto e desconfiança que pareciam ir além da alegada preservação de privacidade.

Colocou diversas vezes: *“posso colaborar, indicar pessoas; mas, nada de exposição” ... “só entre amigos”*. De forma sempre genérica e evasiva, manifestava certa hesitação ao se pronunciar e falava muito de forma indireta e dissimulada, dando a impressão que temia o que dizer.

Sua forma de proceder e se expressar manifestava receio de demonstrar posicionamentos e opiniões. Paradoxalmente, mesmo se escondendo em gestos, silêncios e palavras, exibia um perfil mais ‘resoluto’ ao expressar suas convicções sociopolíticas, aparentando forte alinhamento a prerrogativas neoconservadoras.

Assim como outros participantes, recorria a argumentos e ‘explicações’ que circulavam nas redes digitais, confirmando o peso desses circuitos na modulação dos temas e conteúdos evocados. Isso ficava explícito tanto pela sua dissimulada crítica antipetista e por seu grau de participação nas referidas redes digitais, quanto pelo tom evasivo, escorregadio, ao se referir à sua história pessoal e a questões sociopolíticas em geral.

Em relação à mudança para a Espanha (**bloco 1**), disse que há muito deixou a terra natal (23 anos), enfatizando que, diferente da maioria dos brasileiros que saíam do Brasil, não deixou o país porque *“precisava, migrou por amor”*. Contudo, sobre isso *“não queria falar”* (alegando ser muito pessoal, mas, também, dissipando razões mais objetivas para migrar). Desde muito, vivia *“lá-e-cá”*, indo ao Brasil regularmente, a passeio. Enquanto tiver saúde e envelhecer bem, disse, não pensava em voltar a viver lá (apesar de temer um envelhecimento solitário)²⁹.

A respeito dos temas e meios de comunicação utilizados (**bloco 2**), disse que antes usava a televisão, mas mudou para a internet porque considerava um meio que oferecia informação *“verídica” - “visão clara, sem tendências, para rastrear a informação” -*.

Afirmou se interessar muito pelo que ocorria no Brasil, por economia e política, e que se informava exclusivamente por canais e notícias da internet (sem estimar o tempo de utilização). Contraditoriamente, no momento inicial da conversa, sem gravação, alertou que *“não queria e não iria falar sobre política”*³⁰.

Em relação às representações políticas (**bloco 3**), disse já ter mudado de voto não por razões de *“Partido, mas por acreditar em pessoas”* (uma alusão indireta a Bolsonaro). Porém, igualmente, não queria falar sobre isso, indicando que teria votado não no partido, mas no presidente (assim como a maioria do G1, pelo fato de viver há muito fora do Brasil, não experienciou diretamente o período contínuo das gestões do PT).

Acerca da divisão entre esquerda e direita (pergunta diretamente colocada), disse que no mundo, na Espanha e, principalmente, no Brasil, a direita crescia e hoje era evidente a divisão entre as duas posições. Para ela, no Brasil isso era bem maior e visível, afirmando que a direita estava avançando. Isso ela *“tinha claro, mas não queria [se] expressar”*.

Segundo ela, uma *“direita silenciosa, mas que agora cresceu e resolveu falar. Agora não tinha medo de falar”* (aparentemente associando essa possibilidade de falar com uma vontade de falar por ter o que dizer). Disse basear-se em valores, como família, religião e educação e que, antes, essas questões não eram contempladas *“porque a base está no governo”* (referindo-se subliminar e negativamente ao PT), mas agora se sabia mais e melhor sobre a direita (e, por derivação, conhecia-se melhor também a esquerda).

A respeito da esquerda, afirmou que *“é, entre aspas, contra o sistema capitalista, mas não é isso que se vê na prática. Capitalismo para você, para mim socialismo ... um governo socialista, mas ...”*. Segundo ela,

²⁹ Disse preferir viver na Espanha, sem identificar claramente distinções entre o país e o Brasil, *“não vejo diferenças, embora sejam diferentes”, não saberia “como destacar”*. Mas, sublinhou que gostava de tudo daqui a comida, a cidade e o bairro onde morava. Por sua vez, o aspecto mais positivo do Brasil era a felicidade do povo, que, mesmo *“sofrido, é feliz com tão pouco”*. Apontou também a diversidade cultural e as riquezas naturais, *“apesar de mal distribuídas”*.

³⁰ Além de informações sobre Política e Economia, principalmente, buscava notícias sobre Meio Ambiente, enfatizando a diferença entre *“o que se fala e o que se faz”* porque se fazia muito pouco. Genericamente, sublinhou que os governos e as cúpulas falavam muito, mas *“o que se põe em prática?”* (aos meus ouvidos, uma forma enviesada de negar a urgência da agenda ambiental).

hoje as pessoas estariam conhecendo melhor também o 'socialismo', implicitamente, em função do crescimento da Direita, considerado fato positivo.

Acerca de seu posicionamento pessoal, disse que era “segredo” e que, novamente, não iria falar. Compreendi que continuaria ‘negociando’ sobre o que iria ou não “falar”, e que não teria muito mais a acrescentar. Logo, encaminhei para o encerramento da gravação perguntando-lhe sobre se poderíamos voltar a conversar, passado um tempo, e sobre indicações à entrevista. Disse ter gostado da entrevista e que era importante pesquisar porque demonstrava a realidade; mas achava que deveria ter “muito” mais pessoas entrevistadas, para retratar de fato muitas opiniões (novamente, uma alusão indireta ao crescimento da direita).

Ao final, pontuou que embora estivesse (antes) preocupada com o destino e uso de sua opinião - “Para onde vai minha informação? Como vão utilizar isso?” - (informação como um dado ‘precioso’ e ‘sigiloso’, sobre ela enquanto pessoa), se sentiu bem ao expressar seus pontos de vista, dizendo que indicaria outras pessoas à pesquisa; embora tenha dito isso várias vezes, não mencionou ninguém. Quando tentei reestabelecer contato no início deste ano, até o momento em que escrevo este texto, não me deu nenhum retorno³¹.

Apesar de ter exibido os entrevistados do G1 na ordem de realização de nossas conversas-estendidas - da primeira (EA1) à última (EA6) -, tinha outras disposições para apresentar esses ‘informantes-chave’. Por exemplo, poderia apresentá-los conforme três agrupamentos, maior tempo de migração, qualidade de vida declarada e graus de adesão à cesta de ideários (neo)conservadores.

Embora tenha identificado muitos recortes imprescindíveis à análise (o tempo e as condições de migração, a situação de vida na Espanha, o acesso a bens e serviços sociais e o padrão de consumo, e a qualidade das redes de sociabilidade), explorei sua aderência aos discursos e à agenda ‘neodireitista’ (participação em redes digitais junto a apreciações e avaliações sociopolíticas) por estar em maior consonância com os objetivos traçados para a pesquisa. Como dito, face aos posicionamentos proclamados, foi possível caracterizá-los como sendo menos ou mais ‘convictos’ ou ‘comedidos’, em relação às matérias e conteúdos circulados nas redes digitais que frequentavam e aos enunciados ‘antipetistas’ recorrentes.

No final das contas, um reagrupamento ‘categórico’ que fez emergir novas interrogações e novos contornos analíticos. A partir daí, redefini como central à reflexão sobre eles focar em três aspectos presentes em quase todos contextos e situações discursivas compartilhados: *o tipo de narrativa, a mídia metapolítica e a dimensão moral-afetiva dos enunciados*, considerando a singularidade do ambiente comunicacional (virtual) onde trocam informações, identidades, valores e afetividades.

Enfim, de forma ensaística, a primeira característica apontada (**narratividades reflexivas**) será examinada a seguir, interpretando muitas enunciações que, de maneira mais ou menos explícita, se reportam a questões de natureza subjetiva, atravessadas por formas de avaliação e divisão políticas.

3 NARRATIVIDADES REFLEXIVAS: discriminação subjetiva, seletividade crítica e juízos políticos

Nos entrevistados do G1, nas muitas histórias contadas e recontadas, identifiquei vontades de falar e de ‘poder-falar’ que iam além da situação de ‘entrevista’. Ao longo de nossa interação, os entrevistados conformaram uma narrativa encadeada, indexada por sujeitos, motivos, eventos, temporalidades e espaços, especialmente relacionados à conjuntura sociopolítica brasileira.

De forma envolvente e eloquente, as muitas histórias relatadas em ‘off’, algumas recontadas em ‘on’, sinalizavam encoberto desejo deles em se pronunciar sobre variados assuntos, quase integralmente, circulantes nos meios que frequentavam. Talvez para captar a atenção e/ou mostrar o que tinham a dizer, discorriam sobre tópicos e argumentos encontrados nas redes virtuais que terminavam redimensionados ao nível de suas próprias experiências.

³¹ Sobre a retomada do contato, posteriormente, soube que ela estava no Brasil, desde o final de 2023 até meados de 2024.

Uma mistura entre trajetórias, ligadas ao movimento de construção subjetiva, e interpelações dirigidas a 'outros' que 'atravessavam' nossa comunicação. Grande parte dos enunciados indicava dificuldades de se projetarem mais além dessas vivências. Certo era que todos falavam muito. Algo surpreendente, se comparado aos evitamentos e resistências iniciais, tanto ao preencher o cadastro de pesquisa quanto ao conceder depoimentos e, mesmo, ao reagir aprioristicamente às questões colocadas.

Uma vez passado o momento de aproximação, sempre mais polido e discreto, esse 'jeito de falar' ia tomando o contexto comunicativo e configurando um modo que terminei por qualificar como '**narratividade reflexiva**', devido às dimensões intersubjetiva e performativa que demarcavam o campo das relações e do discurso.

Junto à feição particular de contar 'histórias-sobre-si', profundamente relacionadas a 'razões identitárias', a ambivalência identificada em seus comportamentos, entre 'negar e querer falar', me levaria a discorrer sobre o caminho trilhado entre silêncios e desejos de falas naqueles que (como eles) nas últimas décadas experienciaram relativo 'apagamento discursivo' (em especial, na esfera pública). Talvez, em determinadas situações (o trabalho de campo é uma delas), falar ganharia uma dimensão de 'premência'.

No limite, independentemente do lado em que estejamos, conforme pontua Gabriel Cohn (2023), na racionalidade autoritária do capitalismo brasileiro e em nossa 'democracia senhorial', a destituição e/ou esvaziamento da 'fala' (compreendida como expressão do dissenso e resistência à homogeneização) representam formas, por excelência, de controle social.

Acerca disso, me intriga o fato de que sujeitos possam se sentir inibidos para externar desejos, ideias e opiniões 'contracorrentes', levando em consideração o ritmo e o estofado das mudanças sociopolíticas e culturais nas sociedades contemporâneas. Em particular aqui, no Brasil desde as gestões políticas social-democráticas e a consolidação de ações progressistas.

De forma impressionista, me refiro àqueles que se sentiram 'despercebidos e/ou desautorizados', face ao crescimento e à prevalência de práticas e discursos defendidos por gestões democráticas, de caráter emancipatório e redistributivo. E mais, na realidade brasileira corrente, os quantos que se ressentiram, afetados e inseguros com os efeitos tímidos, porém visíveis, das agendas e pautas inclusivas de governos e grupos sociais que apostaram na criação e fortalecimento de um processo de desenvolvimento social republicano. Um contínuo de falas, fatos e fotos que prevaleceram na cena nacional, de forma variada, há cerca de vinte anos, cujo cenário eles não 'compunham'.

Autoritarismo e Conservadorismo Atávicos

Como aponta grande parte do pensamento social brasileiro, autoritarismo e conservadorismo são elementos organizadores de nossa formação política e sociocultural, significativamente presentes em toda a história nacional. Estruturalmente, expressiva parcela da sociedade brasileira é preservativa e reacionária, marcada por uma baixíssima incorporação de valores, institucionalidades e práticas democráticas na experiência cotidiana³².

O que pode ser atestado em recentes estudos e pesquisas sobre o perfil conservador de nossa população (especialmente, o 'brasileiro-médio'), em temas que envolvem moralidades e costumes (corrupção, aborto, descriminalização de psicoativos, criminalização do racismo, sexismo e homofobia, dentre outros) e que tendem a dividir o Brasil ao meio (no mínimo). Como constatamos, pautas passíveis de instrumentalização política, como bem sabe (e usa) os 'líderes' e 'gerentes' da direita neopopulista.

Guardadas as devidas proporções, para sujeitos identificados com valores tradicionais parece ser difícil defrontar questões que coloquem em suspenso suas formas de estar e atuar no mundo (sobretudo, quando

³² L. Schwartz problematiza a configuração de nosso autoritarismo em termos históricos - o sistema racista-escravocrata, o mandonismo patriarcal e a lógica patrimonialista, - explicitando que encontramos "traços do mandonismo patriarcal desde a Colônia à República; da lealdade aos senhores à corrupção via "curral eleitoral" e "voto de cabresto". Por fim, sublinha que "*persistirá no Brasil um sério déficit republicano enquanto práticas patrimoniais e clientelistas continuarem a imperar no interior do nosso sistema político e no coração de nossas instituições públicas*" (2019, p. 64). O que ajudaria, em parte, a 'decifrar' como um governo de não realizações e de tão mau desempenho, Bolsonaro, mantém o apoio de cerca de um-terço da sociedade brasileira; antes, durante e depois do contexto de campanha eleitoral de 2022.

seus incômodos são 'incitados' politicamente). Assim, tendem a negar prerrogativas democráticas básicas - promoção, defesa, redistribuição e compartilhamento igualitários de bens e direitos - que devem orientar a vida republicana. Ou seja, colocam-se contra a proteção constitucional das minorias e discordam do papel do Estado como instância reguladora das desigualdades sociais, junto à defesa e legitimação de um Estado policial e repressor (Besen, 2023).

Em certa medida, uma parcela deles sentiu-se "barrada no baile"; e, talvez, em parte por isso, encarne hoje o guarda-chuva que abriga os 'novos conservadores brasileiros', afinados com ideários de características autoritárias.

De forma 'paródica', aqui, na perspectiva deles, que se veem como 'maioria', propensos e/ou alinhados a ideias e ideários conservadores, como lidar com sistemas de crenças, normas e padrões distintos dos seus? Com pobres ganhando bolsa-família, ocupando institutos federais e universidades, produzindo cultura, viajando de avião e negociando direitos? Com pretos mobilizados, empoderados em sua negritude e denunciando multidimensionais violências materiais e simbólicas? Com mulheres encorajadas a enfrentar humilhações, opressões e arbítrios historicamente impingidos dentro e fora do ambiente doméstico? Com grupos *queer* saindo dos becos, ocupando as ruas, construindo novos arranjos familiares e fazendo com sua presença e seus corpos a resistência? Enfim, com igualdade, justiça e inclusão que 'perturbam' uma ordem social tradicional e dão mostras do grau de esgarçamento de nossa democracia representativa.

Alguns recém-saídos do armário, muitos intrinsecamente identificados com hierarquias, mandonismos, violências e exclusões que sustentam nossa sociedade tão desigual, vão assumindo posicionamentos simbólicos e funcionais cada vez mais alinhados ao (neo)conservadorismo que nos cerca.

Antipetismo de Sempre

Em tempos correntes, particularmente, essas características atávicas ganharam nova roupagem. Na contramão do conservadorismo que nos forja, no Brasil das últimas décadas - face ao papel hegemônico do Partido dos Trabalhadores (PT) no controle do poder político e da máquina pública - foram discutidas, agendadas e implementadas medidas que mexeram em ordens consolidadas, na percepção de grupos sociais e nas relações interclasses (ameaças, medo, desordem, perdas de privilégios e poder, ressentimentos).

No fluxo de uma "onda rosa", em níveis continentais e nacionais, os reordenamentos decorrentes (comparativamente mais simbólicos que materiais) recolocaram o PT na 'berlinda'; logo, as posições políticas 'progressista' ou 'conservadora' se alinharam em lados radicalmente opostos, em torno de ser a favor ou contra o referido partido. Em duas décadas de nosso século, o PT tornou-se um catalizador de afetos e desafetos políticos que, ao final, se deslocaram para a realidade sociocultural brasileira como um todo (Gouveia, 2024).

A partir daí, o país mostra-se politicamente dividido em três porções que misturam e reúnem ideologias não só distintas, mas também antagônicas e contraditórias. Como indicam dados atuais (últimas pesquisas de opinião - Datafolha, Quaest, Ipec, Paraná Pesquisas, Atlas, Vox Populi, Ipespe, FSB Comunicação), um terço de nossa população se declara 'petista', outro terço anuncia ser 'antipetista' e, finalmente, o terço que sobra se posiciona fora dos eixos de polarização.

Essas proporções se mantêm desde a primeira gestão presidencial do PT (2003) até os dias correntes. Mas, sobretudo, nos últimos dez anos, de ascensão e fortalecimento do neopopulismo brasileiro, ganhou visibilidade pública. Desde então, um conhecido 'sentimento udenista', sob a bandeira da anticorrupção e do combate ao 'marxismo cultural', traveste nosso familiar 'anticomunismo' (abandonado com o fim da Guerra Fria) em pungente 'antipetismo'. E, mais ainda, deixa às claras limites e tensionamentos à ordem democrática atual (conforme indica a narrativa dos componentes do primeiro grupo de entrevistados).

A 'Localização' do G1

Esse é o 'mapa' do primeiro universo empírico investigado no projeto "*Um Pedaco do Brasil na Espanha*": um grupo de migrantes brasileiro identificados com prerrogativas político-sociais conservadoras e antirrepublicanas que são potencializadas no ambiente de suas redes sociais, notadamente as digitais.

Com base na especificidade do 'campo', procurei problematizar parte da partição atual de nossa sociedade ao trazer à tona algumas razões subliminares aos discursos observados no processo de interação empírica. Dito melhor, ao focar pontos de vista 'locais', persegui lógicas gerais e internas que nutrem as dinâmicas de funcionamento do (neo)conservadorismo brasileiro que, cada vez mais, ganha espaço em nosso ambiente político-social, marcado por desigualdades, intolerâncias e múltiplas exclusões.

Logo, pretendi qualificar aspectos de seu contínuo crescimento e de sua desafiadora resiliência, em busca de representações sociopolíticas subjacentes nos enunciados empiricamente situados que parecem se apropriar inversamente desses marcadores.

Nos limites da observação direta realizada, o que foi sendo proferido ia além daquilo propriamente abordado. Como será visto a seguir, as inúmeras considerações evocadas pelos brasileiros e brasileiras entrevistados apontam relativa necessidade de 'distinção de si', face aspectos potencialmente negativos que permeiam suas experiências, bem como recondução a um ideário de classe. Igualmente, revelam retraimento e seletividade críticos ao debaterem sobre recentes acontecimentos políticos nacionais. E mais, trazem à tona uma discriminação político-partidária altamente valorativa.

Nesta terceira seção, portanto, vou examinar parte dessas dimensões engendradas em campo, contextos e situações que deslocam sentidos, a mencionada '**narratividade reflexiva**' dos entrevistados do G1, que incide sobre eixos interpretativos transformados em categorias avaliativas: **discriminação subjetiva, seletividade crítica e juízos políticos**. Embora muitas categorias estejam presentes em suas dinâmicas discursivas, de nomear, atribuir, homogeneizar e generalizar, meu foco incide sobre essas.

Todavia, sem a 'exatidão rigorosa' de uma 'monografia analítica', encampo uma busca exploratória de nexos e sentidos à interpelação desses sujeitos, explorando neles sentimentos amorfos que indicam uma subjetividade perpassada por sensação de 'silenciamento' e 'desvalor', em termos político-partidários, avaliações seletivas e julgamentos acerca de dadas instituições e agentes políticos e distorções factuais sobre determinados acontecimentos públicos nacionais. A meu ver, aspectos que qualificam seu modo de conformação discursiva nos espaços cotidianos em que estão em circulação ('da casa às redes').

3.1 NARRATIVAS DE DISTINÇÃO: discriminação positiva e valorização subjetiva

No campo multidisciplinar das 'ciências sensíveis' (compreensivas, interpretativas), *narratividade* e *reflexividade* são noções cruciais no processo de construção de conhecimento (de si, do outro e de suas interações), fruto da relação entre sujeitos e objetos de reflexão.

Algo próprio a toda prática discursiva, e predominante nas 'prosas' observadas, que endossa o caráter prático da linguagem e a dimensão interacional dos discursos, remetidos a interlocutores presentes ou ausentes na cena comunicativa.

No domínio dos estudos da linguagem, notadamente a sociolinguística, a pragmática e a análise de discurso crítica (ADC), conformam chaves de entrada à compreensão da dimensão performativa das falas, relatos, conversas, textos e demais peças discursivas. Mais ainda, evocam a propriedade essencial (elementar) da linguagem tanto de conceber e constituir o mundo, quanto de nele interagir (para manter ou transformar a realidade).

Narratividade

A **narratividade** representa uma estrutura discursiva pertinente ao campo da narração. Ela não se encarrega de 'ficções', mas sim do resgate de histórias da vida cotidiana, reais ou anedóticas, que emergem em contexto comunicativo e orientam sentidos ao que está sendo dito, indicando a dimensão de agência contida na linguagem.

Comporta **um modo de representar a si e ao outro que tem como base afinidades e distanciamentos socioculturais**; bem como um jeito organizado em tempo real, no contexto da fala, de atrair e mobilizar a atenção de interlocutores, no qual os indexadores tempo, espaço, lugar, motivos e participantes são cruciais ao contexto comunicativo (Van Dijk, 2023a e 2023b).

Por isso mesmo, um domínio discursivo profícuo à análise socioantropológica das identidades em jogo, confrontadas em dado processo de interlocução (intersubjetividades). De maneira nada passiva, a forma e o poder de narrar representam também outro tipo de agenciamento na medida em que se configuram em *modus operandi* a mudanças efetivas - nos planos objetivos e subjetivos - que fazem parte do repertório existencial e político de diferentes sujeitos cujos 'discursos' estão em disputa no mundo (Wodak, 2020; Van Dijk, 2023a e 2023b; Silva e Lee, 2024)³³.

Tratando-se de indivíduos que tenham se sentido 'desaprovados e coibidos' por determinado discurso dominante (no caso aqui, aqueles identificados com valores conservadores, 'mitigados' no Brasil durante gestões político-social progressistas), essa maneira de narrar pode significar, também, uma forma de reagir a determinada 'supremacia discursiva'. Em outras palavras, pode representar ato de 'contra hegemonia', não necessariamente deliberado, de parte daqueles que agora, em 'tempos bolsonaristas', quiseram e puderam falar, sentindo-se autorizados pela emergência e potência de simplificada crítica social, própria aos discursos e práticas neopopulistas. Afinal, se 'falar é poder', 'poder-falar' traz visibilidade às ideias e modos-de-estar no mundo.

Dentre tantos motivos, em parte, a reemergência e truculência do autoritarismo brasileiro hoje indicam que uma parcela expressiva de nossa sociedade, conservadora e reacionária, ganhou 'poder e lugar de fala'. Apesar de difícil, é cada vez mais imprescindível escutá-la e interpretar seus signos linguísticos (significantes e significados) e enunciações, impregnados de 'senso-comum' e de 'meias-verdades', como indícios importantes para compreender o que faz essa parte posicionar-se contra o 'sistema' e contra as agendas redistributivas e inclusivas. E, assim, munir-se melhor para enfrentar o desafio de construção processual de um 'difícil' projeto republicano que possa incorporar um número cada vez maior de demandas.

No caso dos entrevistados, partidários de Bolsonaro, **a necessidade de falar foi constatada em muitas situações: na intensidade de suas mensagens e postagens, na digressão de algumas enunciações, na forma direta como alguns argumentavam, ou mesmo quando oscilavam entre o que poderia ser dito ou não dito e na sobreposição da fala**, por exemplo. Porém, **notadamente, foi observada na ênfase com que aludiram ao crescimento da direita em tempos atuais** (pontuando ser no Brasil e no mundo) **e no uso recorrente de 'questionáveis' argumentos-síntese encontrados nas redes digitais que frequentavam** (e replicavam). Uma narrativa guiada por muitos fios-condutores, um deles, sem dúvida, originado em materiais provenientes dos nichos virtuais que frequentavam.

Reflexividade

Em relação à **reflexividade**, sua primeira característica é de ser um atributo humano. A **ideia abrangente de que algo pode ser refletido, espelhado, bem como passível de cogitação, próprio ao processo de construção subjetiva** (introspecção, impulsividade, criatividade e produção contínua de sentidos) **e de percepção da 'diferença' pela qualificação daquilo que não é 'você'**; - ou seja, o 'outro' -. Uma lógica especular que se encontra além do reflexo da própria imagem porque lida com um sujeito relacional; ou seja, intersubjetivo.

Junto a esse atributo universal, agrega-se aqui a noção no campo das ciências humanas e sociais, exaustivamente discutida por clássicos, no plano filosófico, epistemológico e metodológico³⁴. Qual seja, a de que **junto à dialeticidade do processo de construção do conhecimento, compreende-se que dado sujeito** (social), **baseado em saberes prévios** - modelos mentais, acervos cognitivos, valores e ideários

³³ Em dado arcabouço discursivo - Semântica, Sintaxe, Pragmática, Retórica etc. -, no exame dos conteúdos e significados da fala é preciso observar contextos e textos que permitam 'mapear', também, certos 'modos de falar'. Para sublinhar a força dessa narratividade, aludo ao recente livro de Daniel Silva e Wong-Lee (2024).

³⁴ Conforme analisado por aqueles, em estatuto diferenciado, que construíram os fundamentos à discussão, como Kant, Hegel, Husserl, Wittgenstein, Schutz, Dewey, Weber, Giddens, Beck, Bourdieu, Taylor, dentre outros.

(ética), gostos e preferências (estética), dentre outros - **ao estabelecer relações com ‘aquilo que ele não é’ termina por entrar em diálogo consigo mesmo e vai configurando a si próprio e ao outro** (identidades).

Esse processo reflexivo não ocorre no vácuo, pois implica numa série de interfaces que são organizadas discursivamente. Por isso mesmo, o problema da ‘identidade’ ocupa lugar decisivo como parte essencial do ‘discurso’ sobre si e sobre o outro, atravessado pela dimensão cognitiva - conhecimentos, modelos mentais, ideologias, valores (Van Dijk, 2023a; 2023b) - e pela dinâmica contextual, que relaciona formas de identificação e marcação distintiva entre ‘eu’ (que enuncia) e o ‘outro’ (que intercepta). Este, o ‘diferente’, em geral e, principalmente, em tempos atuais tende a ser visto como uma dessemelhança negativamente valorada. Como sistema intelectual, um corpo de ideários subjacente influencia ações e comportamento e, assim, conduz o ritmo à interação social entre indivíduos e grupos. Ou seja, interfere nas pessoas com as quais ‘me’ identifico e relaciono e na maneira como reconheço e trato os ‘outros’ - experiencial e/ou discursivamente (Van Dijk, *apud* Rojo, 2023).

Identidades Afetadas

Na realidade brasileira fatos e fatos indicam fantasmas e ameaças que nos espreitam. A experiência democrática exige muito mais que uma vitória eleitoral, exige aprendizado acumulado e compromisso com o projeto republicano, cujos preceitos básicos (igualdade, tolerância, inclusão) têm sido sobrepostos por uma noção absoluta e instrumental de ‘liberdade’ (Besen, 2023). É preciso conhecimento crítico, mobilização, atenção e força, capazes de reverter investidas antidemocráticas.

Afinal, identidades ‘afetadas’ servem de munição a projetos políticos nefastos e a podres poderes. No contexto empírico examinado, os ‘saberes-prévios’, que orientam ‘fazer-da-hora’, estão relacionados a esse arranjo de ideários (neo)conservadores cada vez mais corriqueiros e ‘naturalizados’ (defesa da herança ditatorial, agenda neoliberal, conservadorismo moral, fundamentalismo, repressão e violência política, perspectiva autoritária e armamentista, antipolítica e antissistema).

Ao pensarmos que parte expressiva de nossa população se mostra identificada com esses valores, atestamos que a sociedade brasileira se encontra ainda distante de incorporar em sua experiência cotidiana práticas políticas, sociais, culturais e discursivas efetivamente democráticas e inclusivas. Não só no Brasil, as tantas ‘democraduras’ atuais (governos de ultradireita que combinam regras democráticas com práticas políticas autoritárias e populistas) contam com o apoio e mobilização desses muitos afinados com práticas disruptivas e antirrepublicanas (Wodak, 2020; Van Dijk, 2023).

Aqui e acolá, apoiam-se em negação e reinterpretação de fatos, inversão de conceitos e retóricas laudatórias que achatam e naturalizam a complexidade da vida social e o desenrolar do fluxo histórico. Nesta dinâmica pagam todos, mas pagam muito mais aqueles historicamente alijados do processo de inclusão efetiva que se almeja numa sociedade republicana: os que ‘não importam’; a ‘ralé’ condenada à exclusão, dominação e indiferença, num mundo dividido entre os que valem ou não valem a pena (G. Cohn, 2023; J. Souza, 2019; L. Schwartz, 2019).

Num contexto cada vez mais tensionado, o ‘poder de fala-da-exclusão’ de segmentos ‘clássicos’ (pobres, pretos, mulheres, lgbtsqi+, minorias étnicas e nacionais, ‘sem-terras’ e ‘sem-tetos’, por exemplo) desloca-se ao revés para outros que estão e/ou se sentem minorados. Junto a prerrogativas pontuais, esses ‘outros’ buscam reverter sentimentos amorfos de irrelevância e desvalorização, cada vez mais evidentes num mundo tão complicado e intrincado e em experiências sociais tão multifacetadas e tensionadas. Guardada as devidas proporções, à esquerda e à direita.

Um aspecto crucial aqui é **a necessidade desses ‘muitos’ (e de ‘todos’) em ter sua dignidade e valor reconhecidos**. Para tanto, de forma consciente, ou não, **validam-se de um processo de discriminação subjetiva** como instrumento para obter essa almejada legitimidade (que, dentre outros, implica em reconhecimento, respeito, visibilidade e voz).

Por isso, é imperativo buscar compreender significados subjacentes às dinâmicas de aproximação, desidentificação e distinção que agregam ou separam certos indivíduos de outros (o ontológico par de distinção ‘nós vs. eles’). Algo constitutivo dos processos de subjetivação, mas que ocorre hoje de forma

radical e compromete a convivência social, ameaçando o funcionamento da nossa e de tantas outras sociedades, cujos sujeitos sustentam versões positivas de si e negativas do 'outro'.

Narratividade e Autorrepresentação

Em termos 'locais', nos entrevistados do G1, **a recorrência e o vigor da referida 'narratividade reflexiva'**, em parte, parecem indicar esse processo. Por um lado, **uma premente vontade de falar e contar de/sobre si**, levando em consideração a relativa apartação de questões que lhes 'tocam'. Por outro, **uma ampla necessidade de marcar a diferença entre 'eles' e 'outros' com os quais não se identificam**, reconstruindo suas subjetividades, conscientemente ou não, e ressignificando potentes 'afetos tristes', como ressentimento, instabilidade e sentimento de desvalor.

Penso que trazer esses sujeitos 'localizados' para 'mais perto' pode contribuir à compreensão maior sobre limites, impossibilidades e desafios ao fortalecimento e estabilização de um projeto essencialmente republicano.

Guardados limites e possibilidades, tento me acercar e alcançá-los ao interpretar essa recorrente alusão à 'distinção positiva', identificada nas muitas histórias e trajetórias interpeladas nesse primeiro grupo de entrevistados.

Em quase todas as narrativas observadas, evocações sobre 'estórias-de-migrar' e vivências subalternas pareciam projetar, para eles mesmos e seus interlocutores (para além do contexto comunicacional em si), imagens mais 'remediadas' sobre vividas situações difíceis de carência, precariedade, humilhação, sofrimento e dor. A meu ver, isso possibilita tanto reprocessar certas vivências 'subalternas', quanto reformatar suas demandas por dignidade e reconhecimento (Sousa, 2019).

Como discutirei em seguida, seja reflexivamente, ao se autoavaliar e confirmar prerrogativas, seja interativamente, ao se mostrar (especialmente para mim) como alguém distinto e de/com 'valor', identifiquei nesses sujeitos uma dimensão sutil e fluida (instável e porosa), própria ao domínio das 'razões identitárias' e ao campo das afeições.

Sob meu olhar e escuta, apreendi **uma autorrepresentação subliminar que reprocessava experiências consideradas socialmente desvalorizadas, bem como uma demonstração de afinidades de classe, fissuradas por partições políticas.**

3.1.1 Necessidade de distinção e sentimento de desvalor

Em forma subliminar de autorrepresentação positiva, nos entrevistados, as razões declaradas para decidirem sair do Brasil e se afastar de seus lugares de pertencimento e de suas principais redes de sociabilidade tendiam a deixar encobertas outras motivações, subjacentes à 'aventura de migrar'. Em todos, uma empreitada povoada de desconhecimento, medos e inseguranças, que, em forma de enredo, foram narradas num modo 'controlado'. Mais ainda, como algo resguardado no passado, como se não incidisse sobre o tempo presente, seus enunciados recaiam sobre a esfera avaliativo-identitária: **uma busca por distinção positiva, sobreposta a sentimentos de desvalor subjetivo, relacionados a razões e condições para migrar e à vivência anterior de vulnerabilidade material desses emigrados.**

Em tom pessoal e focados em itinerários de vida, aludiam indiretamente a atributos positivos sobre quem fala ou com quem se identifica (inteligentes, simples, com valores, ordeiros, corretos, qualificados, por exemplo). Ao mesmo tempo, recorriam a argumentos menos oblíquos quando caracterizavam aqueles com os quais não se assemelhavam (sem recursos, valores, moral, qualificação e conhecimentos). Dito melhor, sinalizavam tanto uma demanda 'existencial' por realçar e dignificar suas decisões e trajetórias (subjetivação), quanto uma estratégia de interpelação face a terceiros (alteridades). Em relação às condições e experiências de migração isso era muito evidente.

Fragmentos de Discursos

Em forma de nota, recorro a fragmentos da narrativa desses sujeitos à título de elucidação. Como já pontuado, a interpretação sobre o que queriam e poderiam ‘estar dizendo’ decorre de um processo de interlocução mais denso, que não se restringe a uma peça discursiva; mas, a um conjunto de interpelações e de materiais. Por exemplo, observação direta de contextos, interação e atitudes, bem como mensagens, imagens, ideias e assuntos intercambiados. Logo, extratos de falas em ‘nota de rodapé’ é, apenas, uma solução estilística, para ‘enxugar’ a escrita, em absoluto, significa uma sujeição da fala deles à minha ‘pena’.

Um entrevistado recorreu à sua ‘estória-de-migração’ imprimindo a si certa ‘distinção’ e diluindo um sentimento de ‘desvalor’ frequente que me pareceu decorrente, em parte, da instabilidade estrutural que marca sua trajetória laboral. Em muitos anos vivendo na Espanha, disse ter sobrevivido graças ao seu trabalho, ao contrário de muitos que ao (e por) migrar cometeram “*pequenos golpes e deslizos*”. Declarou ter conhecido aqui “*muitos compatriotas*” que enfrentaram situações difíceis e, alguns, “*não agiram de forma correta*”. Contudo, “*entendia e não queria julgar ninguém*” porque “*passam por muitas dificuldades*” que os leva a “*tirar proveito*” e “*agir errado*” [porque] *têm que se virar e pecam por isso*”.

Em sequência, sublinhou que a maioria dos que migravam não tinha qualificação (“*formação e bom preparo para trabalhar*”). Mas, ‘distintamente’, ele tinha e havia migrado por motivos existenciais (“*conhecer o mundo*”): para ir para vários e qualquer lugar e para “*mostrar sua arte*” (sua ‘distinta’ qualificação).

Penso que as razões alegadas para decidir e insistir num projeto (migratório) que envolveu tantos deslocamentos físicos, emocionais e existenciais, terminavam mitigando suas dificuldades de se afirmar no mercado de trabalho brasileiro e as inseguranças e precariedades próprias a sua área de atuação (“*Vou para a Europa, vou para Paris, vou para Amsterdam e vou para não sei onde. Eu vou para os Estados Unidos*”).

Digo isso porque em outro momento, mencionou que a primeira vez que migrou tinha 33 anos e se via sem perspectivas de poder se sustentar com seu ofício. Aqui, chama atenção também a forma casual como se referiu ao tempo investido no projeto de emigrar, alegando que sem se dar conta, “*aí, se foram treze anos*”. E, mais ainda, sem pontuar que ao voltar ao Brasil, breve e provisoriamente, continuou planejando seu regresso à Espanha até conseguir vir de forma definitiva.

Entre exaltações e embaraços, parecia usar a música como um salvo-conduto (“*sempre com música*”), visto por ele como diacrítico que o afastava de estereótipos atrelados a muitos brasileiros que mudavam definitivamente para o estrangeiro. Sem aludir às inseguranças e dificuldades pertinentes a sua experiência laboral (trabalhou unicamente com música, restrito a um mercado alternativo e reduzido, participando de bandas e tocando em bares noturnos, sempre um *freelancer*), justificava que ‘por’ e ‘para’ a música tinha decidido ‘viajar’.

Essa autorrepresentação de trajetória ‘*on-the-road*’ e de conduta ‘ilibada’ valorizava a história que contava como alguém bem qualificado, que “*tinha o que mostrar no exterior*”. Todavia, caindo em contradição, em diferentes momentos, manifestou constrangimento e desconforto com a instabilidade profissional que o acompanhava: morar na casa dos pais, contar com trabalhos alternativos, sem ‘ganhos e louros’, ter uma sensação de “*viver no arame*”³⁵.

Outro entrevistado narrou longamente uma ‘epopeia’, demarcando sua herança moral-religiosa como diacrítico da vinda à Espanha (ao comparar-se a outros migrantes). Ser oriundo de família e meio social desfavorecidos, marcados por experiências de privações objetivas e subjetivas, foi determinante à sua decisão de migrar. Mas, no limite, algo não explicitamente alegado como ‘causa’ para deixar os seus e seu entorno (dos seis entrevistados no G1, apenas um fez alusão direta e clara sobre migração e sua situação de pobreza).

Em ‘*off*’, relatou (in)contáveis perigos, privações, ameaças e tentações confrontadas quando chegou à Espanha. Assim como ele, pontuou, muitos enfrentavam “*essas provações*”, mas nem todos logravam, num

³⁵ “*Eu eu curti muito aqui ... Eu quando vim para cá, eu eu não vim por uma necessidade, eu vim por conhecer mundo ... Ah, agora você vai para onde é? Vou para a Europa, vou para Paris, vou para Amsterdam e vou para não sei onde. Eu vou para os Estados Unidos. Então eu sempre tive essa ideia ... Até que chegou ao ponto que eu falei, amor, sabia, vou viajar. E o primeiro não foi aqui. Primeiro fui prá prá Assunção, Paraguai, vivia ali um tempo, aí depois falei, não, vou pra outro lugar. Aí fui pra Argentina, vivi um ano lá ... sempre como músico ... Sempre com música, né? ... Era a minha vida, sempre foi música, comecei a tocar os 13 anos ... eu vim com com prazo definido, predefinido por mim mesmo. Não vou ficar um ano e tal aí não, mas o ano que vem eu vou, não, mas o ano que vem eu vou. Aí, foram 13 anos” (grifos meu).*

relato extenso e emocionado sobre suas condições de recém-chegado e suas lutas e experiências cotidianas (diversas vezes teve a voz embargada e os olhos lacrimaldos). Mas, considerava-se “*um vencedor*”.

Em distintos momentos, disse ser agraciado “*pelas mãos de Deus*”, como protagonista de verdadeira ‘saga’, guiado por um ‘salvador’ que o impediu de fraquejar e “*cair em desgraça*”.

Aos meus ouvidos, sua narrativa amenizava as duras marcas de situações que enfrentou ao chegar sem dinheiro, “*sin papeles*”, sem conhecer o idioma e vulnerável diante de pessoas e ambientes inseguros. Em muitas situações, parecia mitigar essa trajetória de vulnerabilidade e exclusão impressas nas condições e vivências enfrentadas ao migrar (dele e de outros). Igualmente, a precariedade e luta por sobrevivência, sua e de seu grupo familiar (razão efetiva para deixar o Brasil) pareciam ‘fagocitadas’ pela narrativa atravessada por uma moralidade, evidente na exaltada ligação e referência à família e em seu fervor religioso. No limite, o alto preço de migrar parecia recair menos nas inúmeras dificuldades e privações, que confidenciou ter enfrentado, e mais, na difícil separação de sua rede primária de pertencimento.

Penso que os custos materiais e simbólicos de sua ‘empreitada de migrar’ eram ‘negociados’ também ao evocar a imagem icônica da mãe, num discurso heroico de que todo seu sacrifício havia sido “*por ela*”. Uma ‘causa nobre’ que tanto mitigava suas outras necessidades e expectativas subjetivas, quanto diferenciava positivamente sua trajetória (em relação aos casos contados sobre outros migrantes). “*Graças à Deus e à internet*”, conseguiu ‘amenizar’ o alto preço desse empreendimento, em especial, a sensação de desterro e a nostalgia por estar “*longe de casa*”.

Talvez, ao exaltar sua ‘odisseia migratória’ e seu ‘destino ungido’, aos seus olhos, e aos dos seus, os ‘percalços vividos’ engrandeciam sua luta diária e corroboravam a autorrepresentação assertiva, aportando outros e novos sentidos à experiência como migrante pobre e às mazelas enfrentadas, decorrentes de tal condição.

Em momentos distintos, contou também que dificuldades laborais (impostos, custos de manutenção e infraestrutura, o caráter prescindível de seu ramo de negócio), baixo poder de consumo e ‘apertos’ como dono de uma pequena loja de plantas levaram-no a encerrar a “*empresa*”.

Penso que, ao se colocar como empreendedor-proprietário, minorava a dureza e precariedade do trabalho que exercia e enobrecia seu ofício. Mais ainda, ao denominar sua área de trabalho como “*paisagismo*”, dissimulava seu itinerário de classe e os limites e fragilidade dessa atividade laboral, bem como dava relativo prestígio à atividade socialmente desvalorizada.

Ao contrário do Brasil, para ele, na Espanha o ‘status’ se colocava em outros termos, não na natureza do que fazia, mas no fato do que ganhava. Aqui, sua condição de “*florista*” (empregado numa loja de flores, em oposição ao suposto prestígio como empresário na terra natal) garantia a ele um soldo “*igual ao do Brasil*”, porém limpo de dívidas e com acesso a serviços e bens materiais e imateriais³⁶.

No limite, uma autorrepresentação apreendida pela relativa inclusão via acesso a bens e consumo (por ele tão exaltado) que estruturalmente não mudava sua posição social (de classe). Porém, em termos comparativos com sua experiência anterior, fazia muita diferença. E mais, no plano simbólico, o posicionava diferencialmente como alguém merecedor, distinto e privilegiado. Como enfatizado tanto, por ele, ao contrário de lá, aqui (“*na Europa*”) podia se dar “*ao luxo de viajar para Paris*”.

Outra abordada não relacionou propriamente a decisão de migrar à sua experiência ‘subalterna’ de ‘vendedora-de-rua’, definindo-se como “*artista e artesã*”. Tampouco, fez menção direta disso ao contínuo processo de rebaixamento de sua qualidade de vida, no Brasil. Mesmo sendo definitiva a mudança para Espanha, sempre exaltava seu ‘espírito nômade’, alegando estar sempre em busca de “*um lugar melhor para viver*”. Mais ainda, as dificuldades de trabalhar encontradas na Espanha estavam circunscritas à diferença qualitativa de seu ‘ofício’ (e não à sua baixa qualificação profissional e à precariedade da ocupação), encobrendo, talvez, uma trajetória marcada por vulnerabilidades estruturais. Isso parecia

³⁶ “... Eu tinha **uma empresa de paisagismo**. ... **ser empresário no Brasil realmente... num dá, entendeu?** Muitos impostos, as pessoas não têm as condições financeiras como tinha antes, as coisas são muito caras e como **meu trabalho de paisagismo** é como um supérfluo, né? ... Eu tive que fechar. **Aqui na Europa eu trabalho numa loja de flores**, eu sou, sou... sou empregado e eu ganho praticamente, eu ganho limpo, eu não tenho que pagar imposto, eu não tenho que pagar funcionário, entendeu? Então, **lá eu tinha o título de empresário e aqui eu sou um mero florista e, e eu ganho mais ou menos o que eu ganhava lá como empresário**” (grifos meu).

patente, por exemplo, ao contar inúmeras situações de dificuldades que provocaram muitos deslocamentos e descontinuidades em sua vida (sobretudo, o fato de não poder criar os filhos, nem os manter juntos e em segurança).

Em distintos momentos, disse que antes de vir para a Espanha deslocou-se internamente várias vezes (regiões, estados, cidades), “*em busca de oportunidades*”, e que sentia como se nunca estivesse ‘em seu lugar’, até que a família, que vive aqui, a convenceu a migrar.

A meu ver, a pontuada hesitação em torno do evento (pensar “*vinte milhões de vezes*” sobre vir) era também uma forma de amenizar sua necessidade e urgência, face às difíceis condições de vida no Brasil à época e ao longo de sua vida adulta. E, mais ainda, sua avaliação genérica sobre esses constantes deslocamentos e mudanças, bem como a particularidade de seu ofício (que não vinga na Espanha pelo tipo de público daqui, ou pela concorrência com ‘artesanato da Índia’) pareciam impedi-la de dimensionar a situação de vulnerabilidade como marca frequente em seu itinerário³⁷.

Sua fala indicava que no Brasil sentia-se ameaçada e insegura, especialmente sem possibilidades de acessar políticas de proteção social (para si e para seus filhos). Em tom de ‘justificativa’, disse que por não poder exercer seu trabalho como “*artesã*”, tinha esperança de conseguir benefícios do Estado espanhol. Em seu ‘ajuste de contas’, migrar era tanto ‘razão’ como ‘solução’ para resolver problemas concretos (em termos práticos e emocionais). Em seu cálculo, traçou como objetivo conquistar isso na Espanha.

A meu ver, as narrativas ‘desinteressadas’ (blasé), ‘heroicas’ (sacrificiais) ou mesmo ‘erradias’ (dissimuladas) sobre suas decisões e condições para migrar sugeriam uma forma não dita de enfrentar experiências acumuladas de inseguranças, falta de oportunidades, incertezas, desproteção, dificuldades e vulnerabilidades materiais e imateriais e, sobretudo, de expectativas de melhorias e mobilidade que não pareciam possíveis na situação de vida que tinham no Brasil. No limite, ‘vivências subalternas’ anteriores que iam sendo apreendidas no discorrer das histórias que todos eles contavam.

A seguir, apresento outra dimensão apreendida nessas ‘narrativas identitárias’ que me indica um processo de discriminação subjetiva relativamente reverso porque aponta para formas possíveis de reconhecimento com suas ‘identidades de classe’. Algo que foi mais bem observado naqueles caracterizados como ‘comedidos’ (G1.2).

3.1.2 Afinidades de Classe e Reconexão

Algumas declarações (‘on’ e ‘off’) me pareceram **indicativos sutis de recondução de afinidades de classe³⁸ que aparentavam ter sido fraturadas no processo de criminalização político-partidárias e de ‘guerras culturais’**, encampados pelas disputas de narrativa e poder próprias ao projeto neopopulista brasileiro.

Junto a considerações, posturas e pronunciamentos mais gerais, em parte dos entrevistados observei um movimento de ‘reaproximação de prerrogativas de classe’, manifesto na identificação deles com Lula (a pessoa e o que ele representa), bem como na sincronia e congruência (implícitas ou explícitas) com as pautas sociais defendidas por políticos e governos comprometidos com a defesa de uma ordem social mais inclusiva e de preceitos constitucionais republicanos.

Apesar de frequentarem e aludirem genericamente ao ecossistema de desinformação virtual (em especial devido às suas redes de sociabilidade), nos ditos ‘comedidos’, em momento algum me deparei com discursos acusatórios, difamatórios e inflamados sobre a esquerda; tampouco com posicionamentos simbólicos radicalmente antipetistas. Ao contrário, de forma bem modesta, concordavam com as pautas

³⁷ “*Eu que faço artesanato, eu conseguia vender minhas coisas, cê monta uma banca na rua ... mas, aqui não. Aqui, o pessoal num compra NADA. Eles querem tudo super barato. É, tem muita coisa da Índia. O que eu faço num dá, aqui num dá ... o tipo de trabalho que eu fazia lá, eu não posso fazer aqui. Eu num me entrosei, não sei ... Trabalho para mim aqui, é péssimo ... Eu pensaria vinte milhões de vezes. Não vou, eu não tô mais prá ... trocar o certo pelo duvidoso, entendeu?*” (grifo meu).

³⁸ Em contraposição a enquadramento deterministas, compreendo a categoria classes sociais como ‘construção sociocultural’ e não meramente ‘determinações materiais e econômicas’. Dito melhor, como produto de aprendizado social, ‘classe’ não representa em termos absolutos um extrato social em si, mas um princípio organizador de relações sociais internas e externas. Definitivamente, compreendo ser no campo relacional, no âmbito das interações intra e interclasses, que os sujeitos se constituem como grupos (Cohn, 2023; Souza, 2019).

democráticas e, em especial, distinguíam o atual presidente brasileiro - a aproximação da biografia de Lula com sua própria vida, a alusão à demanda por 'igualdade e justiça social', a defesa de *"um governo que cuide do povo"*, a expectativa da dívida na relação entre Estado e população, dentre outros -. Aparentemente 'contraditórios' (como simpatizantes e eleitores de Bolsonaro), essas prerrogativas indicavam a 'liminaridade' constitutiva de suas trajetórias e narrativas.

Outras Narrativas Locais

Caso particularmente exemplar é aquele já mencionado da entrevistada que, no meio da campanha eleitoral de 2022, mudou de opinião e decidiu votar *"escondido em Lula"*. A declaração inesperada e surpreendente me fez pensar sobre um sinuoso (e aqui sigiloso) movimento de reaproximação com sua conexão orgânica (simpatizante e eleitora 'lulista'), da qual havia se afastado em função do contato com suas redes relacionais (das físicas às virtuais). Sem delongas 'despejei' a pergunta inevitável: *"Por que primeiro tinha votado em Bolsonaro e depois mudou seu voto?"* Falando 'baixinho', disse que por influência da família e de sua Igreja; mas tinha *"virado"* o voto. Aliás, passado esse momento de 'abertura e aproximação' comigo, era como se tivesse 'ganhado a palavra' e se harmonizado com determinado posicionamento simbólico.

Essa identificação de classe me pareceu evidente em várias situações: na afirmação enfática de que ela e sua família (*"Todo mundo, todo mundo, todo mundo"*) era Lula (embora, à época, todos tenham se transformado em 'fiéis defensores' de Bolsonaro); na aproximação da biografia de Lula à sua (um filho das classes populares, que se volta para os pobres, o *"presidente da pobreza"*); bem como na certeza de que ele havia ganhado legitimamente o pleito eleitoral de 2022 (em contraposição aos argumentos corriqueiros em suas redes de sociabilidade); e, mesmo, na dúvida declarada sobre não saber *"se ele roubou, se deixou de roubar"*³⁹.

Identifiquei também essa relação com dada identidade e representação de classe no modo como comparava o Brasil com a sociedade espanhola. Primeiro, por implicitamente indicar uma expectativa de igualdade que se realizaria aqui na Espanha, e não no Brasil, atravessada pelo princípio de 'direito e justiça social'.

Em seguida, por sublinhar algo historicamente negado a parte expressiva do povo pobre brasileiro, cuja experiência da pobreza destitui o elementar direito de *"botar comida na mesa"* (em outra ocasião, disse que isso era *"uma questão de dignidade"*). Com poder de síntese, declarou: - *o que eu mais gosto [na Espanha] é que é ... aqui o pobre come a mesma comida que o rico come. Essa é uma facilidade muito grande, né? A qual no nosso país não é isso, é totalmente diferente, que nem todo mundo pobre não tem condição de botar na mesa"* (grifos meu).

Essa mesma 'percepção de classe' identifiquei ao aludir à disputa política na Espanha. Declarou seu voto no candidato socialista, explicitando suas razões (pragmáticas) para isso. Todavia, as causas objetivas mostravam-se impregnadas de sentimentos morais, como dignificação e apoio àqueles socialmente vulneráveis - o imigrante, a mulher e suas penas fisiológicas, o idoso e a população trabalhadora - que necessitam e contam com as políticas públicas do Estado. Em sua percepção, o candidato do Partido Social-democrata Espanhol (PSOE) sempre apoiava os *"mais necessitados"* através de boas políticas sociais. Por isso, votaria *"no Sanchez sempre"*, pontuando que quanto ao Partido Popular - PP, não sabia, mas disse que *"deveríamos ter muito cuidado se ganhasse as eleições"* (aparentemente, dirigindo-se a 'nós', brasileiros emigrados, e a 'outros de nós', a população suscetível).

Ao emendar avaliações políticas (públicas) sobre Espanha e Brasil, apesar de não dito, implicitamente relacionava ambas as conjunturas políticas, marcadas por intensas disputas eleitorais. Considerando seus

³⁹ " ... *Meu pai, sempre votava no ... no Lula, nós também primeiro voto a gente votou sempre no Lula. Depois eu troquei pro Bolsonaro e depois eu voltei pro Lula ...; no último voto eu votei no Lula ... num vô menti no que eu fiz [inaudível] ... Eu voltei ... a gente viu, acompanhou a história do Lula desde o início, né? Que foi um lutador, lutador [ênfase na repetição de 'lutador'] e realmente ganhou, né? E depois aconteceu tanta confusão que ninguém até hoje ninguém prova se realmente é verdade, se ele roubou, se deixou de roubar, mas só sei que ele era o... o presidente da pobreza, né?... De coração Meu pai era Lula forte, aqui em casa todo mundo era Lula. Todo mundo, todo mundo, todo mundo"* (grifos meu).

argumentos em 'off', percebi uma aproximação indireta entre PSOE e PT e Sanchez e Lula e entre PP e o ex-presidente brasileiro⁴⁰.

Penso que, após um período de 'deserção' e rupturas com Lula e seu partido, prevaleceram suas marcas de trajetória e identidade de classe. Em especial, ao sublinhar que "até hoje não se sabe se ele roubou ou não roubou"; contudo, com absoluta certeza, Lula seria em sua opinião "o presidente da pobreza". Afinal, antes "todo mundo era Lula", confirmando que ela, como muitos de origem popular, era eleitora do PT em potencial. Mais uma que havia sido convencida (e 'constrangida') pelo ambiente interacional em que circulava e pelas redes de informações decorrentes: a família, a igreja, os amigos e o ecossistema digital que frequentava.

Nos contextos comunicativos de interação, **as memórias e experiências acionadas incitaram estratégias discursivas usadas à apresentação 'de si 'diante 'de outros'**; seja em relação a mim, seja àqueles que não estavam fisicamente presentes, mas eram aludidos.

As narrativas, de um modo geral, estavam pontuadas **por passagens que deslocaram e 'estenderam' inquirições concretas** (sobre condições de vida no Brasil e experiência migrante na Espanha, por exemplo) **para um plano subjetivo** (distinções, valorações e diferenciações positivas).

De forma subjacente, no conjunto de ocorrências narradas interpretei **essa necessidade de 'distinção' como maneira - não necessariamente consciente - de compensar um difuso sentimento de indignação e de desvalor de muitos deles**, considerando suas vivências de sofrimento e precariedade material e suas afinidades e opções políticas até então 'não declaráveis'.

Em outros entrevistados do Grupo 1 ('convictos'), as opiniões sobre fatos 'quentes' no debate político nacional à época, lançaram luz sobre peculiaridades de suas formas de significar eventos publicamente destacados. Conforme verificaremos a seguir, em geral, traduziam um amálgama de ideias, normas, juízos, atitudes e comportamentos que circulavam nas redes sociais, das físicas às digitais, que demonstravam compartilhar.

3.2 AVALIAÇÕES ENVIESADAS: crítica seletiva e julgamento político

Em muitas apreciações e posicionamentos de natureza política identifiquei desarmônico ajuste entre opiniões evocadas e discernimento 'objetivo' (conhecimento) em relação a questões do noticiário público, junto a pesos diferenciados em suas avaliações político-partidárias.

Seletividade e Simplificação

Nos mais 'convictos', constatei **parcialidade e retração críticas**, especialmente, em suas considerações sobre os últimos acontecimentos políticos nacionais, à época da realização das entrevistas (uma série de 'escândalos' em torno de Bolsonaro e seus quadros político-administrativos). O que contrastava fortemente com a forma contundente com que 'julgavam' as gestões governamentais 'petistas' (anteriores e vigente).

Nesse subgrupo observado (**G1.1**), apreendi uma maneira de argumentar bastante enviesada, no debate sobre o governo anterior, que discrepava da veemência das críticas simultâneas que dirigiam ao Partido dos Trabalhadores (seus quadros e apoiadores, suas pautas, agendas e políticas implementadas).

Identifiquei também um modo peculiar de não dialogarem propriamente sobre os problemas concretos colocados, abordados quase sempre em forma de juízos morais e em declarações genéricas e hiperbólicas. Uma matriz reflexiva observada em outras situações empíricas, previamente identificada como um **procedimento 'acrítico-sintético'**.

⁴⁰ [Voto] no **Pedro Sanchez**, no partido do Pedro [risadas] ... **Porque ele, ele é... é o que apoia a imigração, né? É melhor de que o outro ... Ele, pelo menos bom ... Que ele fez a lei aí das mulher menstruada num ir trabalhá, né? ... É... facilitá pros idoso ir pro cinema gratuito ... eu mermo, eu tenho as tarjeta de redução e tal ... Isso, isso tudo são notado, essas coisa boa, né? ... Que pensa na população, né?**" (grifos meu).

Num entrelaçamento de demandas subjetivas e acontecimentos gerais específicos, essa forma de pensar e argumentar indica **expressiva simplificação e acentuado julgamento nas abordagens sobre problemas contundentes no cenário político brasileiro à época**. Processo que fica mais evidente em termos comparativos, e em contraste, com a demanda e celeridade em emitir juízos de valor sobre uma gama de questões próprias aos campos da política (atividade inerente à prática humana de negociação de interesses, conflitos e consensos) e do político (forma de exercício do poder e/ou agente que o exerce).

Em minha interpretação, essa seletividade manifesta-se exemplarmente **na atitude acrítica em torno dos discursos e feitos do ex-mandatário brasileiro**, junto à **crítica digressiva, exaltada e depreciativa, à política e políticos de esquerda**. Em outras palavras, demonstram forte desaprovação em todo e qualquer assunto que envolvesse o Partido dos Trabalhadores e seus representantes. Mais ainda, expressam uma maneira **assimétrica de tratar questões política e socialmente relevantes à experiência social brasileira**, indicando a presença de “dois pesos e duas medidas” nas avaliações pronunciadas.

Opinião vs. Conhecimento

Essa forma de proceder assentava-se em encadeamentos narrativos cujas camadas se articulam umas às outras, resultando em apreciações ‘comprometidas’ - diferentes graus de criticidade, variadas formas de negacionismo, desconfiança e manifestações de anticientificismo, teorias conspiratórias, retórica truculenta e dissonâncias cognitivas⁴¹ -.

Mais ainda, sugerem uma **diferença entre opinião e conhecimento manifesta em formas de discernir e significar esses eventos** (com base em ideias, normas, juízos, atitudes e comportamentos individuais e coletivos) que circulam nas redes digitais compartilhadas. E, sobretudo, nas representações sobre ‘o que são’ e ‘quem são’ a direita e a esquerda, cuja predominância recai sobre considerações altamente negativas em relação à esquerda e demasiadamente positivas acerca da direita. Esta, uma referência frequente entre eles, igualmente pontuada por avaliações morais sobre ‘si’ e sobre ‘outros’.

Ao avaliarem ocorrências fáticas e evidências objetivas, os exemplos foram abundantes. De forma coreográfica, esses ‘convictos’ recorrem aos mesmos ‘argumentos anedóticos’, encontrados em outros persuadidos, produzidos e proliferados nas redes sociais de (des)informação que frequentam. Muitas vezes, alegações em termos estéticos, imagéticos e textuais bastante ‘polêmicas’. Em especial, entre aqueles que aludem a situações sem correspondência factual, uma realidade ‘um tanto’ paralela (distópica, fora de tempo e lugar), de acesso cifrado e restrito a poucos agraciados e guiados por uma consciência ‘quase escatológica’. Aqui, recorro a termos como ‘um tanto’ e ‘quase’ para indicar uma liminaridade desses ‘convictos’. Embora não encarnem ‘caricatos eleitores de Bolsonaro’, em algumas circunstâncias parecem prestes a se ‘converter’.

No fim das contas, ao serem confrontados com fatos e argumentos que expunham contradições e fissuras internas no ‘sistema’ que ‘afiançavam’ como partidários do ex-presidente, em níveis diferenciados, evocavam ideias em argumentos torcidos e comprometidos, repletos de inconsonância, criticidade ‘implicada’ e juízo de valor. Tudo isso regado à ‘sempre-presente-e-disposta’ pulsão para desabonar e criminalizar a política, a esquerda e os sujeitos situados nesse campo.

3.2.1 Redução e Rebaixamento Críticos

⁴¹ Essa dissonância é uma “discrepância que a nível representacional e atitudinal combina distintas matrizes e referências ideológicas, muitas vezes antagônicas. Segundo [Castro Rocha], um processo forjado pelo/no ecossistema de desinformação da referida miosfera extremista que alude ao desconforto subjetivo causado pela consciência da distância entre crenças e comportamentos. Sensação que ultrapassa o plano individual e se dá na arena pública, pois reúne milhares pessoas conectadas em redes sociais, o tempo todo e diariamente, cravada na vida cotidiana” (C. Rocha, 2023, 37 e 86, apud Gouveia, 2024).

Uma outra dimensão a destacar no modo narrativo dos entrevistados (com apenas uma exceção) refere-se ao **uso recorrente de banalização apreciativa que ‘comprometem’ sua crítica ao se referir a fatos e acontecimentos** que esquentavam o noticiário nacional. Majoritariamente, as opiniões enunciadas revelavam **uma forma assimétrica de tratar questões importantes que dominavam o cenário político** à época.

Ao longo de nossa interlocução, como outros contactados, muitos recorriam aos mesmos exemplos, e matrizes de argumentação (“bebiam na mesma fonte”) que naturalizavam eventos e problemas que afligiam a sociedade brasileira à época. Por exemplo, as avaliações sobre adversidades sérias que envolviam a gestão do ex-presidente brasileiro, conforme fatos tornados públicos, os ditos ‘escândalos de Bolsonaro’ (as ‘rachadinhas’ da família, as revelações do ‘sigilo de 100 anos’ e do cartão corporativo, a intentona golpista 8J’, a situação do povo Yanomami etc.), indicavam que suas considerações eram assimétricas, se comparada à crítica contundente deles aos ‘espalhafatos do PT’. Como dito, configura-se aqui exemplarmente um modo reflexivo peculiar cuja matriz refere-se num processo cognitivo de característica ‘acrítico-sintético’.

Junto à confusão entre conhecimento e opinião e à dimensão seletiva das alegações, em especial, **é também uma maneira de não dialogar propriamente sobre questões concretas, política e discursivamente embaraçosas.**

Como afirma Castro Rocha (2023), emanam uma forma de pensamento codificada e coesa, composta de labirínticas teorias conspiratórias e enunciados radicais (ilusões invertidas, síndromes persecutórias, manipulações, dissonâncias cognitivas, dentre outros). Em determinadas situações, menos ‘conhecimento’ e mais ‘sistema de crenças’.

As opiniões pronunciadas vêm em forma de julgamentos morais, declarações genéricas e hiperbólicas, demonstrando baixa disponibilidade à argumentação dialógica, baseada em contraditório, em contra-argumento e sem sobreposição e solapamento da fala do interlocutor. E, mais ainda, suas interpelações soam demasiadamente reativas e com escassa disposição ao ‘desconforto da dúvida’.

Novos Extratos de Fala

Uma das mais ‘convictas’ manifestou negações e contradições argumentativas, principalmente, quando confrontada com notícias políticas recentes do Brasil: alterava o tom de voz e volume junto à excessiva gesticulação, solapamento e sobreposição de assuntos e do interlocutor. Esse atravessamento e justaposição de sua fala, em relação à fala do outro, e o uso de argumentos muito ‘fechados’ indicam pouca abertura a interlocuções que possam colocar em xeque o seu ‘sistema de crenças’ - pontos de vista, ideias, certezas, concepções, prerrogativas -, acerca de fatos e acontecimentos em debate público. As muitas contradições de sua narrativa evidenciam-se na contundência e radicalidade da ‘versão’ apresentada sobre a Intentona Antidemocrática 8J⁴², a comparação entre o governo passado e o atual e as opiniões sobre outros escândalos que envolviam o ex-mandatário brasileiro.

Por exemplo, sua reação acerca do ‘caso Yanomami’, exposto pelo Ministério da Justiça do governo então recém-eleito, amplamente coberto pelos meios de comunicação nacionais e internacionais e foco de críticas contundentes ao governo do ex-presidente. Conforme tornado público, durante sua gestão esse povo originário padecia face à negligência e à falta de ações efetivas e serviços de saúde, vitimados por doenças (covid, malária, desnutrição) e pela ação do garimpo ilegal (protegida por Bolsonaro). Tais fatos foram motivos para políticos, acadêmicos, mídia, técnicos e parte da opinião pública alegarem uma forma de ‘genocídio’, indicando ter havido intenção deliberada à época de lesionar a integridade do povo Yanomami. Em relação à situação, em argumentação circular, afirma repetitiva e contundentemente ser “*tudo mentira*”, em busca de convencimento (“*pode acreditar*”, “*entendeu?*”).

⁴² Conhecido como “*Intentona Bolsonarista, ou ‘8 de Janeiro’, uma série de vandalismos, invasões e depredações do patrimônio público em Brasília cometidos por uma multidão extremistas que invadiu edifícios do governo federal com o objetivo de instigar um golpe militar contra o governo eleito de Luiz Inácio Lula da Silva para restabelecer Jair Bolsonaro como presidente do Brasil*” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ataques_de_8_de_janeiro_em_Bras%C3%ADlia).

Mais ainda, inverte a 'acusação' ao colocar Bolsonaro na posição de vítima (e não de culpado). De um lado, reproduzia automática e acriticamente as muitas narrativas fabricadas que circulavam 'em tempo real', defendendo duvidosas ações e a imagem 'ilibada' do ex-mandatário. De outro, "numa só cajadada", atacava tanto o PT quanto a esquerda latino-americana, através da crítica à Venezuela 'bolivariana' que matava os indígenas de fome. Segundo ela, Bolsonaro sim foi quem cuidou efetivamente dos Yanomamis; afinal, índio 'não quer só apito', índio quer "*tecnologia*" (ou seja, legitimando a invasão e exploração da terra e a 'doutrinação' dos povos originários)⁴³.

Igualmente esclarecedora é sua versão do ataque aos Poderes e às instituições democráticas brasileiras, ocorrido logo após a posse do terceiro mandato de Lula, em janeiro de 2023, reconhecido como uma tentativa de ruptura da ordem democrática com o propósito de destituir o governo recém-eleito e de legitimar uma intervenção militar no estado e na sociedade brasileira.

Com a mesma exaltação e contundência, afirmou ter sido mais uma "*sacanagem da esquerda*" e do Lula/PT que comprou os generais, em alusão implícita aos setores das Forças Armadas que não aderiram à investida antirrepublicana (o PT armou tudo, estraçalhou, quebrou, roubou e matou e mata pelo poder. O Lula "*sanguinário, ruim, ditador, Hitler*").

Ao retratar positivamente as pessoas ('de e do bem') como comuns, ordeiras, vulneráveis, que estavam acampadas nos quartéis e resolveram ir para o Palácio de Governo (sem comentar motivos, razões e cooptações; "*bom, enfim, foram para lá*"), indica pressupor que "*os cara do PT*" são 'do mal', 'vândalos', 'baderneiros', 'ladrões'. Mais ainda, seus argumentos abrandam a truculência do ocorrido, defendendo o caráter cívico e legítimo do 'Movimento Patriota' (povo de direita, sem armas, orgulhosos de portar a bandeira e defender o país; gente simples, "*idosos, crianças, mais de mil*"). Em sua opinião, uma 'gente-de-bem' (os patriotas, de direita), em contraposição ao 'pessoal-do-mal' (os de Esquerda, do PT). Aliás, na ocasião, me mandou várias mensagens dizendo que "*finalmente, o povo tomou o poder*". Afinal, como estampados em cartazes e *hashtags*: "Supremo é o Povo".

Igualmente, endossava a inverossímil história sobre o anterior saque do Palácio, realizado por 'Lula 2', um suposto escoamento de "*sete contêineres cheio de coisa*". Sem hesitar, equalizava eventos (um fático, outro ilusão) como forma de mitigar os impactos da 'Intentona 8J'⁴⁴.

Avaliação semelhante ao aludir a outro episódio, igualmente polêmico: a tentativa de assassinato de Bolsonaro, às vésperas da Campanha Eleitoral de 2018, supostamente, vítima da maledicência de quem queria atacá-lo e matá-lo.

Como antes, não se remeteu às inquirições, nem aludia a dúvidas ou desconfortos com os fatos publicados, confirmando que fé e confiança no 'capitão' pareciam ser inalteráveis (ele era inatacável; afinal, as milícias "*eram fichinhas*" perto dos malfeitos do PT, de Lula e dos "*esquerdistas*"). Novamente, inverteu a questão, reproduzindo mensagens prontas que demonizavam e responsabilizavam a 'esquerda' de forma englobada e totalizante, projetadas exponencialmente pela circulação desses 'boatos'⁴⁵.

Uma narrativa hiperbólica, cheia de negações, acusações, perseguições, distorções, como em grande parte do senso comum. De forma quase automática, propagava essas e outras justificativas fabricadas que circulavam 'em tempo real'; um procedimento em consonância com cerca de 15% da população brasileira

⁴³ "Isso aí é mentira ... *imagina se o Bolsonaro ia fazê isso? Não. É tudo mentira isso. É, pode acreditar ... uma parte dos Yanomamis é na Colômbia. Então, essa parte que tavam todo mundo morrendo, morrendo de fome. Num é no Brasil. Ele [Bolsonaro] foi lá ... até levou tecnologia pros índios e falava: "Num temo que tratá os índios como se fosse uns débil mental. Ele falou lá: "que que cês querem?" Perguntou pros índios: - "queremos tecnologia" ...*" (grifos meu).

⁴⁴ "... *Os generais se venderam, alguns pro Lula, né? E as pessoas ... foram lá para Alvorada. Só que antes ... já tava os cara do PT lá dentro estraçalhando com tudo. Quebraram relógio, um relógio antiquíssimo, roubaram tudo. Bom, o Lula quando saiu ... também levou sete contêineres cheio de coisa do Palácio. Entendeu? São ladrão meu! ... Os de Direita? Os que vão com a bandeira ... levaram presos, tipo Hitler ... levaram criança, velho, idosos. Gente que não ... tinha arma ... Mais de 1.000 pessoa ... Que que é isso aí? Não é ditadura? É uma ditadura, entendeu? O cara é sanguinário, o cara é ruim ... eles matam pelo poder ... Falaram que ele [Bolsonaro] comprou num sei quantas casas ... A família dele é enorme, as pessoas compram, duas ex-mulher ele tem, então eu vou saber o que que fazem? ... Ele é um cara econômico também, ele num gasta. ... os do exército, os militares são patriotas, entendeu? Então eles gostam do país, né? Respeitam as coisa ... a Bandeira [ênfase na palavra 'bandeira']" (grifos meu).*

⁴⁵ "*Queriam matar ele, lógico, né? ... Puta armação [supostamente da esquerda] ... Não, não!!! Ele é do PT ... Ele é, é do PT. O PT, o PT é que faz isso, ensina o cara ... eles queriam matar porque Bolsonaro tava com tudo ... porque eles matam, pelo poder, esses esquerdistas, eles MATAM. Matam qualquer um, até a mãe*" (grifos meu).

que compõem as bases radicais do ex-presidente. Os que acreditam cegamente em tudo que ele e seus asseclas ‘prescrevem’. Tragicamente, sua fala radicalizada dimensiona o quanto o extremismo brasileiro seguia e segue ativo nas redes sociais, no propósito de consolidar e/ou não perder suas bases, mirando conjunturas eleitorais futuras. Afinal, a luta por hegemonia discursiva e política, conforme esta e outras disputas de narrativas, permanece como estratégia central no projeto neopopulista brasileiro (Gouveia, 2024).

Outra ‘convicta’, ao ser interpelada sobre os mesmos acontecimentos nacionais, confirmou essa atitude padrão. De sua parte, nenhuma crítica e indignação sobre a conduta do ex-presidente, apenas uma responsabilização integral do PT pelas “*más notícias*”, aparentando estar bastante influenciada por seu entorno e pelo sistema comunicacional que partilhava.

Após negar a veracidade e responsabilidade de vários ‘escândalos de Bolsonaro’, a certa altura tensionei suas ‘convicções’ ao sublinhar que “*17 milhões em joias de presente soava muito mal*” (‘as joias das Arábias’). Imediatamente, sem me responder, de forma reativa, inferiu que Lula/Janja tinha gastado muito mais em reformas e móveis do Planalto. Segundo ela, um “*fato*” denunciado recentemente, numa comparação implícita, indevida e assimétrica, cujos argumentos misturavam ‘fatos e boatos’.

Ao ser indagada sobre de onde ‘saiu’ a notícia, disse que foi um deputado jovem do Partido Liberal (de Bolsonaro), que ela gostava muito porque não era “*radical*”, mas não lembrava o nome. Recorrer ao parlamentar me parece ser também uma forma de atribuir ‘veracidade’ ao boato, concluindo que para ela “*a honestidade é central*” (logo, ‘verdade’ e ‘integridade’ representam o mesmo campo semântico). Implicitamente, também, um negacionismo dissimulado por um descolado julgamento moral sobre o PT, Lula e a Primeira-Dama⁴⁶.

Enfim, **foram muitas e repetitivas as interpelações** (ou melhor, ‘alegações apostrofadas’) acerca de acontecimentos políticos, **onde se mostrava ausente uma avaliação criteriosa dos fatos, em contraste aos abundantes julgamentos negativos e indiretos sobre gestões progressistas no Brasil**. A meu ver, em graus diferenciados, tendem a atenuar fatos que expunham o governo Bolsonaro, em contraste com a contundência ao desaprovar, em qualquer oportunidade, o Partido dos Trabalhadores: seus quadros e apoiadores, suas pautas, agendas e políticas implementadas.

3.2.2 Dissonâncias e Desaprovação Dissimulada

Em outras situações comunicativas, de modo igual, naqueles que se mostraram ‘mais convictos’ pude apreender outros processos de interpelações que corroboram à formulação de uma crítica enviesada e comprometida.

A apreciação de contextos e conjunturas políticas sugerem simplificação argumentativa, interpretações digressivas e preterições de conhecidos problemas sociopolíticos. De um lado, indicam **desarmonias e incongruências que levam sujeitos e grupos sociais a confiar em versões duvidosas sobre fatos e fenômenos sociais**. Alguns chegam a agir de maneira **desarrazoada** e com comportamento caricato. Em termos operacionais, de outro, fomentam **condenações ‘disfarçadas’ de tudo e todos associados à esquerda**, que, no caso do Brasil, manifesta-se em antipetismo.

Esse processo de ‘dissonância cognitiva coletiva’ (Castro Rocha, 2023) incorre em negacionismos de muitas ordens, sustentados por teorias conspiratórias que articulam inverdades e desinformação, circulando exponencialmente na ‘mídiósfera digital’. De forma deliberada e estratégica, essas ‘tecnologias de poder’ vão desafiando fatos e dados objetivos e provocam um desconforto subjetivo, face ao ritmo, volume e incongruência das mensagens e dos conteúdos divulgados.

⁴⁶ “... Que ele recebeu essas joias, sim, é verdade ... Muito mal ... péssimo ... Mas .. eu ia te explicar ... Você sabe que **surgiu agora umas compras de móveis pró Planalto de milhões e milhões, não?** ... É mesa, é cadeiras, é quarto e milhões, milhões também ... **Que tá totalmente errado, também ... isso surgiu tem pouco tempo, uma compra ... de uma mesa, ... de um quarto ... bom, coisas que ... não tem sentido ... Foi na internet ... por um ... deputado, como é o nome dele?** ... **Ele, é deputado federal ... Claro. Eu acho que não tem que ver só as coisas por um lado ... tem que existir honestidade, se tá certo, tá certo, se tá errado, tá errado, tá?** ... é uma coisa que eu gosto muito ... **porque ele é muito coerente. Tá? Ele num é uma pessoa radical, tá?** (grifos meu).

Segundo C. Rocha, uma 'lógica' que gera e reverbera um tipo de 'analfabetismo ideológico'⁴⁷, promovida na e pela referida 'mídiosfera'; uma estratégia bem calculada, alicerçada em distopias e exploração da pauta dos costumes. Em sua argumentação, essa combinação engenhosa aposta num 'analfabetismo ideológico', tão ou mais lesivo que o 'funcional', cuja base está na produção de estímulos contraditórios que provocam processos de alteração subjetiva (no pensamento e comportamento).

Nesse ecossistema comunicacional (neopopulista), outro elemento destacado por C. Rocha, refere-se à frequência de mensagens falsas e ideologicamente instrumentalizadas. Um meio frequentado indiscriminadamente por muitas razões. Uma delas, a busca por validação de verdades controversas na qual o imperativo do fato não tem importância nem poder de convencimento. Aparentemente, uma homologação e aprovação de mensagens questionáveis ocorreriam, apenas, no âmbito interno, próprio aos grupos de pertencimento de seus consumidores (digitalização da verdade).

Mais Enunciados Empíricos

Um entrevistado mais radicalizado tecia considerações de cunho reformista e conservador que demonizavam a esquerda. Aludindo à pauta moralizante, apresentava os mesmos 'argumentos anedóticos' observados em outros 'convictos' e, de variadas formas, nas redes sociais de (des)informação, frequentadas por ele e pela maioria dos partidários do 'capitão'. Em geral, recorria a mensagens estética, imagética e textualmente 'desconcertantes', confirmando a velocidade e capilaridade do sistema comunicacional, em sua capacidade de atingir sujeitos e coletivos diferenciados (*clusterização*).

Em tom 'conspiratório' e retórica antissistema, junto à radical posição 'antivax', alegou que a grande mídia usava novas tecnologias para "*controlar e divulgar a informação que querem que o povo receba*". Mais ainda, apresentou uma visão apocalíptica da situação global, das guerras ao controle da humanidade por uma meia dúzia de poderosos. Aqueles poucos que 'dominavam' o sistema, as pessoas e o mundo, fazendo todos de "*cobaia*". Para ele, uma "*nata*" que teria reduzido a humanidade à condição 'animal'. Incapaz? Sem consciência? Inferior? Irracional? Ou mesmo, seres pequenos, desprezíveis e adestráveis, numa existência condenada e sofrível? Uma 'elite' em oposição ao 'povo' ("*a maioria das pessoas do planeta*"), tão usado e instrumentalizado pela retórica neopopulista⁴⁸.

Sua fala circular trata superficialmente problemas complexos (guerras, epidemias, geopolíticas), com convicção e reduzido poder de argumentação. Apesar de afirmar que "*não quer dizer que eu esteja certo nem nada*", em aparente tom de modéstia, saca respostas prontas e contranarrativas genéricas diante de questionamentos a fatos contrapostos. Era particularmente 'curioso' aquilo que considera "*fato*", já que tem pouco a ver com 'realidade fática' - "*Eu sempre comento que eu não, não sou robô de estar repetindo o que me o que eu escuto, né? Sempre procuro quando me fala alguma coisa. Eu procuro ver vários pontos para ver, né?*" Contudo, em diversas situações demonstra posição fechada ao tratar questões como epidemia e vacinação Covid, moeda eletrônica e dominação mundial, 'teoria da tribulação' e escassez global, conspiração mundial comunista, extermínio de parte da humanidade.

Em relação ao governo Bolsonaro, sua narrativa está perpassada por sobrepostas oposições, negações e contradições. Quando confrontado a já citadas questões políticas do momento, apresenta argumentos prontos que circulam nas redes extremistas e demonizam e responsabilizam a 'esquerda'. Isso me parece exemplar de parte do *modus operandi* de narrativas radicalizadas, como a sua, alicerçadas em desinformação, simplificação, pós-verdades, *fake news* e retórica populista. Como tem se discutido, narrativas refêns de tecnologias, técnicas e instrumentos digitais, a serviço de um projeto exitoso de mobilização social, instrumentalização política e tomada de poder que transforma potenciais eleitores em 'presa-fácil'.

⁴⁷ Um estado no qual, embora o indivíduo tenha 'letramento', tende a ler no texto alheio apenas aquilo que reforça e projeta suas próprias 'convicções' - políticas, filosóficas, existenciais -, similar às lavagens cerebrais, dotado de coerência interna paranoica, alheia a todo e a qualquer princípio de realidade (*idem.*, pp. 61-2).

⁴⁸ "*Cada dia que passa tudo vai mais difícil, proibido e complicado; e por isso o ano de 2023 e pior o de 2024 não estão sendo muito favoráveis para a maioria das pessoas do planeta, menos para uma elite que comanda o mundo ... Toda essa confusão que está passando no planeta, não é? Primeiro, guerras, segundo ... a forma do que eles estão conduzindo ... Fazendo a humanidade de cobaia ... Essa é a minha visão, né? E não quer dizer que eu esteja certo nem nada, mas é! Me dá um pouco de tristeza saber que meia dúzia de pessoas no planeta estão comandando todo, fazendo sofrer a 8 bilhões ... São meia dúzia que não são nada*" (grifos meu).

Outra entrevistada, igualmente cheia de convicções, construiu sua crítica e argumentação de forma bastante indireta e dissimulada, aludindo ao crescimento da direita, em nível global, como uma validação e superioridade dessa tendência política. Ao longo de toda nossa conversa, manifestou ‘postura’ pouco espontânea, com gestos e colocações que denotavam falta de naturalidade e certa suspeita, receio e, mesmo, insegurança, em relação ao que falar.

Embora não declarasse explicitamente, pelos conteúdos e forma de seus argumentos, pertencia a um grupo mais ‘contaminado’ pelas narrativas conspiratórias antipolítica. Círculo (vicioso?) em que a questão da confiança aparenta estar restrita à rede de amigos e família (em contraposição à ‘errática’ esquerda, em suas ‘malfadadas’ políticas sociais).

Em tom ‘professoral’, apontou Educação e Saúde Pública como os principais ‘problemas de base’ do Brasil; surpreendentemente, embora ambas as áreas fossem as mais criticadas na gestão de Bolsonaro, não emitiu nenhum ‘parecer’ a respeito.

Como sabemos, a Educação Pública foi o campo mais afetado por cortes orçamentários, desde 2019, marcada por redução massiva e sucessiva de investimentos e por discussões fundamentalistas e ideológicas.

Acerca da Saúde, simplesmente, “nada a comentar”. Todavia, traçou várias críticas indiretas às gestões petistas nessas áreas, em especial as políticas inclusivas voltadas para segmentos específicos (negros, mulheres, estudantes).

Enfatizou que, embora “preta” e mulher, era contra o Movimento Negro e o Feminismo e, em tom de reprovação, na sequência, afirmou que houve muito investimento na Universidade e não em Educação básica. Nas entrelinhas, desenredava uma série de ‘desaprovações subliminares’ não só às passadas gestões petistas, mas também ao governo atual, e a esquerda em geral.

Sem ser perguntada, manifestou forte descontentamento em relação às políticas de cotas, à valorização e expansão do ensino superior e à luta feminista, numa desaprovação implícita às pautas progressistas. Numa crítica enviesada à esquerda, declarou-se contra as lutas identitárias porque havia “*muita fala equivocada, muito mimimi*”. Para ela, uma expressão de ‘coitadismo’. Novamente, fazia um juízo de valor sobre as políticas sociais progressistas, recorrendo a clichês da perspectiva meritocrática⁴⁹.

Em relação à Educação, considerava ter havido muito investimento na Universidade e não na Básica (fundamental), criticando um ambiente institucional que distribuía merenda e não investia em logística, responsabilizando diretamente o governo federal (PT), e não os executivos estaduais e municipais (a merenda, no lugar de ensino de qualidade, a falta de estrutura e os professores ganhando pouco, se comparados aos docentes universitários).

Em sua avaliação, o ensino superior tinha sido hipervalorizado, num desabono dissimulado às pautas progressistas e encobrindo novamente sua crítica implacável, mas escorregadia, à esquerda e ao Partido dos Trabalhadores, em geral (antes e o agora)⁵⁰.

Por sua vez, embora reconhecesse a competência de nosso Sistema Unificado de Saúde (SUS), muito bem avaliado em todo o mundo, o Sistema não poderia melhorar devido à “*má-administração*” (leia-se aos políticos e governantes do PT), em contraposição à existência de fundos (“*recursos há*”). Nesse ritmo,

⁴⁹ “Olha, no início eu achava que era um mal necessário, né? Prá começar aí, mas hoje eu vejo ... Que não vai resolver nunca o problema se não resolver na base, porque eu acho que négo não precisa de cota, négo precisa de uma boa escola, entendeu? De um bom colégio. Entendeu? Porque todos que tiveram uma boa base, eles chegaram lá igual a qualquer outro, não... entendeu? Então ... eu não sou a favor. No início eu pensei que ali ia ter um começo, criaram por ali, mas que ia melhorar na base. Mas não, não, continua igual ... com as mesmas deficiências. Entende?” (grifo meu).

⁵⁰ “O problema do Brasil está na base ... porque se gasta muito dinheiro, não? Se investe muito dinheiro nas universidades, mas um aluno que não teve uma boa base, esse que diz o aluno da periferia, o pobre [ênfase na palavra pobre] ... depois dão uma bolsa de estudo pra ele. Mas por que que não dá um bom colégio pra ele? ... Não seria muito mais fácil resolver o problema não de 1, 2 ou 50 dando uma bolsa, e resolver o problema de todos [ênfase na palavra todos] dando um bom ensino... nos bairros pobres? ... Não tem estrutura nas escola, professor ganha pouco, professor primário, ganha muito pouco em relação a um professor universitário. Então ... se não paga bem ao professor, se a escola num tem uma boa estrutura e não incentiva esse aluno nem a esse professor num adianta...né? [inaudível] dá merenda que a criança só tem a comida: “ah porquê da merenda, ah porquê ...”. Ah, não é isso! Sim, ... mas não, paga bem ao professor da escola primária” (grifo meu).

manifestava o mesmo tom em relação à Saúde, área que ela considerava problema central no país; mas não fazia alusão à desastrosa gestão do governo Bolsonaro nessa seara⁵¹.

Nas narrativas desses (e outros) ‘convictos’, o ‘Brasil de Bolsonaro’ parece a ‘Ilha-da-maravilha’. Nada de denúncias internas e internacionais, devido aos constantes ataques à democracia, ao meio ambiente e às contínuas violações de direitos. No comportamento do ‘capitão’, nada de mentiras, ignorâncias, grosserias, terraplanismos, negacionismos, racismos, sexismos, populismos e fascismos.

Nada dos célebres escândalos na Educação; nada das infinitas trocas de ministros e dos disruptivos efeitos da pandemia na relação ensino-aprendizagem (que não foram combatidos ao longo de toda gestão do ex-presidente).

Nada de problemas na Saúde, nada de 700 mil mortos por Covid-19, nada de cloroquina imposta, nada de Covaxin superfaturada, nada de CPI da COVID, nada de falta de vacinação em massa, nada de desmonte do programa Mais Médicos, nada dos projetos de privatização da Saúde Pública, dentre outros escândalos que expõem a incompetência e má fé do governo passado na gestão e administração da ‘coisa pública’.

Enfim, quanto às contradições, malfeitos e imperfeições do ex-mandatário, não têm mesmo “nada a declarar”. Um ‘agenciamento discursivo’ a indicar que, nas entrelinhas, ‘vale’ mesmo e permanece uma forte moralização da política. Um processo abrangente cujo fundamento residia também na irreduzível partição entre direita e esquerda, conforme verificaremos nas próximas interpelações.

3.2.3 Direita vs. Esquerda e Avaliações Morais

Mais uma dimensão apreendida em quase todas as declarações dos integrantes do G1 diz respeito às **representações subjacentes sobre ‘o que são’ direita e esquerda e ‘quem são’ os seus representantes**. Nas trocas discursivas realizadas, **essa divisão clássica mostrou-se posicionada além de diferenciações políticas em si, relacionada a avaliações morais mais abrangentes**.

Em texto anterior, sublinhei ser necessário levarmos em conta, de um lado, o grau de instrumentalização política da referida divisão (exercida exemplarmente por políticos em busca de poder, por *lobbys* econômicos, por corporações fundamentalistas e pela mídia corporativa). De outro, pontuei ser preciso interpretar ‘razões’ subjetivas e morais subjacentes às bifurcações e filiações político-partidárias declaradas⁵².

No universo empírico investigado, visando apreender e decifrar aspectos implícitos desse par de oposição, observei que algumas narrativas elucidam ditos e não-ditos que fundamentam suas visões sobre ‘o que são’ e ‘quem são’ aqueles se declaram (e são vistos como) partidários de um ou outro campo político. Como observaremos, **juízos e argumentos do domínio da política que se transportam para o plano das afirmações e avaliações identitárias**.

Últimas Narrativas

Antes mesmo de ter sido ‘inquirida’, uma entrevistada aludiu a essa divisão recorrendo a atributos valorativos, no lugar de apreciações objetivas e/ou técnicas sobre orientações e tendências políticas em debate.

De forma contundente, declarou-se apriorística e orgulhosamente como “*de direita*”; um posicionamento simbólico atrelado a duas dimensões identitárias bastante presentes em suas considerações. Talvez, um irrefletido desejo de ‘diferenciação simbólica’ em relação ao seu grupo familiar, ‘cosmopolita-libertário-vanguarda’ (portanto, de esquerda), que tanto aludia (criticamente). Quiçá, também, uma forma de se sentir

⁵¹ “Sim, a saúde é um outro problema ... eu acho isso muito bom que tenha saúde pública, né? ... SUS, entendeu? Tem muitos países que num tem, né? E a gente tem, mas ... uma questão que poderia estar melhor, né? Poderia, não, não sei por que a saúde tá tão ruim ... Por que não está melhor, por quê? Recurso há ... Mau administração, talvez” (grifos meu).

⁵² “Embora ‘implantadas’ no cenário das disputas políticas atuais, ambas noções não portam significação em si mesmas, mas aportam muitos sentidos pertinentes à reflexão. A recorrência e atualidade da divisão clássica entre ‘Esquerda’ e ‘Direita’ atestam sua representatividade como prática social presente em todos os discursos observados (e nas demais práticas discursivas de outros, como elites materiais e simbólicas, mídia corporativa, políticos, redes sociais e grupos de resistência)” (Gouveia, 2023, p. 4).

e mostrar incluída e 'atuante', considerando os profundos conflitos e distanciamentos em suas redes de socialização e sua vontade de pertencimento.

Para ela, ser de direita possibilitava participar do que considerava um 'novo mundo'. Dito melhor, um envolver-se num ambiente renovado que lhe permitiu "*mostrar-a-cara*", sair do armário e assumir pensar e dizer muito do que antes não fazia.

Sua narrativa expressa sobreposição da divisão clássica pela diferenciação entre direita e nova direita; uma maneira consciente ou não de 'limpar a reputação' da 'velha' direita brasileira. Ao definir-se orgulhosamente como partidária da 'nova' direita, sem mediações, ao contrário de outros do G1, posicionava-se contrariamente à parte da política e da sociedade brasileira e de seu entorno cultural, na contramão da crítica e repúdio sobre a Ditadura Militar (1964 - 1985), preponderantes desde a Nova República'.

Sua estratégia para minorar representações negativas da 'antiga' direita (rude, sem estilo, que mata, tortura) foi a exaltação positiva da 'renovada' direita (segundo ela, moderna, estilizada, educada, competente, inteligente, técnica, que sabe o que faz). Igualmente, sua operação discursiva de 'limpeza ideológica' recorre a valores 'do bem' que atribui à direita (família, deus e honestidade). Em contraposição, associa à esquerda uma série de desvirtudes.

Em toda sua interpelação, faz uso (e abuso) de uma linguagem afetiva ao eleger a esquerda como objeto de sua raiva e ressentimentos. Uma fala emocional que recorre a diferentes planos de contraposição para, por fim, afirmar a superioridade técnica e moral da (nova) direita⁵³.

Sua narrativa ganha hiperbólico e passional, tomada por uma oratória radicalmente antipetistas, com argumentos, ideias e sentimentos extremados e negativos, corporificados no Partido dos Trabalhadores (para ela, conluio de ladrões do povo, bandidos, assassinos, desqualificados). Este, tornado metáfora e metonímia da 'Esquerda-do-mal', encarnada em pessoas - Lula (por ela xingado de mentiroso, cachaceiro, ignorante), Dilma (por ela desprestigiada como safada, sem-vergonha, despreparada, alucinada), Haddad (por ela definido como prefeito incompetente), Alexandre de Moraes (por ela associado à esquerda, subornado por Lula e advogado do narcotráfico, que, igualmente, relaciona ao PT) - e em plataformas coletivas como os Fóruns Sociais (um suposto instrumento de expansão da esquerda no mundo).

Como uma 'metralhadora verbal', dirige sua raiva aos sujeitos e coletivos progressistas, em sua visão definitiva e unicamente culpados pelas moléstias do Brasil.

Conforme apontam muitos analistas sobre a direita radical, no plano externo (Wodak, 2020; Van Dijk, 2023a; 2023b) e interno (L. F. Miguel, 2019; J. Souza, 2019; C. Rocha, 2023 e outros), de forma metodicamente elaborada e eficaz, políticos, partidos, minorias, grupos e movimentos sociais são usados como "bodes expiatórios" à instrumentalização política em seu projeto de tomada de "corações e mentes".

No caso brasileiro, a apreensão do PT como o único e maior causador de nossos males e mazelas, algo que efetivamente ele não é, serve não apenas para impingir a culpa a outro, no lugar do verdadeiro responsável.

Como dito antes, isso representa também uma forma seletiva e simplificada de tratar questões políticas e socioculturais complexas, culpando tudo e todos de esquerda como verdadeiras 'desgraças morais'.

Ao fim e ao cabo, para ela (e outros), nos ombros da esquerda/PT e de seus apoiadores recaem a culpa e todos os males. Em sua maneira de ver e viver no mundo, os "*esquerdistas*" eram não só responsáveis pelas tragédias e moléstias do Brasil, mas também por seus (dela) próprios infortúnios e "*desgraceiras*"⁵⁴.

⁵³ "A *antiga direita*, era mais rude ... a *nova direita* são os caras mais estilizados ... entendeu? É *uma maravilha*. Os pontos positivos da direita são muito maiores do que os pontos positivos da esquerda ... Eu não posso mais ser da esquerda, eu *odeio a esquerda*, eu não gosto da esquerda ... A *direita, ela acredita na família, deus, eu também acredito em deus. É ... são honestos, a grande maioria*. E ... quando eles tão no governo, eles fazem alguma coisa pelo povo, *entendeu?* ... Eu achava que a direita era ruim, né? Só que a '*nova direita*' ... é *uma direita nova, com gente nova; é outro, é liberal*, entendeu? *Empreendedor* ... Num é os militares ... porque *os militares hoje em dia eles são técnicos, entendeu?* Eles são muito *inteligentes, sabem falar sobre tudo*, são muito *educados*. Meu, *um espetáculo* ... *A antiga direita ... matava, torturava*. Quer dizer, *isso que me enfiaram na cabeça, eu não sei se realmente foi assim*. Mas, por outro lado, *eles também eram honestos*, porque os militares, que foram *antes ... nenhum deles ficou rico, e hoje os 'esquerda' tão todos MILIONÁRIOS*" (grifos meu).

⁵⁴ "Dilma ... *Safada, sem vergonha* ... Eu nunca gostei da esquerda, nunca ... a *esquerda é uma mentira*, entendeu? ... *Eu ODEIO a esquerda* ... *Roubam MALAS de dinheiro*, entendeu? ... *Eles roubam o povo e não deu nada pro povo, nada, nada, NADA!* ... *Os de 'esquerda' não sabe nem lê, nem escrevê*. Como é que *um cara [assim] vai dirigir um país, como é, como, como o Brasil?* [tom exaltado] ... *então lá só tem*

O mesmo tom de desaprovação identifico em outro 'convicto', ao recorrer a atributos morais para definir aqueles 'de' e 'do' bem (a direita 'impoluta', confiável, como ele próprio) e os do 'mal' (a esquerda desajuizada, interesseira, como alguns conterrâneos migrados ("*petistas, esquerdistas*") com os quais teve conflitos, impasses e desavenças. Aliás, a recorrente adjetivação de 'petista' está impregnada dessa carga valorativa negativa.

Todavia, nunca se referem ao termo 'bolsonarista' quando aludem a partidários de Bolsonaro mais 'radicalizados' (destinando os estigmas apenas aos 'petistas'). Na ocasião, pediu desculpas pelas afirmações porque sabia que "*eu era do PT*", pontuando que "*havia exceções*".

Em seu 'juízo', "*as pessoas de direita são honestas, sinceras e sabem a 'verdade' das coisas*", sublinhando que também poderiam "*terminar doutrinadas*" porque "*há gente que não tem esses valores dos dois lados*". Já as de esquerda tendiam a ser "*desequilibradas e perigosas porque têm projeto de poder e dinheiro*", considerando ambos como "*a medida do mundo*".

Em forma de 'alerta', afirmou: - "*como em outros lugares no mundo, o Brasil estava impregnado dessas pessoas e políticos*". Segundo ele, uma rota e rumo arriscados porque "*hoje, o perigo é que desse 'caldo' vem aquilo que considero 'terrível': o socialismo e o comunismo*" ... *Um sistema que matou 150 milhões de pessoas no mundo, em vários lugares. Muito mais que qualquer guerra*".

Por diversas vezes enfatizou a quantidade precisa (a mesma referida por diferentes interlocutores, do mesmo 'campo') e relacionou a esquerda ao projeto de "*dominar o mundo*".

Outro interpelou sobre supostas equivalências e criminalizou a política e seus agentes em termos bem genéricos (que usam privada e indevidamente o dinheiro público). De forma vaga, 'simplista' e autorreferida, equiparou distintas personalidades políticas e diferentes processos sociais.

Ao longo de toda interpelação, fez questão de demarcar sua decepção, desinteresse e descrença e sintetizou as diferenças de tendências, propostas e pautas a "*uma guerra de candidatos*". A metáfora da política como 'guerra' indica uma conexão imediata a eventos disruptivos - luta e disputa por poder, violência, agressões, destruições, morte de inocentes etc. -, que endossam sua ideia (e de outros partidários do 'capitão') de política como demérito.

Nesse ritmo de redução e simplificação, argumentou que "*direita e esquerda é tudo igual*", comparando a correspondência à oposição entre Espanha e Catalunha. Implicitamente, fez aproximações entre uma Espanha à direita e uma Catalunha à esquerda (nada menos acurado que isso), corroborando sua posição 'unionista', antes declarada.

Sua sublinhada 'neutralidade' incorre em banalização de situações complexas, próprias ao domínio da política. Ao 'depreciar' a atividade ("*roubalheira danada*", "*só piora*") parece interpelar sobre sua autoimagem de "*cidadão*", algo relativamente valorizado aqui, em comparação de sua experiência no Brasil.

Todavia, sem avaliação precisa, face à obrigatoriedade do voto, se representa como 'cumpridor de responsabilidades cívicas', cuja saída era escolher o "*menos pior*", sem macular sua autorrepresentação de alguém "*neutro e informado*" (politicado?), e sem dimensionar as consequências de uma escolha 'asséptica'.

Na urgência do 'tempo-da-vida', o domínio da política é um campo restrito (minado) que não merece sua atenção e, portanto, enfatiza em forma de valor (positivo) sua imparcialidade e desinteresse por 'política' (ideológica ou partidária). Talvez, uma maneira de justificar para si, e para mim, seu despreço e descrédito numa seara, em sua perspectiva, 'contaminada' por banalidades ("*besteiras*") que impossibilitam que

bandido, entendeu? ... Eles querem fazer o Foro de São Paulo, o Lula fez, um, **os lugares onde têm esquerda na latino américa, acabaram com a Venezuela, entendeu? Acabaram. Cuba é uma desgraça, aquilo lá. Num tem comida, num tem nada [tom de irônico]** ... a esquerda, no Brasil e na América Latina, e **eles querem fazer uma 'esquerda mundial'**, né? ... Num é que eu acho que ... todos são filha-da-puta, não são. Muitos são **enganados**, entendeu? Outros são **burros e outros são ... ignorante**. Tem que ser muito ignorante prá num vê as mentiras. O **cachaceiro que ele é [Lula]** ... O **cara cachaceiro, dando discurso, falando um monte de besteira, né? A Dilma que num sabe nem falá, a Dilma é um desastre** ... A **mulher ... parece que tomou um ácido ... num fala coisa com coisa** ... O **Haddad foi prefeito de São Paulo, não fez 'bosta nenhuma', nada, nada!** O **outro ... malas de dinheiro num apartamento, pegaram, agora tá no governo de novo. Todos ladrão que foram presos, tá tudo soltando, porque os do Superior Tribunal lá eles são amigo, né? O Alexandre de Moraes era advogado do PCC [facção criminosa paulista que comanda o tráfico de drogas e armas]** (grifos meu).

“coisas boas” aconteçam para a população (devido uso de impostos, melhoria de serviços públicos, alimentação de qualidade e acesso a bens e serviços)⁵⁵.

Outra declarou que a direita personificava “*uma sociedade tranquila, que valoriza a família, casa, comida e trabalho*”. Uma ‘tranquilidade’ que significava, para ela, “*viver bem*” como se vivia na “*Espanha de Franco*”. Essa referência alegórica borra um passado de ditadura prolongada (1939 - 1975), violenta e de graves consequências sociais.

De forma figurativa, representou o período ditatorial como a encarnação da direita, misturando contextos e sublinhando que se falava muito (mal) de F. Franco e dessa época histórica. Contudo, declarou, viveu em Madri, nos últimos três anos do governo franquista, e “*as pessoas estavam satisfeitas*”.

A meu ver, recorre à suposta ‘autoridade’ de seu ‘testemunho’ (de quem viveu lá, naquele momento) como forma não consciente de encobrir seu negacionismo, e mesmo, ‘revisão histórico’ (além da metonímia implícita de que Madri representa ‘a’ Espanha). Sem declarar explicitamente, deixa à mostra também sua afinidade e filiação com uma matriz cultural conservadora e, sobretudo, reconhecidamente repressora.

Apesar de ressalvas ‘protocolares’, associa a esquerda a ‘desordem’ na sociedade, no mundo, no Brasil. Ao pontuar haver diferentes tipos de ‘esquerda’, em menção ao passado ‘comunista’ da família, sublinha ter sido criada numa “*família de comunistas normais, pacatos*”. Fiquei surpresa com esse *background* familiar porque advogava posições muito ‘anacrônicas’.

Antes, disse, conversava sobre comunismo, quando “*não entendia, mas agora entende bem o que é*”, alegando haver “*várias formas de ser de esquerda, tranquilo ou anarquista*”. Argumentou que “*os anarquistas só sabem gritar, bagunçar e quebrar ... os bagunceiros são mais os de esquerda*”, apontando um conflito geracional porque eles “*transmitem aos jovens, que são mais fáceis de ser influenciado*”. De forma implícita, associava a opção à esquerda como algo da ‘juventude’. Ou seja, ‘coisa que passa’, ‘nada sério’, tipo ‘rebelde sem causa’⁵⁶.

Tudo isso para legitimar um governo (Bolsonaro) agente de medidas autoritárias e reacionárias e responsável por incontestável má gestão do Estado e da sociedade, considerando ‘mito’ “*uma inspiração*” que trouxe progresso e evolução ao país. Em sua ‘ficção’, o ex-presidente personificava o referido ‘estado-de-bem-estar’ que atribuía à sociedade espanhola da ditadura franquista.

Em tom de confirmação, pontua que ele havia criado e espalhado pelo Brasil “*bons colégios militares*”, no padrão do colégio Pedro II e da Escola Normal (modelos de excelência). Em sequência, sublinha a importância das Escolas Militares porque “*a disciplina para uma criança é fundamental*”. Mais ainda, acha muito bom “*usar uniforme porque ninguém é melhor que ninguém*”. Só falta a alusão ao seu governo como o provedor de ‘casa, comida e trabalho’ (segundo ela, referências do “*viver bem*”, como na Espanha franquista).

⁵⁵ “*Você paga o IPVA caríssimo ... Prá ter as estradas horríveis. E ... tudo, os impostos das comidas, de tudo ... num tem como, não sei como as pessoas conseguem viver no Brasil, né? Digo que sobrevive ... Se paga os impostos, mas você não vê, entendeu? Ai você vê nas notícias que o presidente tá em Paris, é ... uma, um jantar de 100.000 euros, sabe? ... É, mas tem que votar no menos pior, porque ambos ... nada, ninguém presta, entendeu? A cada ano que passa a gente vai tendo menos confiança na política, sabe? ... Sim, o voto é obrigatório, mas se eu sou neutro nessa questão de política, porque ... é uma roubalheira danada ... cé vé que passa governo, entra ano, sai ano, e a coisa só vai piorando, sabe? Ou é um, ou é outro, você vê que as coisas num tem melhora ... É, então, eu não me êntero muito de política, ... tem algumas pessoas que eu vejo como uma guerra, sabe? ... como a Catalunha com os espanhóis, sabe? Acho ... uma besteira, acho que a pessoa tem que se focar em coisas boas, o que que vai fazer com o país ... Direita, Esquerda ou catalão com espanhol*” (grifos meu).

⁵⁶ “*Sim, já mudei de tendência ... Porque eu fui criada numa família de comunistas, comunistas ... , então, claro, eu com 17,16, 17 -18 anos, ... o sangue tá fervilhando, então eu era comunista ... Prá mim, tem várias formas de ser de esquerda. Tem ... uma esquerda mais pacata, uma esquerda mais ... tranquila. E tem outro tipo de esquerda que são mais anarquistas, né? ... Como ser alguém de direita? Eu vou te dar um exemplo muito simples. Eu cheguei aqui em 72 ... estava um senhor, que era um ditador ... Com esse ditador, as pessoas, é ... tinham um outro tipo de vida ... as pessoas estavam satisfeitas, né? Só que, basicamente, quem estava insatisfeito com essa, com essa ditadura, com este senhor que estava aqui, eram as pessoas que queriam criticar. Quer dizer, isso ... a Democracia ... quem criticasse essa pessoa, ia presa, né? Você não podia falar ... Mas a sociedade, [ênfase na palavra sociedade], a sociedade, vivia muito bem, né? A sociedade espanhola, vivia bem. Tinha segurança, tinha comida, tinha dinheiro, tinha emprego, né?... eu acho que a família, a família, a família, tá? Tem que ter uma base e a base é uma casa, comida, trabalho, tá? ... Se você tem uma casa, comida e trabalho, você vive bem ... Eu acho que aí, é onde tá a Direita*” (grifos meu).

As muitas narrativas destacadas elucidam posicionamentos simbólicos manifestos no fluxo dos contextos e situações comunicativas mais amplos (dos contatos e mensagens iniciais ao *making off* das entrevistas), ocasiões nas quais apreendi um modo de interpelação singular.

Junto à demanda por distinção, afinidades de classe, simplificação analítica, dissonâncias e dissimulações retóricas, conforme apresentado antes, **as diferenças valorativas entre as orientações políticas de direita e de esquerda recaem em representações mais abrangentes sobre formas de ser, estar e pensar o mundo, e mesclam traços de caráter e comportamento e visões de modelos de governo e sociedade**, embaralhando política e políticos.

Em forma autorreflexiva, as narrativas observadas parecem ir performando esses sujeitos no contexto de suas interpelações, manifestas muitas ordens: **no irredutível campo das emoções, face às demandas subjetivas por diferenciação e reconhecimento, nas avaliações sobre os acontecimentos no Brasil e no âmbito de seus posicionamentos e opiniões político-partidárias**. Sob minhas lentes, essa sinuosa dinâmica, em parte, singularizava os entrevistados (e outros) e me instigava a melhor ouvir o que tinham a dizer.

Em suma, seus argumentos recorrentes deixam à mostra o quanto e como a agenda e a retórica neopopulistas seguem “firme e forte” nas redes sociais (físicas e digitais) e o tanto que mobilizava “corações e mentes”. Independente da vitória eleitoral e do tempo transcorrido de nova gestão democrática, a disputa de narrativas permanece como estratégia central no neopopulismo brasileiro, em conluio com a ultradireita internacional. Afinal, ilusões e distopias junto a antipetismo exaltado continuam alimentando desejos, discursos e ações à reconquista de poder e de controle social que representam a antítese do almejado projeto republicano.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Nestas considerações finais quero retomar brevemente questões assinaladas que considero fechados de entrada à reflexão aqui apresentada, sobre visões sociopolíticas e posicionamentos simbólicos identificados nas entrevistas do **primeiro grupo do projeto “Um Pedaco do Brasil na Espanha” (G1)**. E, para concluir, aspiro também pontuar limites que pude identificar mais claramente ao longo da interpretação realizada.

De imediato, ressalto a **variabilidade relativa dos perfis dos sujeitos investigados do G1**, embora todos eles estejam alinhados a uma cesta de ideários (neo)conservador. Identificar essa diversidade concorreu ao distanciamento da maneira relativamente naturalizada como, algumas vezes, têm sido apreendidos partidários do ex-presidente brasileiro e conservadores. Ou melhor, em geral, sujeitos a procedimentos analíticos e juízos de valor que tendem a representá-los com uma conformidade que não comportam.

Ao apresentar os principais elementos empíricos construídos na pesquisa - indicadores, sujeitos, situações e dados básicos -, **busquei prefigurar unidades e dessemelhanças**. Em especial, sua caracterização em dois subconjuntos - ‘convictos’ e ‘comedidos’ - foi senha importante para desconstruir representações genéricas, bem como para lançar luz sobre nuances e plasticidades desses brasileiros emigrados.

Em maior ou menor nível, **seus enunciados continham elementos alinhados ao ideário conservador** - como exaltação ao passado, tradicionalismo, convencionalismo e reacionarismo em relação a mudanças socioculturais, relativo autoritarismo e defesa do militarismo (do ordenamento à repressão), anticomunismo, ‘antiesquerdismo’ e antirrepublicanismo no tratamento das esferas política, pública e social - **sobrepassados por interpelações moralistas**.

Todavia, esses sujeitos **apresentam tanto biografias e itinerários distintos, quanto diferentes graus de adesão aos referidos ideários**. E, mais ainda, a referência a eles é fortemente relacional, conforme contextos e situações discursivas específicos (mais ou menos reativos, fluidos, ocasionais e/ou casuais), face à ‘necessidade de fala’, comum a todos.

A especificidade do **modo como narram situações, emitem opiniões e argumentam**, ajuda o exercício de identificar aspectos subjacentes ao que está sendo enunciado por eles. Explicitar contextos comunicativos tem como propósito desconstruir alguns (pre)juízos acerca da forma como pensam e o que

eles têm a dizer/querem dizer, reconhecendo aqui **um compreensível ‘desejo de falar’ e uma relativa ‘disposição de falar’** (ao menos, dentro de suas ‘bolhas de convivência’, físicas ou virtuais).

A demanda, consciente ou não, por distinção positiva, apreendida nas histórias e trajetórias contadas, como busquei apontar, indicam que a experiência de migrar e a vida no estrangeiro aportam dimensões identitárias socialmente valoradas por eles e pelos ‘seus’ que estão no Brasil.

Além disso, **a ausência de crítica ‘fina’ em relação ao governo, gestão e personalidade de Bolsonaro, sugere que na maioria predomina uma forma cognitiva que caracterizo como ‘acritico-sintética’.**

Mais ainda, **suas enunciações sobre a clássica divisão entre direita e esquerda recaem, predominantemente, sobre atributos morais e identitários e não necessariamente representações ‘amarradas’ a ideologias absolutas e posições fixas.** Essas dinâmicas e dimensões tanto os aproximam de um corpo de valores, quanto sugerem a vontade e o exercício da fala como ‘demandas’ à incorporação desses valores (e outros) e à depuração de suas subjetividades.

Em seguida, quero recuperar **os pressupostos preliminares que orientaram o projeto, à luz das referências indicadas pelo trabalho empírico.** Conforme a proposta original, busquei apreender **o que significaria hoje alguém se declarar como de ‘esquerda’ ou de ‘direita’ (Q1), se ‘viver no exterior’ aproximaria (ou não) esses emigrados de perspectivas, experiências e condutas pertinentes à vida democrática, mais progressistas e cosmopolitas (Q2) e qualificar seus modos de argumentar sobre eventos sociopolíticos fundamentados em distintas matrizes para apreender, compreender e interpretar a experiência social (Q3).**

Em relação ao primeiro **(Q1)**, o longo de nossa interação, identifica-se **uma disposição avaliativa sobre as experiências individuais e coletivas manifesta em aproximações e estranhamentos com pessoas, governos, programas partidários e pautas de políticas sociais associados à direita e à esquerda.**

Majoritariamente, mencionam **a importância e o crescimento atual da direita como um salvo-conduto** a possíveis contestações críticas à reemergência e força dessa posição política em tempos atuais. Mas, também, apreende-se aqui um tipo de **autorrepresentação positiva para indicar que representam uma ‘renovação’, face a estruturas políticas e sociais tão ‘viciadas’, ‘fissuradas’ e ‘desgastadas’.**

Igualmente, talvez, atestar sua relevância (da Direita) seja **uma forma, mais ou menos explícita, de ‘justificar’ sua adesão política.** Ou mesmo, de defender e se alinhar às prerrogativas ‘neodireitistas’ vigentes no cenário político brasileiro dos últimos dez anos, **sem ‘caricaturar’ o perfil deles** como partidários do ex-presidente (a contestada e desgastada imagem de ‘bolsonarista’).

Em geral, posições apartadas onde não há “meio termo”, **ser de direita ou de esquerda envolve uma ‘disputa moral’.** De forma menos ou mais deliberada, suas considerações a respeito operam como abonos aos ‘modos neodireitistas’ de ver, pensar, dizer e fazer, que vêm controlando grande parte da política e da sociedade brasileiras hoje, sem o ônus de serem politicamente desacreditados e desconceituados.

A emergência dos discursos e práticas extremistas e a aderência disso no corpo social endossam a percepção da necessidade de ‘falar’ de indivíduos e grupos insatisfeitos com as prerrogativas de nosso Estado democrático.

Nesses termos, **a perspectiva laudatória sobre a expansão da direita representa, também, uma maneira de demonstrarem desaprovação com de governos (passados e atual) e as agendas progressistas da gestão política do Partido dos Trabalhadores.**

Assustados e reativos a problemas (reais e/ou imaginários) inerentes à complexa experiência democrática, responsabilizam o PT e seus partidários por “tudo e qualquer coisa”: a sensação de escalonamento da corrupção política e malversação da máquina pública, a insegurança pública e criminalidade violenta, a ‘perda de valores e desordem’.

Considerando nosso conservadorismo atávico e as transformações políticas, econômicas e sociais recentes, nestas duas décadas do novo século, aqueles alinhados a uma visão de mundo tradicionalista deram sinais de que precisavam e se dispunham a falar. Para tanto, era necessário, apenas, acessar meios e modos próprios, deixando em evidência o esgarçamento da ordem democrática (no sentido de tensionamento e menos de ruptura) e se movimentando para contestar esse ordenamento.

Reféns da retórica extremista, acreditam e propagam apologias negativas e exaltação de crises, riscos e ameaças sociais, e ‘denunciam’ subversão de valores morais e liberalização de costumes: a ‘censura’ da lei, em detrimento da ‘liberdade’, o pluralismo e cosmopolitismo, a ‘desordem’, insegurança e quebra de hierarquias, a prática de corrupção e apropriação da máquina pública, o fortalecimento, intervenção e laicização do Estado, as políticas sociais inclusivas e a distribuição de direitos às ‘minorias’, o investimento em educação, ciência e cultura, e a ‘desestruturação’ da ‘ordem’ - família, normas e valores ‘do bem’ -, dentre outros.

Tudo que temem e ‘amaldiçoam’ está associado à Esquerda (‘do mal’), em enunciações relacionadas à pauta conservadora, que se contrapunha a prerrogativas republicanas. No limite, talvez, tudo de que precisavam era ‘um Bolsonaro para chamar de seu’, encontrando neste ‘anti-herói’ um caminho de vocalização à **recusa deles em aceitar e participar de um projeto social que, aos seus olhos, ameaçam seus projetos e prerrogativas, sejam de aquisição, defesa ou manutenção benefícios e privilégios.**

Outra dimensão dessa mesma demanda (antes reprimida) por ‘voz’, é que, **ao endossar e legitimar as redes sociais** (especialmente, as digitais) **como forma efetiva de democratização do debate político, demonstram uma associação positiva desses meios com a esfera política (neo)direitista** (governos, administradores e agentes públicos, técnicos e organizações).

Sem exibir dúvidas ou vacilações, é como se **os meios e modos transpusessem os conteúdos que estão sendo veiculados, atestando a veracidade dos ditos**, por mais inconsistentes que pudessem ser (digitalização da ‘verdade’). Sem contestação, políticos, apoiadores, programas, canais e grupos virtuais são vistos e reconhecidos por eles como enunciadores de ‘verdades’ - contra supostas mentiras, traições, enganações e projetos de poder da esquerda, ‘metonimizada’ no PT, em suas ‘estrelas’ (Lula, Dilma, Haddad) e demais representantes -.

Mais ainda, indicam **uma ultrapassagem e sobreposição da esfera doméstica** (cotidiana) **ao domínio público** dos acontecimentos sociais. No ambiente digital é como se as batalhas e disputas políticas e discursivas se dessem “no quintal de casa”.

Em nenhum momento aludem a aspectos negativos em torno do uso político, da instrumentalização do debate e da banalização das questões político-sociais, próprios à retórica neopopulista (digitalização da política). Em consonância com o que tem sido veiculado e debatido nas redes sociais, aqueles mais ‘convictos’, mostram-se politicamente cooptados.

No que se refere ao segundo pressuposto (Q2), identifica-se também **uma necessidade de distinção positiva, relacionada não só a seu alinhamento político à direita (‘do bem’), mas também ao status associado ao ‘viver-fora-do-Brasil’.**

Face às vivências na terra natal (no plano pessoal e coletivo), além de dimensões objetivas, migrar figuraria renascimento material e simbólico sob novas (e melhores) condições numa ‘Europa civilizada’, se comparada às contradições da experiência social brasileira. Como assinalado por muitos, mesmo que o preço pago por ‘aventurar-se no Velho Mundo’ seja um afastamento físico, operacional e funcional, de suas redes originárias de sociabilidade.

O fato de **terem à mão bens e serviços públicos e sociais**, nem tão disponíveis numa sociedade marcada pela desigualdade estrutural, como a brasileira, **é um diferencial que qualifica sua vida no exterior.** Acessos que, definitivamente, facilitam contatos e trocas com formas de vida e demais manifestações políticas, sociais, artísticas e culturais.

Em termos comparativos, **a entrada num mundo mais cosmopolita**, como o europeu, **não garante a participação deles nos códigos desse ‘outro mundo’, nem converte suas experiências e valores mais arraigados.**

Penso que transformações de caráter ontológico são processos abrangentes. Como ‘aprendizados’, necessitam muito tempo de ‘maturação’ e precisam ser experimentadas em nível coletivo. Ou seja, vividas não só no plano individual e apartado, mas também pelo seu ‘entorno’ mais próximo (e devem contar em muito com esse circuito).

De forma impressionista, observo que, nos sujeitos entrevistados, **os acessos e fruições, devido ao ‘viver na Europa’, mostram-se relativamente comprimidos à dimensão do ‘consumo de mercadorias’**

(serviços sociais, viagens, produtos e lazer). Numa sociedade 'ainda' de 'classes médias', sem dúvida, mais disponíveis e acessíveis do que no Brasil. Na maioria, não se identifica práticas que sinalizem deslocamentos mais subjetivos e interrogações de naturezas existencial e coletiva (para além de seu 'entorno imediato'), decorrentes desse intercâmbio de 'mundos'.

Em termos de atuação e engajamento social, por exemplo, não atuam em atividades associativas (apenas na Igreja e no âmbito 'assistencial'), não participam em suas comunidades, não se engajam em organizações políticas, não votam internamente, na Espanha nem no parlamento europeu (mesmo que quatro, dos seis, tenham cidadania espanhola), nem apoiam ativamente causas sociais como migração, meio ambiente, minorias ou justiça social.

Em contraste com segundo grupo de entrevistados (G2), me parece que **esses brasileiros reproduzem na Espanha** (no âmbito das relações, dos hábitos e costumes, das formas de consumo e demais modos de vida) **aquilo que os fazem se sentir 'mais perto de casa'**, conforme suas práticas e visões de mundo, redescobrimo e reinventando um Brasil-do-além-mar.

Quiçá, por isso, o uso exacerbado de tecnologias virtuais desempenhe um papel crucial. Conforme depoimento de todos, o advento da internet ajuda, em muito, a 'pagar essa conta'. **Em contraponto à suposta falta de engajamento político-social, participam intensamente de redes digitais de discussão 'do' e 'sobre' o Brasil.**

Embora o uso exaustivo das tecnologias digitais seja 'global', e no Brasil uma 'febre' que faz com que grupos populacionais específicos permaneçam 'plugados' aproximadamente nove horas ao dia, talvez, no caso deles isso ganhe outros contornos. Assim como observei na experiência de outros, poderia indicar **uma forma de aproximação (física e simbólica) ou, mesmo, de 'restauro', mediante uma irremovível sensação de 'estar-fora-de-lugar'**. Claro, essas conjecturas sobre 'situação e condição migrante' exigem maior especificidade e mais investigação.

Em relação ao terceiro pressuposto (Q3), **a ampla maioria dos entrevistados apresenta alegações e emite opiniões com reduzida criticidade e excessiva generalização**. Alguns 'achados' empíricos são exemplares dessa forma 'acrítico-sintética' de refletir sobre o mundo e suas questões. O que me parece evidente em características como: desalinho entre conhecimento e opinião, simplificação argumentativa e excesso de generalizações, baixas responsividade e capacidade dialógica, interpelação hiperbólica e enviesada, imputação seletiva e dificuldade de apontar aspectos objetivos sobre questões polêmicas, sobreposição e supressão da fala do interlocutor, aferição afetiva, dentre outras.

Apesar do desejo de falar, parecem declinar suas dúvidas e inquietações inerentes às complexidades do tempo presente. **Sem demonstrar abertura à escuta e priorizar abordagem objetiva, de modo sintético, recorrem ao sedativo ambiente das redes** (físicas e virtuais) para confirmar e reforçar um sistema de convicções que simplifique as contradições da experiência sociopolítica atual.

Sem relativização, as avaliações negativas sobre a esquerda e o PT (alvo frequente de críticas contundentes) **enviesam a discussão em pauta**. Em particular, observa-se **uma assimetria no tratamento de controvérsias que mobilizavam o cenário político nacional à época** (em relação à polarização direita vs. esquerda, Bolsonaro vs. Lula, (neo)conservadores vs. progressistas, autoritarismo vs. democracia, dentre outras) **e, sobretudo, na ausência de crítica sobre conteúdos desfavoráveis ao 'bolsonarismo' e acerca da retórica neopopulista**.

Um último moto a retomar refere-se à **especificidade desse ambiente virtual que frequentam**. Na lida e busca por compreender parte de sua complexa dinâmica, penso que, sem dúvida, **o fenômeno comunicacional da internet manifesta-se hoje como um 'fato social de dimensões totais'**.

Em livre referência aqui à clássica reflexão de M. Mauss, é indiscutível a capacidade de englobamento das mudanças provocadas pelos meios digitais na vida sociocultural e política atual. Igualmente, como estes contribuírem à sobreposição das esferas pública e privada, tão 'ao gosto' de nossa época. Ambiente no qual, paradoxalmente, vão se encurtando tempos e distâncias, mas concorrendo ao alargamento do fosso que separa sujeitos, grupos, comunidades inevitavelmente 'plurais'.

Essas propriedades estão manifestas nos **impactos, extensão e significados atrelados à digitalização da vida social que incidem sobre vivências subjetivas e coletivas** - tudo, todos e em quaisquer lugares

do mundo hoje -, **solapando vários domínios materiais e simbólicos da experiência social (ideologia, política, comunicação, cultura, religião, dentre outros).**

De forma não inteiramente deliberada, nesse sistema de intercomunicação relativa autonomia vai se constituindo e ampliando o escopo de abrangência das matérias tratadas e dos sujeitos alcançados. Essa dimensão totalizante, projetada à luz de situações e dados de campo, permite capturar três aspectos que, nos limites de minhas lentes, qualificam esse ecossistema informacional: **o modo performativo dessa midioesfera digital (MD), a dimensão metapolítica das matérias ali abordadas e a instrumentalizada mobilização afetiva decorrente.**

Espero ter logrado em discutir parte disso ao longo deste texto, ao qualificar as **'narratividades reflexivas'** dos entrevistados, que, notadamente, potencializam-se nas redes de sociabilidade virtuais (interpretadas em três dimensões: **discriminação subjetiva, seletividade crítica e juízos políticos**). As outras amplitudes apreendidas (a esfera metapolítica e a afetividade 'funcional') pretendo explorar parte delas em próximo escrito, no qual discutirei o segundo coletivo de brasileiros emigrados, de perfil progressista (G2), em perspectiva comparativa, em relação a questões identificadas neste primeiro grupo (G1).

Para concluir, quero mencionar brevemente **algumas limitações da reflexão realizada.** Sem dúvida, encontrei **barreiras e obstáculos teórico-metodológicos.** Apesar do entusiasmo e empenho, foram muitas dificuldades à interlocução com um número mais expressivo de emigrados, partidários de J. Bolsonaro.

Em contraste com a relativa facilidade de interlocução, nos meses de campanha eleitoral (quando cheguei a participar de grupos de WhatsApp de eleitores do ex-presidente), na pesquisa empírica, mesmo acessando tantas pessoas (70 contactadas diretamente, 37 admiradores do ex-presidente), só consegui interagir 'etnograficamente' com seis deles (transformados em 'informantes-chave').

Isso diminuiu as chances de ampliação do material analítico sobre esse perfil de conterrâneos. Igualmente, após nossas 'conversas-estendidas', a retomada do contato com eles não teve o retorno esperado. Embora tenha me reunido com quatro, muitas das questões que pretendia retomar terminaram deixadas de lado. Além disso, tendo como medida esse conjunto de entrevistados do G1, fui levada a reduzir a interlocução com o outro grupo estudado na pesquisa (G2), e mesmo a comedir parte das conjecturas sobre este segundo coletivo. Contudo, pude interpretar dados indiciais sobre suas percepções acerca da realidade sociopolítica brasileira dos últimos dez anos.

Avancei, também, no entendimento de que **análise de discurso crítica (ADC) não se remete, nem se reduz, à esfera metodológica, representa um campo (multi)disciplinar para a compreensão e interpretação de múltiplas práticas e representações 'de' e 'sobre' o mundo.** E, mais ainda, compreendi que essas dimensões se materializam em 'discursos', objeto por excelência do referido campo.

Todavia, tenho consciência de não ter tirado o devido proveito desse entendimento, **reconhecendo aqui meus limites no domínio dos estudos da linguagem.** Caberia ter explorado outros elementos, como léxicos e tópicos, estruturas e figuras discursivas nas conversas com os sujeitos-chave, aspectos cognitivos e pragmáticos de seus enunciados, multimodalidades das mensagens trocadas, dentre outras dimensões tão instigantes à análise crítico-discursiva.

Porém, não estava/estou capacitada para tal ousadia. Diante desses 'limites inevitáveis', no exame dos universos empíricos e dados construídos, **terminei conduzindo meu olhar e escuta para aquilo que me é 'familiar', examinando certos aspectos cognitivos (ideários, valores, conhecimentos) e sociais (sujeitos, perfis, interação) dos discursos observados.**

Explorei mais contextos e indicadores socioantropológicos do que especificidades linguísticas das narrativas examinadas. Contudo, me resenti de **não ter realizado mais análises temáticas** (prerrogativa instrumental da 'liberdade', defesa da 'ordem e militarização', criminalização e moralização da política, simplificação e seletividade da 'corrupção', dentre outros) e, sobretudo, **não ter explorado categorias nativas dos tópicos em discussão** ("esquerdistas", "petistas", "lulentos", "mimimi", por exemplo). Afinal, decantar o cotejo entre categorias analíticas (eixos discursivos) e 'predicamentos locais' seria bastante rentável à reflexão.

Por fim, não examinei muitos atributos presentes nas narrativas. Em especial, me frustrei por **não ter podido esquadriñar devidamente aspectos da experiência migrante, das trajetórias às interpelações**. Gostaria de ter conjecturado mais sobre indicativos observados em campo, que eles alegam compartilhar presencial ou virtualmente: característica e funcionamento de suas redes de sociabilidade, compostas majoritariamente de conterrâneos, as expectativas e possibilidades de trazerem outros membros da família para a Espanha, o mapa dos variados sotaques do 'portunhol' e os hábitos e consumos que reproduzem 'brasilidade' (o churrasco do fim de semana, a feijoada na 'La Carioca', as compras no 'By Brasil' e os shows de MPB, tipo "Samba Brasil", por exemplo).

Igualmente, ambicionava **explorar mais e melhor aspectos que os alinham com prerrogativas (neo)conservadoras que defendem** (o moralismo popular pertinente à 'agenda de costumes'; a conduta, decoro e controle reforçados nos grupos de sociabilidade direta (família, amizades, igreja); a sensação de insegurança e perda de ordem e autoridade sobre si, os seus e os outros; o medo e a recusa à alteridade e à vida republicana; a resistência ao novo e à transformação etc.).

Desafortunadamente, elementos que têm concorrido ao recrudescimento de distanciamentos e intolerâncias socioculturais que ameaçam a inclusão de diferenças e minorias, a convivência e sociabilidade abrangentes, a mediação da política e os ajustes inerentes à experiência democrática.

Barcelona, maio de 2024.

REFERÊNCIAS

BESEN, Beatriz (2023). "NOS LIMIARES DO(A) POLÍTICO(A): (des/re)construindo trajetórias e narrativas de jovens ativistas das Direitas Radicais no Brasil e na Alemanha". Tese (Doutorado em Mudança Social e Participação Política) — Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo

COHN, Gabriel (2023). A DIFÍCIL REPÚBLICA. Rio de Janeiro, Azougue.

FERNANDES, Sabrina (2019). "SINTOMAS MÓRBIDOS: A ENCRUZILHADA DA ESQUERDA BRASILEIRA". São Paulo: Autonomia Literária.

GOUVEIA, Patrícia (2024). "BRASIL, MOSTRA A TUA CARA": 2013 - 2023; um contexto sociopolítico em 'marcha' (https://es.discoursestudies.org/_files/ugd/1c2d30_4a309fb12c354b7d80067bae40f3fed2.pdf).

_____ (2023). "UM PEDAÇO DO BRASIL NA ESPANHA: domínio temático-empírico, interações e dados" (https://es.discoursestudies.org/_files/ugd/1c2d30_b89cedd223f34f21bb003d335a2d4573.pdf).

MIGUEL, Luis Felipe (2019). EL RESURGIMIENTO DE LA DERECHA BRASILEÑA, in SOLANO, Esther. (2019) EL ODIOS COMO POLÍTICA: la reinención de la Derecha en Brasil (Boi Tempo/Kata Krac).

ROCHA, J. C. de Castro (2023). BOLSONARISMO: da guerra cultural ao terrorismo doméstico; retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva. São Paulo, Autêntica Editora.

ROJO, César (2023). Curso: TEORÍA Y ANÁLISIS DEL DISCURSO, Barcelona (<https://es.discoursestudies.org/curso-1trimestre2023>).

SCHWARCZ, Lilia (2019). AUTORITARISMO NO BRASIL, São Paulo, Companhia das Letras.

SILVA, Daniel & WON-LEE, Jerry (2024). LANGUAGE AS HOPE. Cambridge University Press.

SODRÉ, Muniz. (2023). O FASCISMO DA COR: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes.

SOUZA, Jessé (2019). O BRASIL DOS HUMILHADOS: uma denúncia da ideologia elitista. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

TRAVANCAS, Isabel e ARDÉVOL, Elisenda (2024). LA DETENCIÓN DE LULA Y LOS JORDIS EN LA PRENSA BRASILENA Y ESPAÑOLA. Centre of Discourse Studies - CDS/BCN. Barcelona, abril, 2024.

VAN DIJK, T. A. (2023a). SOCIAL MOVEMENT DISCOURSE: An Introduction, London, Routledge.

_____. (2023b). THE REACTIONARY RIGHT IS LOSING THE CULTURE WAR. Chapter Routledge Handbook of Ideology Analysis, ed. Matthew Humphrey.

WODAK Ruth (2020). THE POLITICS OF FEAR: The Shameless Normalization of Far-Right Discourse. Sage Publications.
